ESSE CHÃO
É NOSSO

ESSE CHÃO É NOSSO

Instituição de Incentivo à
Criança e ao Adolescente
de Mogi Mirim

DAARAN
EDITORA

Mogi Mirim-SP - 2025 - Editora Daaran

ESSE CHÃO É NOSSO

Esse Chão é Nosso
Histórias e Memórias do Jardim Planalto e Residencial Floresta

Autor: **Instituição de Incentivo à Criança e ao Adolescente de Mogi Mirim – ICA**
CNPJ: 02.030.097/0001-00

Curador: **Danilo Silva Alberti**
Coordenador: **Danilo Silva Alberti**
Editor-chefe: **Felipe Endlich Francato**
Editor: **Hugo Matheus Francato**
Revisora: **Suzete de Freitas**
Conceito de capa: **Louren Costa**
Diagramador Capa: **Rovalde Banchieri**
Diagramador: **Rovalde Banchieri**

1ª edição – 2025
Formato: 14 x 21 cm – 100 páginas
Obra em língua portuguesa

ISBN: *nº 978-65-988428-0-2*

Dados editoriais
Publicação: **Editora Daaran**
CNPJ: 60.766.829/0001-21
Razão social: 60.766.829 Felipe Endlich Francato
Mogi Mirim – SP – Brasil

Gênero: História e memória local / Depoimentos e biografia coletiva

Direitos autorais
© 2025 — Todos os direitos reservados à **Instituição de Incentivo à Criança e ao Adolescente de Mogi Mirim – ICA**.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotográfico, gravação ou qualquer outro sistema de reprodução, sem autorização prévia e por escrito dos detentores dos direitos autorais.

Instituição de Incentivo à Criança e ao Adolescente de Mogi Mirim – ICA.
Esse chão é nosso: histórias e memórias do Jardim Planalto e Residencial Floresta /
Instituição de Incentivo à Criança e ao Adolescente de Mogi Mirim – ICA ;
curadoria e coordenação Danilo Silva Alberti ; editor-chefe Felipe Endlich Francato ;
editor Hugo Matheus Francato ; revisora Suzete de Freitas ;
conceito de capa Louren Costa ;
diagramador e diagramador de capa Rovalde Banchieri ; –
1. ed. – Mogi Mirim, SP : Editora Daaran, 2025.

100 p. : il. ; 21 cm.
ISBN 978-65-988428-0-2

1. História local – Jardim Planalto (Mogi Mirim, SP).
2. História local – Residencial Floresta (Mogi Mirim, SP).
3. Memórias – Depoimentos.
4. Biografia – Coletânea.
I. Alberti, Danilo Silva.
II. Francato, Felipe Endlich.
III. Francato, Hugo Matheus.
IV. Freitas, Suzete de.
V. Costa, Louren.
VI. Banchieri, Rovalde.
VII. Título.

CDD: 981.612

Coordenador de Desenvolvimento Social, Territorial e de Relações Governamentais – ICA: **Danilo Silva Alberti** (Gestor do Projeto Espaço Cultural ICA Planalto, apaixonado pelo trabalho em territórios, pelo fortalecimento de comunidades e pelas políticas públicas).

Impressão e acabamento
Impresso no Brasil
Local de impressão: *Limeira/SP*

AGRADECIMENTOS

Este livro não nasceu sozinho. Ele é fruto de muitas mãos, vozes e corações que se abriram para compartilhar lembranças, dores e alegrias. Agradecemos, em primeiro lugar, a cada morador e moradora do Jardim Planalto e do Residencial Floresta que nos recebeu com confiança, que abriu as portas de sua casa e de sua história. Sem vocês, este livro não teria vida.

Agradecemos também às famílias que apoiaram, lembraram detalhes, buscaram fotografias antigas e completaram as memórias com gestos de carinho.

Um agradecimento especial às lideranças comunitárias, educadores, vizinhos e amigos que, de diferentes formas, ajudaram a registrar e valorizar o território.

À equipe que caminhou lado a lado neste processo — ouvindo, escrevendo, revisando, editando, ilustrando e transformando cada palavra em páginas vivas — nossa gratidão pela dedicação e paciência.

Agradecimentos especiais à equipe ICA:

- Danilo Silva Alberti, pela gestão do Projeto Espaço Cultura ICA Planalto;
- Vânia Coelho, por ser a Articuladora Social do Projeto;
- Vitor Covolam, Everton Matheus de Moraes Adão e Larissa Souza, pelo apoio com as fotos;
- Nato Canto, nosso fotógrafo voluntário;
- Louren Costa, pela contribuição voluntária na direção de arte da capa;
- Tássia Faria, pelo apoio.

Agradecemos a toda a equipe ICA, de todas as suas unidades, que diariamente atua nas comunidades, transformando vidas.

Agradecemos ainda à equipe técnica da Editora Daaran e da Gráfica Conhecimento, pelo cuidado em cada detalhe, e também aos funcionários municipais que auxiliaram diligentemente no levantamento dos dados históricos dos bairros para este livro. Nosso reconhecimento especial pelo apoio e dedicação a Elizeu da Matta Funes, engenheiro civil, e a Maria Teresa Archaf, ambos coordenadores na Secretaria de Obras e Habitação e no Cadastro de Habitação Municipal, respectivamente.

E, por fim, agradecemos à comunidade como um todo, que nos mostrou, com sua força e união, que cada história individual faz parte de uma memória coletiva, e que a soma dessas vidas constrói o verdadeiro patrimônio de um bairro: o seu povo.

Bairro	Lei/Decreto de Criação
Jardim Planalto	Lei nº 1.632/82, de implantação. Lei nº 2.215, de 20/08/1991 (denomina oficialmente o antigo bairro *Este Chão é Seu* como "Jardim Planalto"). Decreto nº 1.968, de 29/03/1985 (denominação de vias públicas). Lei nº 3.332, de 10/04/2000 (altera disposições da Lei nº 1.632/82 – Programa *Este Chão é Seu*).
Residencial Floresta	Projeto Urbanístico aprovado (PNHU – Programa Nacional de Habitação Urbana).

Alguns memoriais técnicos (como o de abastecimento de água e esgoto) calcularam **7 moradores por lote**, mas para efeito de padronização do livro usamos o critério sugerido de **3,1 moradores por lote**. Essa informação média foi obtida no setor de habitação do município. O Jardim Planalto tem registros de denominação e organização desde 1985, mas só recebeu o nome atual em 1991. O Residencial Floresta já nasceu como parte de um programa federal de habitação social.

	Loteamento / Programa	Nº de Lotes	População Estimada (3,1 hab/lote)	Observações
	Programa habitacional *Este Chão é Seu*.	314 lotes (conforme memorial de esgoto de 1985).	**973 habitantes** (estimativa).	Loteamento de caráter social, voltado a famílias de baixa renda. Primeiras casas construídas em mutirão. Gleba total de 140.400 m².
	Programa habitacional de interesse social (0 a 3 salários mínimos).	453 lotes (conforme quadro urbanístico).	**1.405 habitantes** (estimativa).	Localizado próximo à Rua Ângelo Bernard (antiga Rua 6). Gleba total de 239.016 m².

PREFÁCIO

Esse chão é Nosso — Memórias do Jardim Planalto e Residencial Floresta

O mundo não é o mesmo mundo para todo mundo.

Enquanto alguns discutem estratégias globais, outros estão tentando decidir o que vão colocar na mesa do café da manhã. Há quem tenha a liberdade de planejar viagens, e há quem precise calcular se vai sobrar dinheiro para o pão da semana. Para muitos, a vida não começa com escolhas — ela começa com urgências.

Este livro nasce do desejo de ouvir e eternizar as vozes que, muitas vezes, são abafadas pelo ruído dos grandes centros, das manchetes e das estatísticas. Aqui, os protagonistas são aqueles que constroem, dia após dia, as bases da sociedade: moradores do Jardim Planalto e do Residencial Floresta. Gente de carne, osso e sonho. Gente que ama, sofre, trabalha, perde, recomeça. Que vive.

São vozes que falam da luta por dignidade em um mundo que nem sempre reconhece seus passos. Luta para criar os filhos com valores, para manter a comida na mesa, para transformar um campinho de terra batida em campo de futebol. Para abrir espaço onde antes havia abandono. Para que o esporte seja refúgio e futuro. Para que as mulheres possam romper ciclos de violência e encontrar forças para recomeçar.

Reunimos neste volume fragmentos de vidas que falam por si: da trancista que venceu o aluguel e sonha com seu próprio salão ao senhor que, com carinho e insistência, zela pelo campinho das crianças. Da mãe que se libertou de um relacionamento abusivo àquela que, ao ver os filhos se tornarem pessoas boas, reencontra esperança num país tão desigual.

E mesmo quando os caminhos se enchem de luz, também há momentos em que o chão desaparece. Como na fala de uma mãe que perdeu sua filha para o câncer. Ali, no silêncio entre as palavras, o livro nos lembra: a dor de uma mãe não conhece classe social. Não importa o CEP — a lágrima é igual. O luto é igual.

"Fala, meu povo" é um convite à escuta. Uma escuta que acolhe, sem pressa, sem filtro, sem julgamento. Que valoriza o olhar de quem entende que construir um bairro é muito mais do que levantar paredes: é criar laços, preservar memórias e insistir, todos os dias, na possibilidade de um futuro melhor.

Este livro é um ato de resistência e de afeto. É memória viva das esquinas, das cozinhas, dos quintais. É o som daquilo que tantas vezes passou em silêncio. E agora, finalmente, fala.

W.F.Endlich

Escritora, Autora da série literária "A Senhora do Caos"

ESSE CHÃO É NOSSO

ÍNDICE

***Capítulo 1* - A história de Sr. Rubens Stephani:**
Finquei minhas raízes aqui. 08

***Capítulo 2* - A história de Dona Antônia:**
O Chão da Minha Vida.....20

***Capítulo 3* - A História do Sr. Baiano:**
Voz do Planalto: um microfone para o povo. 30

***Capítulo 4* - A história da Flávia:**
Trançando a Própria História - Fio a Fio, Tijolo a Tijolo.....40

***Capítulo 5* - A História do Sr. José:**
Pedalando Sonhos e Ganhando Batalhas.....48

***Capítulo 6* - A História da Sra. Conceição:**
Cuidado com as crianças, com a vizinhança, com a comunidade. 60

***Capítulo 7* - A História da Claudinha:**
Coração de Bairro, Coração de Mãe. 74

***Capítulo 8* - A História do Sr. Ronaldo:**
As mãos que constroem, as memórias que sustentam. 88

Capítulo 1

A história de Sr. Rubens Stephani: Finquei minhas raízes aqui.

Meu nome é Rubens Ambrósio Estefanio. Nasci no dia 3 de agosto de 1945, e guardo comigo muitas memórias desta vida longa, vivida com dignidade e simplicidade. Hoje moro na rua Sebastião Milano Sobrinho — meu cantinho de sossego.

Vim para esse bairro no dia 20 de agosto de 1983. Lembro direitinho, porque foi nesse dia que assinei o contrato que fazia parte do programa "Esse Chão é Seu". Desde então, é aqui que "finquei" raízes. Mais de quatro décadas se passaram, e continuo por aqui, vendo o bairro crescer, as casas se transformarem, os vizinhos chegarem e partirem.

Antes de vir pra cá, eu morava em São Paulo. Foram 21 anos por lá. Mas a vida me trouxe para Mogi Mirim, junto com o trabalho. Vim por causa da Baumer — trabalhava direto, trabalho puxado, mas muito digno. Quando a Baumer veio pra cá, então eu vim também. Era o meu rumo, trabalhar para um futuro melhor para mim e para minha família.

Já estou aposentado há 27 anos. Brinco que minha profissão virou "parado". Porém, a verdade seja dita, é que eu nunca parei. A vida inteira segui fazendo algo, um conserto aqui, uma ajuda ali, a vida precisa estar sempre em movimento e a gente também.

Vim morar nesse bairro porque comprei meu pedacinho de chão. Primeiro morei no centro da cidade, aqui em Mogi Mirim mesmo. Nos primeiros anos, fiquei numa república, daquelas feitas pela empresa Baumer, na época era só para funcionários. Foram três anos vivendo sozinho por ali, até que conheci minha esposa, Maria Regina, apelidada de tia Gina. Aí passei um tempo pagando aluguel, batalhando pra conseguir meu espaço.

Quando esse terreno apareceu, agarrei a chance. Era o que dava e uma boa oportunidade. Comecei a construir devagar, com o que tinha. Tijolo por tijolo, um ano, talvez mais um pouco, até a casinha ficar pronta. E então mudei de vez. Desde esse dia, nunca mais saí daqui.

Quando cheguei, o bairro era outro mundo. A entrada era lá embaixo, no começo do morro. O caminho principal ainda era de terra batida, e tudo ao redor era mato, muito mato. O coqueiro velho ainda está lá, testemunha viva do tempo que passou. Não tinha casa por perto. Era só eu, minha família e a coragem de fazer daquele chão o nosso lar.

Comecei "carpindo" o terreno, abrindo espaço pro quintal. Naquele tempo, as mulheres iam lavar louça numa biquinha, um fio d'água lá embaixo que servia pra tudo — pra roupa, pra panela, pra refrescar no calor. Tinha duas, uma ali perto e outra mais pro fundo. Hoje mal se imagina que era assim.

A casa era simples, uma casinha no fundo do terreno. Tenho até uma foto comigo, minha filha Michele e a casa atrás. Bonitinha, cheia de esperança.

Com o tempo, comecei a me envolver mais com a comunidade. Organizei festas pras crianças no Natal, fazia de tudo um pouco. Ensaiava a quadrilha de festa junina de crianças, montava teatrinho em frente de casa, uma vez até arrumei um Papai Noel pro bairro. Naquela época teve até um vereador que me ajudou muito, cujo nome agora me escapa, mas guardo com gratidão.

Participei da Sociedade de Bairro, ajudei na reforma da igreja, vi a pracinha nascer do barro e ganhar forma. Onde antes não tinha nada, hoje tem praça asfaltada, bancos, árvores, luz. Cada canto tem uma lembrança.

É bonito olhar pra trás e ver que aquele bairro de terra e esperança virou o que é hoje. E saber que, de alguma forma, minhas mãos ajudaram a construir isso.

Muita coisa mudou por aqui desde que cheguei. Uma das primeiras mudanças que me marcou foi a escola. A antiga, a primeira do bairro, era simples, mas era tudo para as pessoas daqui. O nome era o mesmo da atual, com o passar dos anos só mudou o prédio mesmo. Acompanhei tudo de perto, desde quando começaram a levantar os alicerces da escola nova. Tenho umas fotos do comecinho da construção, quando a escola ainda era só tijolo e esperança. Pena que não tenho foto dela pronta — acho que mandei pra alguém ou mesmo, perdi, é muita coisa guardada, muita lembrança, que hoje estão bastante fragmentadas em minhas memórias.

Outra coisa que eu gostei muito foi quando começaram a mexer pra fazer a ponte e a estrada lá embaixo, a que vai pra Itapira. Antes, era tudo um mundaréu de terra. Quando começaram a obra, foi uma novidade boa demais. A ponte que

entra para o nosso bairro, hoje passa por cima e a estrada vai por baixo. Tirei várias fotos da construção, uma mais emocionante que a outra. Dá gosto de lembrar.

Também tem a história da sociedade de bairro. Essa eu vivi de dentro. Ela foi fundada na década de noventa, e fui eu quem pegou os papéis e organizou tudo. Na época, ainda não era registrada, mas eu fui atrás, registrei direitinho. Depois de muitos anos à frente dessa atividade eu passei a presidência pro Valdir, embora ele nem tenha assinado o papel que fiz, com tudo que eu estava deixando para a sociedade da nossa comunidade. Mas deixei tudo certo, tudo anotado e documentado. A sociedade fazia de tudo: festa junina, eventos pra criançada, corrida de rua. Tenho recibo, atas, fotos… tudo guardado e fazendo parte da história do nosso bairro.

As corridas de rua foram uma das coisas mais bonitas que fizemos. Organizava com muito carinho, tinha troféu, tinha largada oficial. As crianças ficavam numa alegria danada. Eu era o juiz da largada, ficava lá com apito. Tínhamos até camisa especial. Era tudo bastante organizado para as condições que tínhamos à época. Às vezes vinha até gente da Secretaria de Esportes para ajudar. Tenho foto da primeira corrida com as crianças, de outras com adultos também. Teve ano que premiamos os vencedores! Eram coisas simples, às vezes um disco de vinil, mas era o que tínhamos de melhor naquela época! Eu me envolvia com tudo. Era muito trabalho e era gratificante demais.

Uma das histórias que mais gosto de contar é a do Seu Mário, antigo dono de uma mercearia pequena que ficava lá embaixo, no bairro. Naquele tempo, ele era o único que vendia de tudo um pouco: feijão, arroz, sabão, bala pras crianças... Era um lugar essencial pra vida da gente, ainda mais porque não tinha outro comércio por perto. Então, quiseram tomar o lugar dele. Ameaçaram tirar o ponto onde ele trabalhava há anos. Quando fiquei sabendo, não pensei duas vezes — fui direto até a prefeitura, briguei por ele, argumentei, insisti. E consegui: garantiram o terreno pra ele continuar com a mercearia. Se ele saísse dali, o bairro ia ficar desabastecido. Logo depois surgiu a primeira quitanda, a do sr. Durvalino, bem ali perto. Era de um homem batalhador, que não tinha um dos braços, mas trabalhava como se tivesse três. Com muito esforço, ele foi crescendo e conseguiu até construir um mercadinho maior. Tudo isso aconteceu ali, em frente à minha casa. Eu via cada passo, cada conquista, e posso dizer com orgulho que cada comércio que nasceu por aqui, eu conhecia a história, conhecia as pessoas, e muitas vezes, dei uma mão para que ficassem de pé.

Não faz muito tempo, eu trouxe pro bairro o grupo da terceira idade. No começo, me deu trabalho, foi briga com muita gente, porque diziam que não ia dar certo. E eu insisti, e no final funcionou. As senhoras participavam, faziam atividades, se

encontravam. Isso foi bom demais pra saúde delas. Hoje, o grupo segue aí, mas fui eu quem trouxe. Às vezes, fazer tanta coisa assim era puxado, porque era muita correria, mas valeu a pena.

Ah, embora minha maior saudade e conquista foi mesmo o campo de futebol… a história desse campo doeu demais pra mim. Fomos nós, os moradores, que conseguimos aquele terreno. Era do Zé da Máquina, um antigo morador. Ele que cedeu o espaço, e nós ajeitamos tudo. Gramamos, cuidamos, ficou tudo muito bonito, digno de time grande. O campo era nosso orgulho, meu grande orgulho. Até que a prefeitura veio, passariam a rede de esgoto, e acabou com todo o trabalho que fizemos. Não bastasse acabarem com o gramado, após tudo feito, construíram uma quadra cimentada no lugar (quadra de futebol). Ela ficou bonita também, Claro, esporte é esporte, mas o campo… ah esse campo tinha muita história, suor e sacrifício de muita gente ali. Ainda tenho as fotos do gramado que um dia existiu ali, foi o que sobrou, como lembrança do que era.

E assim foi, cada canto desse bairro foi mudando. Eu vi tudo acontecer. Não é só tijolo e cimento — é suor, é briga, é festa, é história. E absolutamente tudo isso, eu vivi nesse lugar.

O que eu mais gostava — e ainda gosto — nesse bairro é ver crianças brincando, se divertindo, sendo criança de verdade. Sempre fui ligado a esse negócio de esporte, cultura, coisa pra juventude, pois sei o quanto eles são importantes para o futuro do mundo. Eu queria escola, queria parquinho, queria campo. Queria ver o bairro cheio de risada e movimento. Era isso que me fazia bem.

Lembro direitinho do aniversário de um aninho da minha filha. Eu tinha acabado de chegar no bairro, ainda estava tudo bem no começo. A gente resolveu fazer um bolinho de aniversário simples pra ela, e eu chamei umas crianças da rua, uns vizinhos... de repente apareceu uma porção delas! Tanta criança que nem sabia de onde saíam. Todo mundo rindo, correndo, brincando. O bolo, claro, ficou pequeno, fui buscar mais um, só que acabou rapidinho. A criançada comeu tudo, então na festa veio até mim uma menininha, bem quietinha, quase no final, quando só restava um pedacinho de bolo. Dei pra ela, e ela, com os olhos brilhando, me disse:

— *Eu nunca tive festa de aniversário assim!*

Aquilo me pegou. Pegou de um jeito. No mesmo instante falei:

— *Então eu vou fazer um aniversário pra você também.*

Fiz. Um bolinho só pra ela, com balão de festa e tudo. E não é que depois veio outra criança também dizendo que nunca tinha tido festa? Aí eu entendi que não podia parar por ali. Comecei a organizar uma festinha para todas as crianças do bairro. E

virou tradição. Todo ano, no dia 12 de outubro, eu fazia "o bolão" — era um bolo enorme pra comemorar o aniversário coletivo da criançada do bairro todo.

No começo, eu pedia doações. Fazia lista com os ingredientes, cada um trazia um pouco, e a gente fazia acontecer. Tinha ajuda de vizinhas, como o Eidy e Edmir (Milla) e a dona "Divina", que já faleceu, mas me ajudava demais. Era uma corrente de carinho. Mas, com o tempo, as doações começaram a falhar. Tinha gente que às vezes pedia cesta a algumas pessoas em meu nome, mas não era pra ajudar na festa... descobri uns desvios e decidi que não ia pedir mais nada e assumi tudo com minha família.

Foi então que comecei a fazer tudo por conta própria. Com a ajuda da minha filha e de pessoas que me ajudavam a enfeitar o bolo — e algumas dessas pessoas me ajudam até hoje. Eu comprava bolo lá na padaria Bom Pão, uma massa pronta e assada de bolo. E de lá também eu trazia os recheio e os doces para enfeitar o bolo. Alguns comerciantes já me conhecem e até fazem um desconto para que o bolo saia mais barato e eu possa fazê-lo todos os anos. E aí vem a hora da arte! Inventamos enfeites, fazemos coberturas, escrevemos em cima do bolo. Hoje, tem quem venha só pra ver o bolo, que virou uma atração do bairro. É bonito demais! E o melhor: é que sempre tem bolo pra todo mundo comer um pedaço e sempre sobra, pra não deixar ninguém sem. Graças a Deus! Porque se sobra, é sinal que teve pra todo mundo.

"O bolão" virou tradição. Virou memória boa para muita criança e para mim, é claro. E eu sigo firme, porque ver alegria estampada no rosto de uma criança que nunca teve festa de aniversário é uma das maiores riquezas que a vida me deu.

As festas, a rua, o São João pra mim é a alma do bairro, nos primeiros anos aqui, o que mais me marcava era o calor humano — essa coisa viva, pulsante, de juntar vizinho, criança, gente querendo comemorar a vida pela vida por si só, a vida que apenas vivemos e pulsa em nosso peito. E então comecei a organizar as festas juninas. Tudo bem simples, mas feito com vontade e dedicação. Tinha bolo, tinha quentão, tinha corrida de rua, tinha até o cenário arrumado com bandeirinha. A rua virava palco: a frente da minha casa era o centro de tudo. Ensaiava as crianças ali mesmo, com som improvisado, às vezes sem fantasia completa, mas com o coração cheio de alegria.

Lembro de uma das primeiras festas: conseguimos juntar duzentos litros de quentão! *Duzentos!* O povo vinha até de fora — de outros bairros, outras cidades — só pra participar. Era uma multidão alegre. A mulherada ajudava muito: dona Antônia, ajudava a fazer os doces com o marido dela. E tinha também o Cesário, um dos moradores mais antigos, que ficava distribuindo o quentão. A

minha esposa também estava sempre comigo, firme. A gente fazia de tudo para sair bonito.

Uma vez até ensaiamos uma quadrilha com paródia dos Mamonas Assassinas! A criançada dançava e se vestia igual a eles, e eu tinha uma foto disso. É que muita coisa sumiu — emprestei pra um, outro levou pra copiar... e nunca mais voltou. Uma pena, porque tirar foto naquela época era difícil, não é como hoje, que a gente tem celular na mão o tempo todo.

Na festa, tinha casamento caipira, quadrilha com minhas filhas, sobrinhos, crianças do bairro inteiro. Era um momento de brilho, de união. Só que depois de um tempo, a prefeitura não deixou mais fechar a rua. Aí, infelizmente, tive que parar com a festança. Continuei só com o *bolão*, que virou tradição. Mas a festa junina... ah, essa deixou saudade.

E não foi só festa, não. Teve até época que entrei para política. Saí candidato a vereador, por causa de tudo que já fazia pela comunidade. Muita gente apoiou, mas também teve quem disse na minha cara:

— *Não vou votar em você não, senão "cê ganha" e vai embora do bairro.*

Teve também um dia inesquecível, de tanto que me emocionou. Eu estava sentado no portão de casa, tranquilo, e um menininho passou com outro, apontou pra mim e disse:

— É ele! É ele que faz aquele bolo gigante que todo mundo come e até sobra!

O outro menino não era aqui do bairro, e o garoto do nosso bairro explicou com orgulho. Contudo, o menino de fora estava desconfiado se o bolo era enorme mesmo e se era de verdade. Aquilo me pegou de surpresa. Corri lá dentro de casa, peguei a foto do bolo, mostrei o maior que fiz, parecia ocupar a minha garagem inteira! E ainda fiz um bolo principal e outro menor, pra garantir. E só então o menino acreditou!

Hoje em dia, continuo fazendo esse bolão. Não tem mais brinquedo, nem ajuda dos outros. Eu mesmo compro as coisas. Compro a massa pronta e assada, compro recheios assim vou montando o bolo. Não sou muito de enfeite não, gosto mesmo é do recheio — aquele bem cremoso, caprichado. Faço questão de cortar direitinho, medir bem, porque ninguém pode sair sem. O que importa é ver todo mundo sorrindo igual.

De fato eu não ganhei, quando saí candidato. E talvez tenha sido melhor assim. Continuo aqui, firme, cuidando das minhas memórias, da minha rua, das minhas crianças.

Tenho caixas e mais caixas com papéis, fotos, rascunhos, recibos, datas... de quando assinei o contrato do terreno em 1983, sobre a fundação da Sociedade de Bairro, das primeiras festas do Dia das Crianças, dos ensaios de quadrilha, da construção da estrada principal, do campinho, da associação da terceira idade. Tudo guardado com cuidado.

Os nomes também ficaram: dona Adelaide, dona Antônia, a mãe do Cabeçinha — a Luzinete —, seu Zé do Alho, que me ajudava muito... todos participaram de um jeito ou de outro. Tem foto com todo mundo, só que algumas estão misturadas, outras preciso digitalizar com calma pra não perder.

Sei que a história ainda está sendo escrita. E cada lembrança é uma peça que me lembra do quanto valeu a pena ter plantado raízes aqui.

O dia a dia no começo de tudo, nos primeiros tempos aqui, a vida era dura, bem diferente do que é hoje. Eu ia de bicicleta pro trabalho, ônibus era muito difícil. Mas subir aquele morro ali quando era de terra era um suplício. Quando chovia, então... eu tinha que levantar a bicicleta nas costas, porque a lama gruda nos pneus e a roda atolava. Era barro pra todo lado ou, em dia seco, uma poeira que levantava até encobrir a gente. Não dava nem pra enxergar direito. E não era só isso: faltava água sempre. A gente vivia brigando por causa disso, pois sem água o povo não vive.

Brigava com o SAAE, brigava na prefeitura, brigava junto com a Sociedade Amigos de Bairro — na época, eu era bastante ativo. Toda vez que a água não chegava, a gente ia atrás. Foi tanto "pé na porta" que até fiquei amigo do Sérgio Urbine, um funcionário do SAAE. No começo, era só briga, mas depois de tanta convivência, viramos amigos. Conversamos tanto que encontramos um ponto de convergência em nossas histórias. Ele me disse que se casou com uma moça de São Paulo, filha do primeiro dentista da Vila dos Remédios, que eu conhecia, pois é onde eu também morei antes de vir pra cá.

A água só começou a melhorar quando instalaram o poço artesiano. Ele ainda deve estar lá até hoje. Antes disso, o pessoal tinha que dar um jeito, arrumar lugar pra fazer tijolo e construir as casas do próprio bolso. Subir o barranco para buscar material era outra batalha — era poeira, escorregão, e um povo que tentava dar seus pulos, sempre na base do esforço.

Na verdade, minha história começa bem antes. Eu nasci na Lapa, depois fui morar na Vila Ipojuca, e com cinco anos já estava na Vila dos Remédios. De lá, vim pra cá com uns trinta e poucos anos. Quando cheguei aqui, logo comecei a trabalhar.

Na época, também começaram a surgir as primeiras empresas aqui na região. Eu mesmo trabalhei em várias. Não lembro bem a ordem que as empresas começaram

a chegar, mas eu trabalhei muito tempo mesmo foi na Baumer, que tinha sede ali na frente da delegacia. Tinham vários barracões. Eu comecei ali perto da antiga delegacia — aquela que contrução que agora está desativada no centro, em frente a delegacia antiga, hoje está caindo aos pedaços, mas teve sua época de glória. Ali era tudo mais movimentado, e aos poucos os comércios e fábricas foram crescendo e as fábricas foram mudando do centro da cidade e indo para o parque industrial.

Eu me aposentei depois de trabalhar mais de 25 anos na Baumer. Entrei como polidor, trabalhava com polimento de prótese, mas depois fui subindo na minha carreira. Passei a ser "modelador" de peças. Pegava uma peça bruta e, com as próprias mãos, ia moldando até ela virar uma prótese pronta. Hoje em dia tudo é automatizado, mas no meu tempo era no braço mesmo.

Fazia umas trinta peças por dia. No final, quando saí, a fábrica já fazia quase mil por dia por funcionário, que usavam maquinários melhores. Quando começamos, o serviço era bruto. Tinha o ferreiro, que pegava uma bola de metal e ia batendo até moldar no formato certo. Era tipo uma "carpintaria metálica", eu trabalhava como se fosse um ferreiro de um acabamento mais fino nas peças. O nome técnico dessa função era modelador, mas a gente era um pouco de tudo: desenhista, moldador, artesão. No fim da minha carreira, eu só fazia as peças especiais — aquelas mais difíceis, que precisavam de precisão e experiência. Era um trabalho que exigia paciência, olho bom e muito capricho.

Tudo isso era o meu dia a dia: o esforço de subir o morro, a poeira da rua, a falta d'água, as brigas pela melhoria, o trabalho puxado... mas também o sentimento de estar construindo algo. Não era só a minha casa e a minha vida, era o bairro inteiro que a gente ajudava a levantar, dia após dia.

Eu tenho muitos "causos do coração": Tem muita história gravada nesse chão. E uma que sempre me emociona foi a vez em que conheci um homem que trabalhava na loja de brinquedos a antiga "A Bandeirante". Fiz amizade com ele, e ele topou se vestir de Papai Noel para as crianças aqui do bairro. Era minha ideia dar uma alegria pra criançada, um presente, uma surpresa. E no começo foi lindo — ele chegou de vermelho, barba branca, fez aquela festa toda que um Papai Noel é capaz de fazer.

Só que no meio da alegria, veio uma tristeza inesperada muito marcante em meu coração. Eu tinha trazido vários brinquedos de São Paulo, alguns que foram ganhados, outros comprados com sacrifício. Minha mãe ajudou também e sempre me estimulava a fazer, pois gostava dessas coisas — de festa, de bolo, de fazer quadrilha e de alegrias da vida. Tá no sangue, sabe? Só que naquela festa, uma criança ganhou um brinquedo e algumas começaram a chorar porque queriam o outro. E eu não tinha como trocar, não tinha variedade de brinquedos, nem mesmo quan-

tidade suficiente, ou que agradasse a todos. E aquela situação foi triste! Aquilo me doeu na alma! Saí de perto, deixei minha mulher, filha e esposo cuidando da festa ali e fui pra dentro de casa me acalmar. Queria tanto dar alegria, mas senti que não tinha feito o suficiente, e não ser o suficiente não é um sentimento muito bom de ser vivenciado.

Foi então que resolvi mudar a estratégia: em vez de brinquedo, comecei a montar saquinhos com balas e doces. Assim, todo mundo ganhava igual. Ninguém chorava mais pedindo por outro brinquedo, ou outra coisa, que não tínhamos pra dar. E foi a melhor decisão. Lembro de uma vez que até mandei personalizar uma bola para dar para a criançada com a foto e o nome da minha esposa em agradecimento a tantos anos vivendo juntos. Ela me ajudava em tudo — organizar, preparar, acolher as pessoas e comprava minhas ideias junto comigo. Hoje já vai pra sete anos que ela se foi, e a saudade ainda mora aqui comigo. Dividimos tanta coisa bonita nesse bairro e agora eu sigo meu caminho sem ela do meu lado.

Outro momento marcante foi quando, lá atrás, comecei a organizar jogos de futebol no campinho, ali atrás da escola. Fazia sorteios, jogo de bola entre os casados versus os solteiros, e depois comprava carne, fazíamos churrasco, todo mundo comia junto. A graça era essa: estar junto. Teve uma vez que jogamos contra o time do João Nestor. Eles estavam bem, disputando campeonato, e a gente empatou com eles. Foi uma boa zoeira, demos muita risada. Aquele tempo era gostoso demais.

Essa é a minha missão. Meus causos do bairro. Cada um me ensinou algo — que a alegria compartilhada é mais forte que qualquer tristeza. E que um pedaço de bolo pode ser muito mais do que parece: pode ser lembrança, carinho e até redenção.

Lugares marcantes e batalhas comunitárias aqui no bairro temos muitas. Esse lugar onde a gente está agora, fazendo essa entrevista, que agora é a sede do ICA, já foi um posto de saúde. E eu tenho um carinho especial por ele, porque participei ativamente da conquista desse espaço. Na época em que eu era presidente da Sociedade de Bairro, consegui trazer não só o posto de saúde, mas também o posto policial e até uma unidade da Guarda Municipal. Tudo isso aqui em frente da praça, naquele quadradinho aqui do lado dessa sede, que hoje passa despercebido, mas que foi um marco para o bairro.

Quando terminou meu mandato, eu já não queria mais continuar. As pessoas do bairro às vezes achavam que eu ganhava dinheiro com a sociedade — coisa que nunca aconteceu. Nunca tirei um centavo de ninguém, nem da associação que eu ajudei a começar. Inclusive, quando entreguei o cargo, fiz questão de tirar o dinheiro que estava no meu nome e passei tudo para o novo presidente, com lista que datilografei e deixei tudo documentado. Não queria confusão, nunca quis. Então preferi ficar de fora dessas coisas que envolviam mais pessoas, coisas e di-

nheiro que não era meu, porque não gosto de misturar as coisas. Sempre fiz tudo pelo bem comum, não por interesse.

Naquele tempo, a Sociedade (Associação de Moradores) era coisa séria. Era gostoso participar. A gente marcava reunião com vereador, resolvia problemas de iluminação, transporte, saúde. Não tinha onde fazer reunião? Fazia lá em casa mesmo. Só depois conseguimos um espaço coberto perto da igreja, que virou sede oficial da associação. Fui o segundo presidente, depois que o primeiro largou o cargo. E toquei pra frente.

Lutei muito por esse bairro. Consegui coberturas para os pontos de ônibus, estrutura básica onde não havia nada. A gente juntava dinheiro — pra comprar coisas pra comunidade. Até tentaram mudar a associação para outro bairro, lá para o Residencial Floresta, quando eles inauguraram o bairro aqui do lado, mas por conta de questões políticas, e ainda bem que não deu certo. E eu ainda tenho o contrato original, ele estava registrado no Diário Oficial de São Paulo, e fui atrás disso para garantir que nada fosse feito "por baixo dos panos".

Mesmo fora da presidência, continuei ajudando. Só não fiz mais alarde porque não queria me envolver com política de partido. Tive até que explicar pra alguns que, apesar de ser associado a um partido, não estava ali para fazer campanha política. Até minha filha virou associada desse mesmo partido. Eu sou bastante atuante na política, mas tenho minhas decepções com ela como todo mundo tem.

Participei também de muita luta por melhorias no transporte e na saúde. Tinha vezes que pegava o ônibus às 18h para conseguir resolver assuntos dessa natureza e esperando voltar com uma solução na mão. Graças à amizade com o pessoal da Guarda Municipal, se não tivesse mais ônibus para voltar para casa, pois adentrava a noite nessa tarefa, a guarda municipal me trazia pra cá quando eles subiam com a viatura para realizarem a ronda do bairro. Era muita correria, mas eu estava sempre presente.

Fiquei mais de 23 anos integrando Conselhos Municipais, bem como o da Saúde, que foram por 3 anos, com a mesma tarefa de trazer melhorias para o nosso bairro. Não era funcionário da prefeitura, mas fazia parte dos conselheiros da sociedade civil. Participei de tudo — atas, reuniões, decisões. Se vocês puderem conferir hoje ali no posto de saúde, verão meu nome assinado nos papéis das antigas reuniões. A gente se encontrava, discutia e melhor ainda, resolvia. E quando ninguém aparecia para a reunião, lá estava eu, sozinho, esperando. Porque eu acreditava naquilo.

Também ajudei na escola do bairro. Quando me aposentei, ainda continuei colaborando, especialmente com a diretora Maria Helena, que confiava tanto em mim que deixava o serviço quase inteiro nas minhas mãos. Trabalhei com aquele

mesmo amigo que se vestia de Papai Noel — aprendi muito com ele. Mas agora estou "preguiçoso", mas creio que na verdade o que tenho é cansaço, não é só preguiça. E é verdade que a vida pesa nas costas de um homem. Nunca fui de fugir do trabalho. Só diminui o ritmo agora, por causa da idade.

Se olharmos direitinho esse bairro, tem muita coisa que começou com uma conversa, uma reunião, uma briga minha em nome desse povo. E pra mim esse aqui é um lugar especial. Não por causa do prédio ou da placa — mas porque tem minha história cravada aqui e escrita nesse chão.

Sobre o passado que não volta mais, tem um lugar aqui no bairro que me deixa com o coração apertado por ter deixado de existir, é o campinho de futebol. Aquele campo era mais do que um pedaço de terra com grama — era um sonho. Um projeto que eu queria muito ter levado adiante. Hoje, onde ele ficava, tem uma quadra. E, olha... não é a mesma coisa. À época, a prefeitura garantiu que deixariam como estava. Que continuaria servindo à comunidade do mesmo jeito, mas não foi isso que aconteceu. Colocaram a quadra de concreto no lugar do gramado e isso não é igual… Não tem o mesmo valor pra mim. E o sentimento que ficou é de frustração.

Meu plano com aquele campo era grande. Eu sonhava em ver sair dali, vindo do nosso bairro, um jogador profissional. Não só isso: queria fazer campeonatos, torneios, treinos, dar oportunidade pra molecada crescer no esporte e com disciplina. Não era só eu que pensava assim. Tinha um pessoal da diretoria que me apoiava, gente boa, que se envolvia mesmo e me ajudavam a medir o campo certinho, fazer a metragem, tudo nas normas do futebol profissional. Queria que tivéssemos vestiário. E eu já tinha até conseguido tela para cercar o campo. Era só continuar. E não foi isso que aconteceu.

Teve até um menino — o nome dele me fugiu agora — que me pediu pra tirar foto do aniversário dele lá, com a trave ao fundo. Queria comemorar ali, naquele campo. Ele falou:

— Deixa eu tirar uma foto aqui na trave, que é meu aniversário.

E eu deixei, claro. Achei bonito aquilo. Porque o lugar já era parte da história da gente.

Então logo depois veio o pessoal da prefeitura e disse que fariam encanamento e saneamento naquela parte do bairro. Estragaram o gramado, o que era grama virou entulho. E o campo foi para o chão e depois concretaram tudo para surgir a quadra. Meu maior sentimento é esse: o campo não virou o que poderia ter sido. E isso me machuca até hoje.

O bairro perdeu um espaço de esperança. E eu perdi um pedaço de mim. Porque aquele campinho era, sim, especial. Era campo de bola, de sonho, de futuro.

Perguntar o que esse bairro significa pra mim é como perguntar onde começa a minha história. Porque, no fundo, minha vida e o Jd. Planalto é quase uma coisa só. Vivi tanta coisa aqui, construí tanto, que não dá pra separar uma coisa da outra. Esse lugar é minha paixão, meu cantinho, meu pedacinho de chão, como assinei no contrato para a compra da minha casa.

No começo, o bairro era muito criticado. Ganhou até o apelido de "Serra Pelada", porque tudo quanto era confusão, briga, bagunça de rua, as pessoas de fora diziam que vinham daqui. E eu sempre ficava chateado com isso, porque sabia o quanto de gente boa morava aqui. Hoje em dia, é outra coisa. O bairro foi crescendo, ficando mais organizado, mais digno. E agora temos mais bairros à nossa volta: o Ipê, o residencial Floresta. Pessoas boas e dignas moram aqui, isso eu garanto.

Muita gente me pergunta por que eu não mudo daqui. Já tive até parente dizendo pra eu sair, oferecendo lugar em outros cantos, até no centro da cidade. Ao que respondo:

— *Não troco esse bairro por nada, não.*

Aqui é onde está minha história, minhas memórias, minhas batalhas, minhas alegrias. Aqui é onde as ruas não tem meu nome, mas tem meu suor, e eu sentiria muita saudade. Então, eu só saio daqui pra ir pra rua da Saudade (cemitério). Os amigos brincam, dizem que eu tô preso no tempo, mas eu só respondo:

— "*Tô no meu lugar!*" — Porque esse bairro não é só endereço. É lar.

Eu até já dei entrevista para os alunos da escola! E eu sou muito bem recebido onde quer que eu vá aqui no Jd. Planalto. Claro, nem tudo são flores. O pessoal reclama quando começam os problemas de administração, de infraestrutura e demais assuntos da vida. Todo mundo quer as coisas do seu jeito. Mas, como eu sempre digo:

— *Nem Jesus agradou todo mundo.*

E eu sigo aqui, tentando fazer a minha parte no mundo, com simplicidade, com verdade e com amor pelo bairro que me deu tudo — e onde deixarei tudo o que sou.

Se eu pudesse desejar alguma coisa para o futuro desse bairro, seria que o campo de futebol voltasse a existir. Esse campo ainda vive no meu coração. A maior tristeza que carrego é essa: o campo não teve o fim que a gente sonhou.

Mas também desejo que as pessoas olhem para esse bairro com respeito. Porque tem muita gente boa morando aqui. Muita gente que batalhou pra conseguir sua casinha, sua paz. Gente honesta, que veio de baixo, que lutou para dar dignidade

para os filhos. O bairro demorou a melhorar, mas graças a Deus, hoje tá bonito. Ainda tem o que fazer, claro. Tem lugar que era mato até outro dia e agora tem calçada e poste, urbanização e saneamento, posto de saúde, escola e tudo que tem direito. Estamos vivendo em uma outra realidade aqui hoje.

E já que estamos falando do futuro, deixo aqui um recado para os jovens do bairro: ajudem a conservar o que temos. Não destruam o que foi feito com esforço. Eu já vi bancos arrancados, placas quebradas, paredes pichadas. E é triste demais. Isso tudo foi feito pra vocês, não pra mim. Eu já tô com quase 80 anos, minha parte eu fiz, e a minha vida intensa, eu já vivi.

Vi uma reportagem esses dias, de uma senhora de mais de 90 anos, lá do ABC paulista, que anda pelas ruas pintando postes com flores e desenhos bonitos. Compra tinta com dinheiro do seu próprio bolso, pega o pincel e vai. E se ela pode, vocês também podem. Se for pra pintar paredes, que pintem com arte. Que deixem a cidade mais bonita. Pichar por pichar é fácil. Difícil é construir alguma coisa que podemos deixar de herança para as próximas gerações.

Eu mesmo já fiz tanta coisa aqui no bairro… E sabe de uma coisa? Se hoje ainda existe alguma lembrança viva por aqui, alguma memória que emociona, é porque teve gente que se importou em fazer história.

Então, "cuidem do que temos", porque é o que vocês vão deixar para os que vêm depois. E não precisa fazer tudo, mas faça a sua parte.

Capítulo 2

A história de Dona Antônia: O Chão da Minha Vida.

Meu nome é Antônia Oliveira Mafei. Nasci no dia 10 de setembro de 1950. Moro hoje na Rua Sebastião Milano Sobrinho, pertinho da casa do seu Rubens. Aqui, nesse pedacinho de chão que hoje tem calçamento, luz, escola e tudo mais… mas, quando eu cheguei, há 44 anos, não tinha nada. Era só mato e coragem.

Mudei pra cá quando esse lugar ainda fazia parte do programa «Esse Chão é Seu». Era tudo muito no começo. O terreno tinha sido aberto fazia só uns dois anos. Tinha umas três famílias morando aqui. A gente construiu no que dava, levantou como podia. Fui a quinta moradora desse bairro. Antes de mim, lembro bem, tinha o seu Mané, que foi o primeiro mesmo, só tinha a casa dele e mais nada. Depois, tinha o seu Ciço (Sr. Cícero), que morava ali embaixo, perto da quadra, e a dona Maria, que era vizinha minha, morava sozinha com o filho. O seu Rubens veio só depois, quando já tinha muita coisa levantada por aqui.

Na época, não tinha nada por aqui, não tinha estrada com mais saídas, só uma estradinha de terra, que hoje é a principal do bairro. Os terrenos eram marcados por plaquinhas brancas, a gente chamava de "até de cemitério". Era tudo escuro, sem luz, sem água, sem ônibus, sem nada. Quando a bomba que puxava água lá de baixo deu problema, a gente ficou dois a três meses sem água. Tínhamos que atravessar o canavial, ir lá na linha do trem, onde tinha uma biquinha… ainda existe essa mina até hoje.

Para aguentar o dia a dia, a prefeitura mandava um caminhão-pipa duas vezes por semana. Ele enchia os tambores na frente de casa, e a gente usava aquela água pra tomar banho, mas, para fazer comida, buscava na mina. Tudo era muito difícil.

Meu marido trabalhava fora, e eu ia fazer faxina. Ia a pé, porque não tinha condução/transporte nenhum por aqui. Eu pegava o ônibus lá na rotatória, onde passava o de Martim Francisco. E voltava a pé, porque, se fosse esperar o ônibus, ficava tarde. À noite, tínhamos só lamparina em casa. A gente só conseguia fazer as coisas durante o dia. À noite, era impossível fazer qualquer coisa por causa da escuridão.

Não tinha segurança nenhuma, nem luz nas ruas. Hoje, a gente tem horário, ônibus direto, tudo diferente. Naquela época, o ônibus nem entrava aqui. Passava só por fora. A gente vivia na correria.

O velho, meu marido, cortava cana, e depois — graças a Deus — conseguiu trabalho no SAAE, lá no tratamento de água. Ficou 22 anos neste emprego, até se aposentar. Aí compramos uma chacrinha. Faz uns 14 ou 15 anos que a gente está nela até hoje.

Mas, entre aquele começo duro e essa vida mais tranquila na chacrinha, teve muito chão, muito suor e muita luta. A gente começou nesse bairro com a cara e a coragem. Não tinha padaria, não tinha mercado, não tinha postinho, escola, nada. Tudo estava longe. A gente fazia o que podia, ajudava um ao outro como dava.

Com o tempo, as coisas foram chegando. Primeiro, fizeram um quartinho ali em cima, nesta mesma rua do ICA, que servia de postinho. Não era posto de saúde mesmo, era só um cômodo, mas já ajudava. Depois veio uma escolinha aqui embaixo, uma "escola montada" (também conhecida como escola de isopor), improvisada. As crianças estudavam ali ou lá no sítio do Jordão, indo pela linha do trem. Lá tinha a dona Luzia e a dona Rita, uma era professora e outra, merendeira.

As aulas eram só de manhã, porque, à tarde, já escurecia e era perigoso voltar para casa. Eu, nessa época, deixava meus filhos sozinhos em casa pra ir trabalhar. A mais velha, com 15 anos, começou a ir comigo fazer faxina. O menino, com 14, ficava com os menores. Depois ele também começou a trabalhar, aí fui diminuindo o meu ritmo. Não dava mais pra deixar os pequenos sozinhos. Era perigoso demais, e o coração da gente não aguenta deixar criança pequena sozinha num lugar que não tinha saída, não tinha segurança, só mato e escuridão. Não era como agora, que se vê gente na rua. Naquele tempo, se visse alguém, até assustava. Aqui era só silêncio e medo.

Era vida de luta, mas era a nossa vida. A gente transformou aquele mato nesse bairro. E hoje, quando olho pra trás, vejo cada pedacinho de chão marcado pela história da minha família, da vizinhança e da força que a gente teve pra fazer tudo isso acontecer.

Já por volta de 1986, ainda não tínhamos estrutura no bairro e, como a cidade era longe (referindo-se ao centro da cidade) e nem todo mundo podia ir, e como não

tínhamos padaria, foi aí que eu tive a ideia: comecei a fazer pão. O pessoal daqui mesmo começou a pedir:

"Dona Antônia, a senhora faz um pãozinho pra nós?" E aí o meu velho fez um forno de lenha — um forninho pequeno, mas que dava conta.

Eu fazia duas fornadas de pão por dia. Vendia pra quem não podia sair pra cidade, ou pra quem simplesmente não queria encarar o barro e o caminho ruim. E assim fui ficando por aqui, parei com o trabalho fora e me dediquei ao pão. O pessoal vinha buscar. E eu vendia. Vendia pra gente boa, pra vizinho que hoje ainda me cumprimenta com carinho.

Fui ganhando minha vida com isso. Aos poucos, mais gente foi construindo no bairro. As casas foram aparecendo. E eu percebi que não ia dar conta de atender todo mundo com apenas duas fornadas de pão. Fiz a vida com isso, mas, quando o bairro cresceu muito, tive que parar, pois duas fornadas de pão não davam mais conta de atender todo mundo. Eu já tinha feito muita coisa com aquele pão até aquela altura da minha vida.

Antes de tudo isso, eu morava no Jardim Scomparim, aqui em Mogi Mirim mesmo. Mas lá a casa não era minha, e a gente pagava aluguel. Era difícil. A gente vivia em três cômodos apertados, contando os centavos.

Apesar de hoje me considerar de Mogi Mirim, eu nasci na Bahia. E vim pra cá ainda pequena. Primeiro, passamos pelo Paraná, onde morei até os 21 pra 22 anos de idade. Saí do Paraná com essa idade. Fui pra São Paulo, e de lá, acabei chegando em Mogi Mirim — e nunca mais saí. Depois é que a vida trouxe minha família pra cá, e foi aqui que a minha história se enraizou de vez. Já se vão muitos anos, a vida toda aqui mesmo. Passei por muita coisa, viu? Não foi pouca, não. Foram tragédias, sacrifícios, perdas e também graças. Mas, como eu sempre digo: daqui eu só saio pra minha casinha certa, lá na Avenida da Saudade.

Não tenho vontade nenhuma de sair desse bairro. Aqui eu criei todos os meus filhos, com muito sacrifício, é verdade, mas também com muita dignidade. Deus me abençoou — me deu sete filhos com saúde. Infelizmente, Deus levou a mais velha, aquela que ia comigo trabalhar de faxina. Era companheira, me ajudava, cuidava dos irmãos. Quando ela partiu, deixou dois filhos pequenos, que ficaram comigo por um tempo. O pai das crianças logo arrumou outra mulher, levou meus netos e foi embora. E eu fiquei… fiquei sem minha filha e sem meus netos, levando a vida, do jeito que dava.

Hoje eu sou pensionista, vivo com a pensão do meu marido. A minha profissão? Foi cuidar de filho, cuidar de casa, fazer pão, trabalhar quando podia e alimentar todo mundo. Trabalhei muito tempo fora, sim, mas minha missão maior sempre foi dentro de casa, sustentando essa família com coragem e com o que Deus me permitia colocar na mesa.

Criar sete filhos não é pouca coisa. Não foi fácil, não. E eu falo, com toda sinceridade do mundo: foi aqui que eu mais sofri na minha vida. Aqui, neste chão onde hoje estou sentada lembrando. Porque, quando os filhos eram pequenos, era uma fase difícil demais, e o bairro não ajudava. Não tinha conforto, não tinha apoio, não tinha nada. A gente dependia um do outro e da fé.

Mas mesmo com tudo isso, foi aqui que minha história criou raiz. O que eu vivi aqui não dá pra esquecer. Sofri, mas também venci. E continuo firme. Porque esse lugar é meu. Foi conquistado com a vida.

A gente veio morar aqui porque era o que dava pra ter. Era o lugar mais em conta que conseguimos, e a gente sonhava em ter uma casinha pra chamar de nossa. Quando surgiu o programa "Esse Chão é Seu", fizemos a inscrição — eu e meu marido — e graças a Deus fomos contemplados com um terreno. Aí dissemos: "Vamos dar um jeito de construir, nem que seja de pouquinho em pouquinho."

Não tínhamos recurso, mas tínhamos vontade e o apoio de algumas pessoas boas, que ajudaram com o que podiam. Meu marido e meu filho de 14 anos — o segundo mais velho — pegaram pra levantar as paredes. O menino ia de bicicleta até o Scomparim buscar almoço pro pai, que ficava o dia todo aqui, tocando a obra com as próprias mãos. Durante o dia construíam, à noite dormiam ali mesmo, no que dava, pra no outro dia seguir o serviço. Eu, com os menores, ficávamos na casa alugada lá do Scomparim.

A casa começou como um cômodo só. Só pro pai dormir, descansar um pouco, enquanto levantava o resto das paredes aos poucos. Quando a gente conseguiu se mudar de vez, já tinha uns quatro cômodos levantados, mas não tinham porta, então, minha patroa doou as portas e janelas. Contudo, o restante era de madeirite. E até hoje é essa mesma casinha que me abriga — só que agora tem quatro cômodos, um banheiro e um puxadinho no fundo com três cômodos.

Claro que não tá tudo terminado, né? Casa de pobre é assim, a gente vai fazendo conforme dá. A porta já foi de papelão, o chão era só no cimento cru, sem piso. Mas hoje, graças a Deus, "tá tudo melhorado". O puxadinho do fundo, por exemplo, já abrigou uma filha minha por dois anos, enquanto ela juntava dinheiro para construir a casa dela. Depois, um filho também ficou ali por mais de dois anos, na mesma situação. Hoje, todos têm seus cantinhos. Eu fiquei com a minha casinha só pra mim. Eu e Deus.

Todos os meus filhos casaram. Saíram daqui mesmo, deste chão. Criados em Mogi Mirim, com sacrifício, com suor, mas também com muito amor. E no Dia das Mães, não tem um que falhe. Estão sempre aqui. Eu não fico sozinha, não. Meus filhos estão presentes. Tem um que mora aqui em cima, pertinho. Ele é o que mais aparece. É solteiro, tem a casa dele, mas come na minha casa, dorme no meu sofá, conversa comigo.

Esse meu filho, ele me ajuda com a cesta básica, eu faço comida pra ele. A gente tem esse acordo. Já falei pra ele: "Não fica só aí na sua casa, não. Vem aqui me fazer companhia." E ele vem. Depois do serviço, chega, toma banho na casa dele e já vem direto pra cá. Fica até umas dez, onze horas, dorme no sofá, fica quietinho. Só o fato dele estar lá já me ajuda muito.

É meu companheiro. E me ajuda a não cair em tristeza. Porque, olha, se tem uma coisa que me dói, é a solidão. E ele sabe disso. É um pedaço do meu coração que ficou aqui comigo. No outro dia, do mesmo jeito: chega de tarde e fica até à noite.

Dos meus netos, quase ninguém estudou aqui no bairro. Um deles até entrou num projeto, ficou um ou dois meses, mas depois saiu. Só uma neta minha que ficou no projeto (referindo-se ao ICA), se dedicou um pouco mais. A juventude hoje é diferente… mas eles são bons meninos.

Dos meus netos, só dois chegaram a terminar os estudos, o resto parou no meio do caminho. Cada um tem seu rumo, né? Mas, graças a Deus, eu tô aqui, vivendo minha vidinha, com saúde e cabeça boa. E isso pra mim já é bênção.

Hoje, quando olho pra esse bairro e comparo com aquele do começo, é tudo diferente. Naquela época, não tinha nem água pra gente tomar, agora tem tudo: água, escola, luz, ônibus, venda, padaria... tudo o que a gente sonhava tem. O que tá faltando mesmo é um mercado bom, de verdade, porque esses que tem aí, sinceramente, não me agradam.

O pessoal fala bem do Lavapés, mas eu não gosto de lá, não. Acostumei a comprar no São Vicente, acho que tem um preço melhor. Tem gente que acha bom, eu não acho. Big Bom, por exemplo, nunca fui. Feira, já fui, claro. Mas hoje em dia, é só aqui dentro mesmo. Eu sou uma pessoa que vive dentro de casa, quietinha. Me acostumei assim. Não sou de sair muito, não.

Agora, o que eu mais gosto — ah, minha filha, é morar perto dos meus filhos. Isso pra mim é tudo. E também gosto das amizades que tenho aqui, das pessoas que me respeitam, que me cumprimentam. Idoso, criança, vizinho, conhecido ou não — todo mundo me trata bem. Até quem não é de muita conversa, não falta com respeito.

Me sinto respeitada, me sinto querida. E isso é o que mais vale pra mim. Tem gente que mora há anos num lugar e ninguém sabe o nome. Aqui não. Aqui tem carinho, tem reconhecimento. Eu tenho orgulho de morar aqui. E não tenho mesmo o que reclamar. Tudo que a gente precisava, a gente conseguiu. Começando do zero.

Ah, lembrança marcante eu tenho sim. Daquelas que não saem da memória nunca mais, sabe? Foi logo no comecinho, quando a gente tinha acabado de mudar pra cá. Tinha um negócio que a gente chamava de carro da sopa. Aquilo sim marcou minha vida. Toda semana, no sábado, ele parava ali na porta da igrejinha, e era um

alvoroço. As crianças vinham tudo correndo, todos sujos de terra, os maiorzinhos fazendo fila. Pois, como tínhamos pouca água, eles tomavam banho "malemá", tomando banho nos baldes, lavando menino, fazendo comida com o que tinha, e, quando o carro da sopa aparecia, era uma alegria só.

E me marcou por ser uma delícia de sopa e tínhamos muito pouco, e era feita com tudo quanto é tipo de legume. Era grossa, bem temperada, servida num caldeirão grande. Aquilo era mais que uma sopa. Aquilo era uma janta que a gente precisava, porque tinha dia que não tinha mesmo o que dar pros filhos. Eu ganhava pouco, e com tantos filhos, o que tinha sempre era contado.

Aquela sopa ajudava na nossa semana. Às vezes, era só aquilo mesmo. E junto com o carro da sopa, vinha um caminhãozinho vendendo refrigerante "Itubaína", dessas que hoje em dia quase não se vê mais. Os meninos cantavam reciclados na rua, procuravam em tudo que era canto pra ver se dava pra vender e depois comprar uma garrafinha de refrigerante. E quando conseguiam, era festa.

Essas coisas a gente não esquece, minha filha. Porque era a nossa sobrevivência, era o que nos segurava em pé. Hoje tem tudo: comida na mesa, água na torneira, luz no teto. Mas naquela época, era o carinho de quem doava uma sopa e um gole doce de guaraná que fazia a gente dormir com o estômago e o coração um pouco mais cheios.

A pessoa que vinha entregar a sopa já faleceu, não lembro o nome, mas a lembrança ficou gravada, como uma tatuagem no tempo. É dessas memórias que não vão embora nunca. A gente tinha muita amizade, mas o tempo vai passando, e o tempo vai levando as coisas, levando as pessoas, levando até os nomes da memória. Só fica o sentimento, e esse não some nunca.

O dia a dia aqui antigamente, como eu falei, era difícil. A gente ia a pé, voltava a pé, não tinha ônibus, não tinha água, não tinha luz. Era vida puxada mesmo. Mas dentro disso tudo, eu tenho memória feliz, sim. Porque eu vi esse bairro nascer. Eu vi ele brotar do chão de terra batida, vi as casinhas começarem a subir devagarinho, com muito esforço, porque era tudo gente pobre, que fazia o que podia.

Antes, como eu disse, parecia um cemitério, com aquelas plaquinhas brancas marcando os lotes. Não tinha casa, só mato, silêncio e vontade. E agora a gente olha e vê tudo isso aqui... as ruas, as casas firmes, escola, comércio, ônibus... é bonito demais ver o que virou. Eu tenho orgulho, porque vi tudo acontecer com meus olhos.

Agora, quanto às festas... ah, filha, eu nunca fui de festa, não. Nem gostava, nem tinha muito tempo. Nunca levei meus filhos à festa, dessas de aniversário, de igreja, de escola... sempre fui muito de ficar em casa. Mas o velho, meu marido, ele que às vezes levava as crianças. Levava os mais velhos, levava os moleques, e eles comiam um bolinho, tomavam um refrigerante, já era uma alegria. E eu, claro,

ficava feliz por eles, né? Mesmo de longe, eu via que era bom. Era coisa simples, mas alegrava a alma deles. E isso já era muito.

Naquele tempo, a gente já tava um pouco melhor. O velho tinha parado com a cana e conseguido emprego no SAAE. As coisas começaram a mudar um pouco no início da década de oitenta. Foi um alívio, sabe? Começamos a ter mais tranquilidade, mesmo que fosse pouca.

Então, mesmo sem ser de festa, eu vi o espírito de comunidade nascer aqui. Era gente ajudando gente. Se alguém fazia um bolo, sempre sobrava um pedaço pro vizinho. E isso era a nossa comemoração. Nossa festa era: a solidariedade.

Ah, minha filha, história curiosa, engraçada, emocionante... a gente viveu foi muita coisa por aqui. Mas você sabe como é, né? A idade vai chegando, e a cabeça da gente vai esquecendo umas coisas, lembrando outras. Mas tem umas imagens que nunca saem da memória.

Por exemplo, bicho bravo mesmo, graças a Deus, nunca vi. Onça, nem pensar! Mas cobra... ah, isso sim. Cobra tinha aos montes. A gente morava ali do lado de um abacateiro grande, e como não tinha muro, o quintal era aberto, cercado só com umas palmeirinhas fincadas, tipo cerca de pau-a-pique, sabe?

Era comum ver cobra entrando no terreno. Teve uma vez que apareceu até dentro da minha casa! Mas Deus foi bom, ninguém se machucou. A gente ficava atento, principalmente por causa das crianças. Tinha que viver de olho no chão e no mato. A casa era simples, o chão era apenas de concreto, e a gente varria o quintal com vassoura de guanxuma (vassoura artesanal feita com os galhos), feita de mato mesmo, dessas que a gente amarrava no cabo e saía varrendo a poeira pro lado.

Teve também um incêndio numa casinha ali na rua de baixo, mas isso já foi bem depois, não foi naquela época brava do começo, não. Foi recente, comparado com tudo que a gente viveu. Mas marcou o bairro. É sempre uma tristeza ver alguém perdendo a casinha que construiu com tanto suor.

Agora, se você me perguntar se tem alguém que marcou mesmo, uma figura querida, olha... foram tantos vizinhos bons, mas muitos já se foram. Outros mudaram, seguiram a vida em outros cantos. A gente que fica, vai guardando as lembranças. E é por isso que esse livro é importante, para não deixar tudo isso se perder.

Eu até tenho uma cortina ali no projeto, que é como um quadrinho de memória. Foi feita num projeto artesanal que teve aqui, e cada uma escolhia um desenho que lembrasse a vida naquele tempo. Eu pedi pra moça desenhar uma mulher com um pano na cabeça, varrendo o quintal de terra, com uma vassoura de guanxuma na mão. E foi isso que eu bordei. E esse personagem era eu. Ela fez direitinho, do jeitinho que eu me lembrava de mim antigamente.

Era assim que a gente vivia. Pano amarrado na cabeça, o cabelo coberto de poeira, varrendo o terreiro com força, cuidando de casa, dos filhos, do pão e da vida. Aquilo virou minha memória bordada. Uma cortina com cheiro de lembrança e tecido de verdade.

E olha... de moradores antigos mesmo, vivos, ainda tem poucos. A maioria já virou saudade, ou então foi embora. Mas os que ficaram, como eu, carregam a história nas costas — e no coração também.

Se teve alguém que marcou esse bairro, foi meu marido, viu? Ele ajudou demais no começo, foi dos primeiros a levantar parede aqui, a formar esse chão. O nome mesmo, Jardim Planalto, foi ele quem ajudou a escolher. Teve uma votação, um tempo depois que o bairro começou a se organizar. Cada um podia dar uma sugestão, e o voto que ganhou foi esse: "Jardim Planalto." Mas antes... você acredita que chamavam isso aqui de "Serra Pelada"? Era apelido feio, feio demais. Um nome de sofrimento. Mas aí veio a votação e ficou esse nome bonito, mais digno.

Meu marido se chamava José Mafei. O pessoal conhecia ele. Era quieto, mas fazia muito. Plantou as arvorezinhas da pracinha que tem em frente da minha casa, lá pra cima, no ponto de ônibus. Ele formou aquilo com as próprias mãos, junto das crianças. Brincava com elas, ensinava a plantar, a cuidar. Hoje, se você for lá, vai ver: as árvores cresceram. Ficaram grandes, dão sombra. A sombra dele continua ali.

Teve uma vez, acho que foi ano passado, que o Baiano — que também é antigo por aqui — quis colocar o nome do meu marido na pracinha. Veio até me perguntar. Eu disse: "Pode pôr, mas só se for ali mesmo, na pracinha que ele plantou." Porque ali foi ele quem fez, ali tem a mão dele, a alma dele. Ele queria pôr o nome lá embaixo, na quadra, mas aí eu disse que não. Na quadra, ele não mexeu.

Fiquei contente só de saber que teve essa intenção. Mesmo que não tenha dado certo, a lembrança ficou. Porque foi ele quem deixou o nome do bairro, foi ele que ajudou a formar tudo. E isso ninguém tira.

Se tivesse uma primeira-dama do bairro, como dizem, então eu fui, né? Mas o título de primeiro homem que botou a mão nesse chão e deixou marca, esse foi do meu Zé Mafei.

Tinha outra casa que já estava sendo levantada quando a gente chegou, mas ainda estava no começo. Então, dependendo do jeito que conta, fui a quarta ou a quinta... Mas o que importa é que eu vi tudo nascer. E isso me faz sentir que esse bairro também nasceu um pouquinho comigo.

O que me faz sentir parte dessa comunidade? Ah, é tudo. É porque minha vida tá aqui, é porque meus filhos cresceram nesse chão. O mais novo tinha dois aninhos quando a gente chegou — hoje tá com quarenta e cinco. Você imagina o tanto de coisa que eu vivi nesse tempo?

Antes disso, eu só morava em fazenda, pagando aluguel, correndo atrás de lugar pra ficar. Quando essa casinha chegou na minha vida, foi a primeira vez que eu pude fincar pé. Fiz faxina para pagar o terreno, e as patroas me ajudavam com os materiais de construção. O meu marido botava a mão, e a casa foi surgindo, tijolo por tijolo, dia após dia. Graças a Deus, a levantamos.

Hoje ela não é uma casa de revista, não, mas é minha. É cheia de história. E olha... se eu pudesse, teria tirado foto de tudo. Mas naquele tempo, não tinha jeito. A gente não tinha câmera, não pensava nisso. Era só viver e sobreviver. Agora, ver que o seu Rubens tem umas fotos antigas... ah, isso me emociona. Porque tem imagem da igreja quando era só um barracão, da bica onde as mulheres lavavam roupa, da terra batida onde hoje tem calçada e sombra.

Eu não tenho nenhuma foto daquele começo, porque eu vivia era para cuidar dos meus sete filhos. Mal dava pra sair de casa. Mas vou ficar feliz da vida de ver essas imagens no livro. Vai ser como abrir um baú de lembranças, mas com o olhar da gente por fora, reconhecendo tudo por dentro. Eu sigo aqui, firme, com minha casinha, meus filhos por perto, minha cortina bordada e o coração cheio de memórias.

Das coisas que o bairro tem hoje, o que eu acho mais marcante mesmo, a maior conquista, é a escola e o postinho. Esses dois mudaram a nossa vida. Porque tudo aqui é bom, eu não posso reclamar, mas a escola e o postinho foram os que mais ajudaram a gente, de verdade.

A escola é um orgulho. Pensa bem: criar filho pequeno e ter que mandar pra cidade estudar, gastando passagem, tempo, perigo... Era muito difícil. Mas depois que fizeram a escola aqui, meus filhos estudaram aqui, meus netos também, meus bisnetos, tudo aqui mesmo. E isso é coisa que ninguém tira da gente.

E o postinho de saúde também ajudou muito. Tem médico sempre, não falta. Se não resolver tudo, pelo menos nos encaminha. Eu mesma faço tratamento no CEM, aqui perto. Graças a Deus, ainda não preciso de muita coisa, tô firme. Mas se precisar, tá ali. Demorou, viu? Demorou bastante, mas saiu.

E olha, o asfalto... esse então demorou mais ainda! Eu pensava: "Será que um dia a gente vai ver isso aqui tudo asfaltado?" E viu. O esgoto também. Meu marido ajudou a fazer, quando trabalhava no SAAE. Ele era encantador. Naquele tempo não tinha maquinário, não. Era no braço. Abrindo valeta com enxada, com pá. O pessoal da rua se juntava. Fizeram tudo devagarinho, botaram uma caixa d'água lá em cima e uma bomba lá embaixo, que mandava a água morro acima.

Demorou quase seis meses pra tudo funcionar direito. E a gente já morava aqui, né? Naquele tempo que nem água tinha, a mulherada ia lavar roupa na bica, lá embaixo. Era uma fila só, e era conversa que não acabava. Mas também, o medo era grande. Porque a mina ficava no barranco da linha do trem, e quando o trem passava... meu Deus! A gente sentia o chão balançar. Parecia que o mundo vinha abaixo.

Tampava os baldes, abraçava os filhos, rezava baixinho. Era um medo que a gente sentia no corpo. Mas era o jeito. A água estava ali, e a gente precisava dela.

Hoje, olhando tudo isso, eu me emociono. Porque cada coisa que tem aqui foi conquista. Foi com luta, com paciência, com fé. E foi com gente como o meu Zé Mafei, que botou a mão na massa, plantou árvore, puxou cano, subiu parede. Essa história é minha, é nossa. E enquanto eu viver, vou contar pra quem quiser ouvir.

Não teve nada aqui que tenha deixado saudade porque acabou, não. Tudo que foi indo, foi indo pra melhor. O que era barro, virou asfalto, o que era mina virou encanamento, o que era mato virou calçada, praça, quadra. Até o campinho de futebol, que era só terra batida, virou quadra. O seu Rubens até sente falta do gramado, diz que ali nascia craque, que o gramado dava futuro "pros moleques". Mas eu penso: ficou melhor, ficou mais seguro.

Agora, teve uma parte que deu dó, sim, que foi quando tiraram a rocinha do seu Ciço, onde hoje é a quadra. Ele era o primeiro morador lá da divisa, vivia com a roça dele cheia de abacaxi, mandioca, milho. Mas com o tempo, as crianças — e era criança pra todo lado — começaram a entrar na rocinha, e ele, cansado, acabou derrubando tudo. Depois que a prefeitura veio, desmanchou o que restava para fazer a quadra. Ficou só a terra, as crianças brincavam assim mesmo. O seu Ciço continuou ali até o fim da vida, velhinho, quieto, vendo tudo mudar, depois foi para uma casa de repouso para idosos.

Mas se tem um lugar que eu queria que ficasse pra sempre, que nunca sumisse, é a pracinha ali em frente de casa. Foi o meu marido, o Zé Mafei, quem fez. Plantou cada arvorezinha, molhava todo dia com baldinho, corria atrás das crianças para não quebrarem, conversava com elas, cuidava como se fosse um jardim de filhos.

Meu sonho era que aquela praça levasse o nome dele. Nunca colocaram de forma oficial, mas pra mim, já é a pracinha do Zé Mafei. Porque foi ele quem fez, foi ele quem cuidou, foi ele quem sonhou aquilo ali. E agora, com esse livro, vai ficar registrado. Isso pra mim já é um presente.

E quando eu penso no que esse bairro significa na minha vida, não tem palavra melhor que essa: tudo. Aqui foi onde eu consegui o que ninguém nunca me deu. Porque quando a gente paga aluguel, nada é nosso. Aqui, mesmo pagando prestação, mesmo na luta, a terra era minha. O tijolo era nosso.

Eu e o velho levantamos essa casa juntos. Ele "assentava" o tijolo, eu carregava a massa, era servente, era ajudante, era mulher e companheira. À noite, depois do trabalho, a gente rebocava parede por parede. Com o dinheiro que sobrava, comprava um saco de cimento, um carrinho de areia, e tocava em frente. Foi parede por parede, chão por chão, com suor e vontade.

Hoje, minha casinha tá lá, de pé, com a alma da gente dentro dela. Não é uma casa de novela, mas é nossa. E eu não troco por nenhuma outra.

Esse bairro foi meu lugar certo. Foi onde a vida me deu chão firme. E de tudo que eu sou, um pedaço ficou aqui, entre a pracinha, as árvores do Zé, e as paredes que a gente levantou juntos, com fé, cimento e amor.

O que eu desejo para o futuro desse bairro? Que só melhore. Que meus filhos, meus netos, meus bisnetos — que já estão todos por aqui — continuem vivendo num lugar bom, com dignidade, com tudo que a gente lutou tanto pra ter. Às vezes os meninos brincavam até tarde, na beira da fogueira, na encruzilhada perto da minha casa, e quando dava sono, deitavam direto na cama. A água era tão pouca que banho só se tomava pra ir pra escola. A gente esquentava a água no fogão e dava um banho "de gato", só pra dizer que tomou. Mas a alegria estava ali, na infância sem luxo, mas com liberdade.

Hoje, tem tudo. Luz, água, escola, asfalto, quadra, venda. E se falta alguma coisa, é pouca. O bairro chegou onde a gente sonhou. E vai mais longe ainda. Tem que ir.

Se eu pudesse deixar uma mensagem pros jovens que estão crescendo aqui agora, seria essa: valorizem o que têm. Lutem pelo bairro, cuidem do que foi construído com suor, com dor, com garra. Porque nada caiu do céu. Tudo veio da mão de alguém. Do meu marido, do vizinho, da mãe que carregava balde d'água, da criança que estudava com fome, da mulher que carregava tijolo.

E eu perdi uma filha. Faz 30 anos agora, dia 25 de abril. Tinha 27 anos. Um câncer cruel a levou. Foi operar, não voltou. E ficou um vazio que nunca preencheu. Me deixou dois netos que são como herança. E depois que o pai arrumou companheira, levou as crianças embora. Parecia que tinham arrancado um pedaço de mim.

Mas a gente segue. Porque tem os que ficaram. Tem os que vêm. Tem os que a gente cria, mesmo à distância. Hoje já tenho até bisneto, são 12 netos e sete bisnetos. A última quatro meses, neta da minha filha que hoje mora com Deus. A minha bisneta mais velha já tem 16 ou 17 anos e já está namorando. E eu olho pra eles e penso: "Olha só, tudo isso se originou da mulher que carregava água na cabeça, que não tinha nem luz em casa."

E é isso que eu deixo. Minha história, minha família, minha praça, minha casa, meu chão. Esse bairro é meu lar, minha vida e minha eternidade. E agora, com esse livro, vai ser também memória pros que ainda vão nascer aqui.

Capítulo 3

A História do Sr. Baiano: Voz do Planalto: um microfone para o povo.

Nasci no dia 6 de fevereiro de 1960. Hoje, carregando já os meus 65 anos, olho pra trás e vejo uma vida inteira fincada nesse chão que me acolheu, no bairro onde me conhecem apenas como Baiano. O apelido veio da turma da política, dessas conversas de esquina, e foi ficando... Daí virou Baiano do Planalto. Agora, já nem lembram mais do meu nome de batismo. Mas ele existe: José Augusto Capistrano Santos. Nome diferente, né? Foi escolha da minha mãe. Não sei se tem a ver com cantor nenhum, apesar de por aqui ter sempre um "cantorzinho" do meu lado na minha rádio.

Hoje moro na Rua Sebastião Vaz. E já faz mais de 33 anos que estou nesse pedaço. Três décadas e uns quebrados de muita história, muito chão batido, muita coisa vivida nesse bairro que, de tanto tempo, já virou parte de mim.

Antes de vir morar aqui no Jardim Planalto, eu vivia na Bahia — minha terra. Vim direto de Feira de Santana pra cá, e lembro bem, foi entre os anos de 1994 e 1996, ali por aquelas festas que marcam o tempo. Não passei por outros cantos, não. Fiz um negócio bem bolado: troquei a casa de lá por uma aqui mesmo. Já cheguei negociado, certinho, com o destino bem traçado. Foi um acordo justo, um por um, como a gente fala.

A vida sempre me levou como autônomo. Nunca fui homem de carteira assinada por muito tempo, não. Eu era peão, mas não desses de obra. Peão do sistema, como eu digo — jogador da vida, que aprende o que precisa pra seguir em frente.

Na Bahia, eu mexia com eletrotécnica, montava trio elétrico, som grande, coisa de fazer a rua inteira dançar. Cheguei em Mogi Mirim com esperança de continuar nessa, achando que o povo daqui ia se animar com som também. Mas aqui é

diferente, a cultura do som é mais fraca. Na Bahia, som é paixão, é alma da festa. Aqui, não era bem assim.

Então fui me reinventando. Trabalhei com ponteadeira, aquelas máquinas que fazem móveis de aço. Montei muita coisa, ajudei empresas da região a fabricar, a crescer. Fui aprendendo, fazendo, desmanchando e montando de novo. Cada lugar, uma chance de fazer diferente. Nunca fiquei tempo demais na mesma coisa. Mas o que parecia mudança era, na verdade, experiência se somando.

Não tenho um rótulo, mas carrego muitos saberes. O que precisava fazer, eu fazia. E foi assim que fui me mantendo, crescendo, criando minhas raízes nessa terra que hoje também me pertence.

Eu não vim parar no Jardim Planalto por acaso. Lá na Bahia, eu ainda mexia com rádio, fazia gravação, coisa de voz e som. Foi nessa que conheci um cara daqui, João Carlos Juscelino, conhecido por aqui como João Paraná. Ele apareceu lá, foi na rádio onde eu trabalhava, buscava oportunidade para fazer locução, e eu dei uma força.

Nos tornamos amigos, e ele falou dessa casa aqui, dessa terra. Disse: "Vem, Baiano. Aqui tem espaço pra você." Ele mexia com terraplanagem, era engenheiro, conhecia bem a região e seus cantos. Fiquei curioso. Ele me convidou pra vir. Vim só, primeiro, passei uns 30 dias, ver como era. Depois voltei pra buscar a família. Aí foi de vez.

Trouxe minha esposa e quatro filhos. E aqui, nesse bairro, eles cresceram todos. A gente criou raízes, criou história. Já tive vontade de ir embora, confesso. Mas não dá mais pra arrancar o que já se fincou no chão com amor e suor. Quando a raiz pega fundo, o coração não vai mais.

Quando cheguei aqui... Olha, o bairro era pesado. As histórias corriam soltas: "mata um hoje e deixa o outro pra amanhã", diziam. Era lugar de medo, de susto. Os casos de violência eram frequentes, coisa de, a cada quinze dias, uma morte, um espanto.

Mas eu não quis me calar. Juntei forças com outras pessoas da fé. Fizemos um trabalho missionário forte, com determinação e coragem — e quebra de maldição. Reunimos as igrejas da região, fizemos cruzadas de oração, fomos de canto em canto, orando, falando, plantando paz onde antes só se ouvia grito e sirene.

Eu sou da Igreja do Nazareno, e posso dizer com fé no peito que esse trabalho mudou a história daqui. A violência diminuiu. Os crimes que acontecem hoje são por descuido, coisa isolada. Mas aquele tempo sombrio, aquele ciclo de medo, esse a gente quebrou na fé e na união.

Muita coisa mudou nesse bairro desde que cheguei. Mudança que eu vi com os próprios olhos e, muitas vezes, com as próprias mãos. Uma das coisas que mais me marcou foi o que aconteceu quando eu ainda mexia com som e propaganda. Montei um carro de som, daqueles que rodavam pela cidade fazendo anúncio de loja. Tinha lugar que eu fazia sempre: Horticenter, Só Ofertas, essas propagandas que tocavam por tudo quanto era canto.

Era assim: quando acabava o serviço, eu passava ali perto das feiras e via aqueles latões cheios de legumes — alface, couve, repolho — indo direto pro lixo. Mas estava tudo bom, tudo limpo, só porque tinha passado um dia a mais. Falei com o dono, pedi, e ele deixou levar. Pegava, enchia o carro e trazia aqui pro bairro. Distribuía pros vizinhos, pro povo. Aquilo era uma alegria.

Depois conheci uma empresa aqui da cidade, a Milton Marangoni, que também mexia com hortifruti. Eles faziam uma seleção para os mercados, e o que sobrava — que ainda estava ótimo — eles deixavam comigo. Arrumei uma Kombi e, com ela pesadinha, saí distribuindo por tudo: Planalto, Residencial Floresta, toda essa região. A rua enchia de gente, todo mundo esperando com sorriso no rosto. Era bonito de ver.

E não parou por aí. Tinha também um representante de macarrão, que fazia distribuição nas lojas. Aqueles pacotes que eram abertos pra mostrar no mercado, mas ainda estavam bons. Ele me dava. E eu levava. Mais comida chegando, mais gente se alimentando. Era simples, era do coração.

No começo, confesso, eu fazia isso com um certo olhar político. Pensava: "Isso aqui vai me dar voto." Tinha essa vaidade. Mas um dia, uma chuva caiu forte. A Kombi atolou. E eu não consegui ir. E naquele dia, o povo ficou esperando. E tinha gente que veio me procurar, perguntando com tristeza:

— "Seu Baiano não veio hoje? Então hoje é só arroz com feijão mesmo…"

Aquilo me arrebentou por dentro.

Foi como se Deus me desse um tapa bem dado, pra me acordar. Não era pra política. Era pro povo. Era pra alimentar, não pra se promover. E, a partir dali, meu coração mudou de rumo. Continuei ajudando, mas com verdade, com entrega, com propósito.

O povo viu isso. Me puxou pra política de novo. Diziam: "Vai, Baiano, se lança. Esse bairro precisa de você." E eu fui. Fiquei cinco meses como vereador, entrei num momento difícil, era época de pandemia, a gente não podia nem bater de porta em porta, conversar com o povo. Não consegui continuar, não deu pra chegar lá. Mas tentei de novo, numa outra campanha, e quase fui eleito. Quase. Faltou um nada.

O que dói é ver que o bairro ainda precisa. Mas, na hora da escolha, muitos se deixam levar por promessas vazias, por argumento bonito. E aí o apoio vai pra quem nem conhece nossa rua de bairro, nem sente o cheiro do feijão sendo cozido na panela da vizinha.

Mesmo assim, eu não parei. Ganhei um prédio para associação e mantive aquilo firme por um tempo. Depois entreguei — estava cuidando de um cliente, a vida apertou, e achei melhor passar para outro grupo. Ajudei a fundar uma nova associação, com documento, com tudo certinho. Porque o que a gente planta aqui tem que crescer no coletivo. E isso é o que mais me marcou ao longo dos anos: ver o bairro florescer, mesmo que na raça, mesmo que no grito, mesmo que na fé.

Se alguém me pergunta o que tem de bom no Jardim Planalto, eu não penso duas vezes. O que mais gosto aqui são as pessoas. Gente de verdade, gente batalhadora, que acorda cedo, trabalha duro, cuida da casa, cria os filhos, sonha junto com o bairro.

Já me olharam torto quando eu dizia que fabricava minhas peças aqui. Quando eu fazia as ponteadeiras e entregava pros empresários da cidade, eles perguntavam:

— "Onde é sua fábrica?"

E eu respondia, com o peito estufado:

— "No Jardim Planalto."

Era batata. Faziam aquela cara de espanto.

— "Lá? Tá maluco? Lá só tem ladrão!"

Aí eu botava o respeito na frente.

— "Meu querido, com todo respeito, o senhor vai ter que me ouvir agora."

Porque esse papo de que o Planalto só tem ladrão, prostituta e traficante é mentira plantada por quem nunca pisou aqui com o coração aberto. Isso aqui é terra de gente honesta. De mulher bonita, sim, mas trabalhadora. De menino que sai cedo com a chuteira na mão pra jogar futebol e volta com sonho no olho. De jovem que vira pedagogo, advogado, assistente social, motorista de caminhão, representante comercial, pai de família.

Se fosse um lugar só de ladrão, o senhor acha que eu estaria aqui até hoje? Se eu fosse ladrão, já tinha te roubado, porque toda vez que eu venho aqui conversar, você me paga um cafezinho e o dinheiro fica aí na mesa.

Eu nunca vi alguém ser assaltado dentro do Jardim Planalto. Pode deixar o carro aberto lá — ninguém mexe. Mas tenta deixar um carro nos estacionamentos chiques da cidade... vai ver se ele volta. Aqui tem honra. Aqui tem respeito.

É claro que o bairro sofre discriminação. A sociedade ainda torce o nariz. Mas o que me dói é que meus filhos nasceram aqui, e agora meus netos crescem aqui. E eu defendo o Planalto com unhas e dentes. Precisamos mudar essa visão. Para contar a história verdadeira de quem é daqui. De quem sabe onde mora. De quem viu tudo com os próprios olhos.

Meus filhos não são bandidos. Minhas filhas não são prostitutas. São pessoas de bem. Todos casados, vivendo suas vidas com dignidade. E meus netos vão pelo mesmo caminho.

O Jardim Planalto tem muitos frutos bons. Tem talento aqui dentro que ninguém imagina. Só falta oportunidade. Só falta um pouco mais de olhar sério. Só falta um vereador que represente de verdade esse povo. Porque, enquanto não tiver alguém pra falar por nós lá dentro, o bairro vai seguir sem plano, sem voz, esquecido.

Mas eu continuo aqui. Continuo acreditando. Porque o que eu mais gosto nesse bairro é o seu povo. Gente de fibra, gente de luta. Gente que merece ser ouvida.

Lembrança marcante?

Bom, eu já discuti até com policial, porque os caras achavam que aqui era só traficante. Aí eu fiz conta. Fui pra rua, observei. Aqui tem o quê? Umas 3 mil, 4 mil pessoas? Aí pensei: se fosse 10% de traficante, dava 400. Não tinha 400. Pensei em 1%, 40... também não tinha. Achei uns quatro ou cinco moleques, aqueles perdidos na beira da biqueira. E olha lá. Não é disso que o bairro é feito. O bairro é feito por gente trabalhadora, mulher que pega ônibus antes do sol nascer, menino que estuda, que quer vencer.

Mas há esperança. Eu mesmo consegui conversar com o prefeito atual. Antes da última reforma, levei ele ali naquela subida do morro, que era só buraco. Ele foi lá em casa. Eu falei:

— "Prefeito, se o senhor quiser meu apoio, olhe pro Planalto. Aqui tem gente esquecida."

Ele não prometeu, mas cumpriu. A ciclovia veio, o asfalto melhorou, e a gente bateu até foto pra registrar.

Um dos meus maiores sonhos ainda está no forno: o campo de futebol do bairro. Porque, veja bem, eu amo futebol. Mesmo não jogando mais, o coração corre no campo. Ganhei um terreno lá no alto, perto da pista, mas era pequeno demais. Não dava. E ia ficar ruim por causa da rodovia — perigoso demais.

Mas agora consegui um terreno novo, aqui no bairro novo, espaço bom, grande. Já começaram a mexer, tirar terra, nivelar o chão. É terra batida ainda, mas com fé

e paciência, a gente chega lá. Vai sair. Vai ter campo. Vão dizer: "Cadê o campo do Baiano?" E eu vou responder:

— "Tá chegando. Não apresse o tempo de Deus."

Esse campo não é só pra bola rolar. É pra tirar menino da rua, é pra fazer o povo se encontrar, torcer, sorrir. É pra provar que no Jardim Planalto também nasce sonho. E que tem gente que fica. Que luta. Que ama.

É, meus amigos, se vocês soubessem como era o dia a dia aqui no começo do bairro, vocês nem acreditariam. Era tudo muito simples, muito cru ainda, mas cheio de vida. A gente fazia o que podia, com o que tinha. E fazia com alegria.

O Seu Rubens, por exemplo, ele tentou fazer um campinho ali. No comecinho do bairro, bem naquele espaço. Era um projeto de amor, aquele campo. Coisa que ele fazia todo ano. Até no aniversário do bairro, ele comemorava com aquele bolo, aquela festa simples, mas cheia de significado. Ele chorava ao falar do campo, porque ali estava o sonho de ver os meninos correndo, jogando, crescendo com dignidade.

Mas o tempo passou, e o campo virou a quadra. Quando eu cheguei já era assim, já tinham cimentado, já tava tudo diferente. E foi uma tristeza pra ele. Porque o que era vivo, o que tinha alma de grama e suor desse povo, virou concreto.

O que me marca é ver que, mesmo com a estrutura precária, o povo se virava. O dia a dia da comunidade era feito de improviso e boa vontade. Não tinha luxo, não. Mas tinha pertencimento. E, quando o poder público demorava demais, era a gente mesmo que ia lá e fazia. Porque sabíamos que, se não fosse por nós, ninguém faria.

E agora, com esse projeto novo, de trazer de volta o sonho do campo, bate aquela esperança de novo no peito. Devagarinho, com fé e paciência, a comunidade ainda vai ver a bola rolar no gramado de verdade de novo. Porque aqui é assim: o sonho pode até dormir, mas nunca morre.

Aqui no Jardim Planalto, as festas sempre foram mais que comemoração — são resistência, são união. Mesmo com pouco, mesmo na dificuldade, a gente sempre dá um jeito de celebrar.

Ah, quais as figuras queridas aqui no bairro? Tem sim, senhor. Além de mim — que tô sempre no meio da confusão boa — e da Vanessa, com aquela festinha linda pras crianças, tem gente por aqui que faz a diferença e merece ser lembrada por fazer acontecer por aqui. A Vanessa, por exemplo. Mulher guerreira. Todo ano ela organiza uma festinha pras crianças. Coisa simples, mas feita com o coração. Ela prepara festa, brinquedo, música, e enche o bairro de cor e sorriso. É daquelas

que talvez nem fale de si, mas eu falo por ela: ela merece respeito. Faz muito pelo bairro, sem esperar nada em troca.

Uma das maiores tradições que a gente conseguiu manter é o aniversário do bairro. Ano passado mesmo, o Jardim Planalto completou 43 anos, o Residencial Floresta fez 13, e o Residencial Ipê, 4 anos. Somamos tudo pra fazer um bolo de 6 metros. Eu gosto de brincar com isso, porque o tamanho do bolo é sempre proporcional à idade do bairro. Fiz a conta: 10 centímetros de bolo por ano vivido do bairro.

A festa foi ali no prédio que ganhei pra associação, perto do prédio que consegui com a prefeitura — um antigo núcleo, que depois virou sede da associação de moradores. Eu estive à frente dela até a semana passada. Pedi a limpeza do espaço, organizei junto com o povo, e no dia 17 agora vai ter brechó, com a nova liderança assumindo. Porque o importante não é quem tá na frente, é o bairro seguir firme.

Essas festas, esses gestos, esses detalhes... tudo isso é memória viva do que somos. E é por isso que esse livro precisa existir. Para que a próxima geração leia e saiba que aqui teve — e tem — gente de bem, que faz história com as próprias mãos.

Porque o Planalto já mudou, sim. Já saiu daquela imagem pesada que jogavam sobre nós. E mudou porque a gente plantou alegria onde antes só havia esquecimento. A gente botou cor onde só se via cinza. E continuamos aqui, firmes, dizendo:

— Nossa história não vai ser esquecida. Nossa história vai ser contada por nós.

Bom, agora eu tô montando uma rádio. Uma rádio do Planalto. É um projeto que carrego no peito com cuidado, com zelo, com fé de que vai crescer bonito. Meu plano é fazer uma rádio comunitária. Em perfeito estado, legalizada, direitinho, do jeito que a Anatel permite. Segundo as normas, eu posso fazer uma transmissão experimental com alcance de até 1.200 metros. Isso aí já cobre o bairro todo em círculo — não é pouca coisa, não.

A ideia é montar uma rádio híbrida: uma web rádio, que pega o mundo inteiro, e uma rádio FM de bairro, com alto-falantes instalados nos comércios locais — um sistema que chamo de rádio poste. Já ouviu falar? Não? Pois te explico.

A rádio poste funciona assim: a gente pega alguns comércios do bairro — padaria, farmácia, salão de beleza, oficina — e instala quatro caixas de som em cada um. Não é no poste da rua, não, que aí dá problema com a concessionária. É no espaço do próprio comércio, no que é de direito dele. Junto, vai um amplificador, um radinho FM receptor, e tudo é ligado ali.

A transmissão vai sair da minha central — um gabinete que estou montando aqui mesmo — e chega nos comércios por frequência FM. Dentro do limite de 1.200 metros, todo mundo vai poder ouvir: no carro, no celular, em casa, na calçada.

E a gente não vai fazer propaganda comercial direta, não. Vai ser apoio cultural, como manda o regulamento. Isso quer dizer que a gente pode divulgar as padarias, os produtos em promoção, o serviço da manicure, do serralheiro, do rapaz que conserta sofá — tudo de gente do bairro. Isso valoriza o comércio local, gira renda aqui dentro mesmo.

Outro dia saí de casa só pra fazer a conta. Fui olhando e anotando, e cheguei a um número que me surpreendeu: tem entre 36 a 38 comércios aqui. Pode não parecer, mas tem! Tem gente que trabalha com o que sabe fazer, com o que tem. A gente pensa que empreendedor é só quem tem loja grande, fachada bonita, mas não é, não. Empreendedor é quem acorda cedo pra fazer o pão, quem corta cabelo no fundo da casa, quem costura, quem conserta. Esse povo é a força do bairro.

Com a rádio, a gente vai dar voz pra esse povo. Vai tocar a música do nosso bairro, vai contar notícia boa, vai avisar quando tiver festinha pras crianças, brechó na associação, curso novo, vacinação, o que for. Vai ser informação, cultura e acolhimento.

E claro, tudo pensado para respeitar os vizinhos: nada de volume alto demais, nada de exagero. Vai ser um som que chega macio, com clareza, pra quem quiser ouvir.

A única coisa que falta agora é o tempo para alinhar. O sonho já tá de pé. Já estou montando o equipamento, ajustando com calma. O bairro vai ouvir falar da gente, pela gente. Porque se ninguém dá espaço pra nossa voz, a gente mesmo constrói o "nosso microfone".

Tem um que eu admiro, viu? Mesmo que a admiração não seja recíproca — quer dizer, ele não admira muito o que eu faço, não. Mas eu admiro o que ele faz. É o Lêu.

O Lêu, junto com o Carlão, é um desses que pega firme no esporte, principalmente com a molecada do futebol. Ele trabalha com os meninos, orienta, organiza, dá direção. Não é só chute na bola, não — é caminho traçado com disciplina e propósito. Eu vejo o trabalho que ele faz com respeito. Porque quem investe no esporte tá salvando vidas sem alarde. Tá tirando menino da rua, tá colocando sonho no lugar do risco.

A gente pode não bater igual nas ideias — cada um tem seu jeito —, mas, quando eu olho pro Lêu com os meninos no campo, eu penso:

— "Esse cara tá fazendo história aqui também."

Aqui no Jardim Planalto, os protagonistas muitas vezes são invisíveis para os de fora. Mas, pra quem mora aqui, são gigantes. Gente que não espera aplauso, mas planta futuro. E é por isso que esse livro é tão importante. Porque vai contar, com nome e sobrenome, quem são os que fazem esse bairro acontecer.

No começo, o bairro era mata-mata mesmo, como a gente já falou. O clima era tenso, pesado, e a gente tinha que viver com o coração na mão. Mas hoje, as coisas mudaram. Cada um cuida do seu cantinho, é verdade, mas tem muita gente boa aqui. Gente que se ajuda, que se preocupa, que carrega o bairro nas costas — às vezes sem nem ser notado.

A dona Antônia é uma dessas. Criou os filhos aqui, viu tudo mudar ao redor, mas nunca deixou de estar presente, de zelar. E o seu Zé do Alho, o marido dela, era um daqueles homens que marcaram esse chão. Quando eu passei pela Câmara de Vereadores, tentei homenagear ele. Queria colocar o nome dele em uma praça, e também dar o nome de uma quadra à esposa do Rubão (Sr. Rubens), outro morador histórico daqui.

Não consegui concluir tudo — pois o tempo que tive de mandato foi curto demais, muita burocracia. Mas olha, o que o papel não reconhece, o povo faz questão de guardar. A praça lá embaixo, aquela da quadra, onde era o antigo campo do Sr. Rubens, todo mundo conhece como sendo a Praça do Zé do Alho. Pode não estar escrita em placa, mas tá cravada na memória e no coração da comunidade. Os funcionários da prefeitura mesmo, quando vêm trabalhar lá, já sabem:

— "Vai lá na praça do Zé do Alho."

Mas o que importa é que o nome dele ficou. Mesmo que não tenha sido "inaugurado", o povo já batizou.

Esse tipo de coisa me emociona. Porque mostra que, aqui, a solidariedade se dá na prática. Não precisa de placa, precisa de presença. E o povo do Planalto se ajuda, sim. Pode ser cada um no seu pedaço, mas, na hora que precisa, alguém aparece.

Meu sonho, e eu falo isso com fé, é que o povo daqui levante a cabeça, reconheça o valor que esse bairro tem, vote com consciência, lute por representatividade. Porque, se aqui tem quase 4.000 moradores, com uns 20% votando, dá 800 votos, no máximo. Então acaba ficando pouca voz para muito coração.

Mas isso vai mudar. Eu creio que vai. Porque o Planalto já não é mais o mesmo. Agora ele tem história contada, nome lembrado, gente homenageada — nem que seja na memória. E é isso que vale.

O que me faz sentir parte dessa comunidade? É o povo. Não é o chão, não é a casa, não é o canal. É o povo.

Esse povo do Jardim Planalto, que carrega nas costas uma história difícil, mas segue em frente, de cabeça erguida, merece respeito.

Se eu fosse só um camarada da política, da conversa fiada, só apareceria aqui na época de eleição. Mas não. Eu passo nas ruas todo dia. Se eu vejo algo errado, eu

ligo pra prefeitura, corro atrás, tento resolver. Não espero por ninguém. Porque o prejuízo que esse bairro leva quando é esquecido... esse eu conheço de perto.

Eu me sinto em casa aqui. E olha que eu vim lá da Bahia, cheio de sonho e coragem, botei os pés aqui e nunca mais fui embora. Não é à toa. Porque aqui tem gente de verdade.

Às vezes eu fico triste. A prefeitura vem, faz a limpeza, passa por tudo... e aí, no dia seguinte, tem morador que espera para jogar o lixo só depois. Como se dissesse:

— "Pronto, já limparam. Agora posso sujar de novo."

Aí eu penso: "O que eu faço com esse povo, meu Deus?"

Mas eu não desisto. Porque a solução não é multa, não é punição. É consciência. É entender que a praça também é nossa sala de estar. Que a rua é o quintal coletivo da nossa casa.

A educação é o que vai fazer a diferença. E, com o tempo, eu acredito, essa consciência vai chegar. Vai florescer aqui como as árvores que foram plantadas na praça do Zé do Alho, como o campo que ainda vai sair, como a rádio que já está nascendo.

Porque, no fim das contas, eu amo esse bairro. Amo esse povo. E é por isso que fico. É por isso que luto.

Tem muito lugar especial aqui no Jardim Planalto, mas, se for pra falar de uma conquista importante mesmo, tem que citar o postinho de saúde. Quando aquele postinho foi colocado ali, ele não veio de graça, não. Veio como resultado de luta, de cobrança, como deveria ser uma UBS 24 horas. Era pra atender não só a gente aqui do Planalto, mas também o pessoal do Jardim Esmeralda, do Sol Nascente, da Maria Beatriz, do Martinho Francisco. Todo esse lado de cá da cidade.

Se ele tivesse se mantido como foi planejado — aberto 24 horas —, ia aliviar o pronto-socorro, ia dar dignidade pro povo daqui. Mas por falta de verba, de médico, de atenção mesmo, isso não aconteceu. Acabou virando só mais um posto limitado no horário. Mesmo assim, é um espaço importante, que ainda serve como referência para muita gente.

Quando tive a oportunidade de atuar na política, tentei trazer uma ambulância pra cá. Consegui até uma verba impositiva, queria colocar ela dentro do bairro. Mas depois, conversando com as enfermeiras-chefe — aqui no Planalto e lá no Martinho Francisco —, descobri que não tinha necessidade real da ambulância ficar parada no posto. Me disseram que, em Martinho Francisco, o motorista da ambulância ficava o dia todo na cozinha! E aqui, se precisasse, chamava de fora mesmo.

Então mudei os planos. Peguei essa verba — uns 90 mil reais na época — e investi em segurança pro próprio postinho, porque estavam arrombando, levando

equipamento, danificando tudo, outra na quadra de esportes do bairro e no CRAS - foram reformas importantes para a população.

É onde a gente briga, mas também sonha. Onde, mesmo sem tudo dar certo, a gente vê que não tá parado, que a luta continua!

Se tem um espaço que eu gostaria que fosse preservado, sem sombra de dúvida, é o campo de futebol que a gente tá tentando levantar. Também as praças, os cantinhos de encontro, de sombra e conversa. Esses lugares são mais do que áreas verdes: são sementes de cidadania.

Se o esporte aqui tivesse mais investimento, com certeza a gente teria mais gente de bem na sociedade. Porque o menino que corre atrás da bola, mais cedo ou mais tarde, aprende a correr atrás dos próprios sonhos.

O Jardim Planalto, pra mim, é mais que endereço. É missão. É aqui que eu aprendi a lutar pelo coletivo. Aqui eu vi o povo se levantar, mesmo quando o mundo dizia que a gente não ia dar em nada.

O que eu desejo para o futuro dessa comunidade? Educação. Esporte. Formação. Dignidade.

Acredito que essas crianças e adolescentes que hoje passam por mim — às vezes calados, às vezes perdidos — são a chave de um amanhã melhor. Se a gente investir neles, se a gente apoiar de verdade, essa geração vai ser luz.

Pode ser que, pela minha fé, eu não veja os próximos 50 anos desse bairro. Pode ser que o mundo vire algo diferente antes disso. Mas, se mudar mesmo, que seja com uma geração daqui conectada com a sociedade, com entendimento, com coração limpo e mente afiada.

Se eu pudesse deixar uma mensagem pra essa juventude, é essa: Toda vez que eu vejo vocês andando pelas ruas, eu não vejo só adolescentes — eu vejo campeões. Vejo atletas, vejo profissionais, vejo gente de futuro. Vejo aquele que vai trazer uma taça, um troféu, uma alegria. E não só pro Planalto. Mas para o Brasil inteiro.

"Acreditem em vocês."

"Mais do que só acreditar, trabalhem por isso, pela vida de vocês."

E que os pais e as mães acompanhem, apoiem, incentivem. Fiquem firmes. Lutem por esses meninos e meninas. Com Deus acima de tudo, com fé, com força, com amor... eles vão chegar lá.

Capítulo 4

A história da Flávia: Trançando a Própria História - Fio a Fio, Tijolo a Tijolo

Meu nome é Flávia Regina de Abreu, nasci no dia 15 de fevereiro de 1978. Tenho 47 anos e sou mãe de três filhos. Moro aqui no Residencial Floresta desde 2012, quando fui contemplada com a minha casa. De lá pra cá, construí raízes profundas nessa terra, que já faz parte da minha história.

Meu endereço é na Rua Ângelo Bernardi — que antes era chamada de Rua 6. Já são quase 13 anos nesse bairro; no dia 8 de julho, ele completa sua adolescência comigo. Vejo isso com carinho, porque, assim como meus filhos cresceram, esse bairro também amadureceu ao meu lado.

Antes de vir pra cá, eu morava na Vila Dias, na casa da minha mãe. Foi lá que me despedi da vida antiga, depois da separação do pai do meu filho caçula, o Dudu — o Eduardo. Em 2011, ele tinha só 3 aninhos quando tudo mudou. Me separei, saí da casa onde estávamos, no bairro Linda Chaib, e fui recomeçar na casa da minha mãe, ali na Vila Dias. Foi uma fase difícil, mas também foi o início de outra jornada, que me trouxe até aqui, até o Floresta, até esse lugar que hoje chamo de lar.

Sou cabeleireira, mas também sou auxiliar de enfermagem. Na verdade, carrego as duas profissões comigo há muitos anos — 28 anos na enfermagem e 22 como cabeleireira. Durante muito tempo levei as duas ao mesmo tempo, mas hoje minha paixão é o cabelo. Me especializei em tranças, em cabelos étnicos, nos cachos que carregam história. Faço cabelo com amor, com arte, e o que você está vendo agora? Fui eu quem fiz. Em mim mesma.

Minha mudança para o Residencial Floresta foi marcada por uma decisão de coragem. Eu estava saindo de um relacionamento abusivo, difícil, onde já não cabia mais nem esperança. Então determinei, com todas as letras: eu vou ter a

minha casa. Conversei com meus filhos — o mais velho tinha 15 anos — e falei pra eles que iríamos voltar temporariamente para a casa da minha mãe. Um passo pra trás, mas com os olhos na frente.

Lembro exatamente da conversa. Fui até a minha mãe e perguntei se ela teria um canto pra gente ficar. Ela disse que sim, mas que não teria espaço para levar nossas coisas. Só poderíamos levar os meninos, as roupas e as camas. Eu respondi: não tem problema, porque, quando eu tiver minha casa, vou ter tudo novo. Minha casa vai ser nova, e a gente vai recomeçar com tudo novo, e em dois anos isso acontecerá.

Naquele momento, eu estava endividada, com três filhos pequenos, pagando aluguel da casa e do salão, mas com uma fé que não me abandonava. fui para a casa da minha mãe no dia 16 de maio de 2011. E, para minha surpresa, no dia 31 de maio de 2011, chegou a carta da contemplação da casa própria. Duas semanas depois da decisão, a vida me respondeu.

Eu tinha me dado o prazo de dois anos para sair da casa da minha mãe. Saí em um ano. Cumpri minha meta na metade do tempo. E foi um marco também na nossa relação. Minha mãe sempre teve um olhar mais protetor com meu irmão, talvez porque visse em mim uma força que nem sempre eu tinha. Ela acreditava que eu era forte o bastante pra aguentar tudo — e eu era, mas também precisava de cuidado.

Na casa dela, a convivência não era fácil. Ela vivia com um companheiro que era abusivo comigo e com meus filhos, e foi por isso que eu havia jurado não voltar. Mas voltei — mais forte. E nesse retorno, a gente se impôs e foi respeitado.

Minha mãe nunca acreditou que viver de cabelo era um trabalho "de verdade". Ela dizia que eu precisava de um trabalho fixo, carteira assinada, para sustentar as crianças. Mas eu sabia que minha arte era o meu caminho. Disse pra ela:

"Mãe, eu sou cabeleireira, sou profissional, amo o que faço desde criança. E é com isso que vou sustentar meus filhos. Eu acredito na minha arte. Se eu acreditar, os outros vão acreditar também."

E assim foi. Fiz da tesoura e do talento o meu sustento. Fiz da minha dor uma raíz para "fincar no chão" e estabilizar minha vida; e do cabelo afro, que carrego comigo, uma forma de florescer profissionalmente e me sentir realizada.

E assim eu fiz. Peguei a chave da minha casa, peguei a coragem para morar em um bairro novo e afastado, e vim com meus filhos. Quando cheguei aqui no Residencial Floresta, tudo era novo e, ao mesmo tempo, em estado bruto. As casas não estavam totalmente acabadas. Estavam recém-construídas, o bairro ainda sem alma, e a gente é que foi dando vida às ruas, um passo por vez. Eu já conhecia um pouco da região por causa de um namorado que morava por aqui, no Jardim Planalto, muitos anos antes. E, naquela época, vou te dizer: dava medo de vir pra cá.

Esse estigma da violência ainda acompanha o bairro — muita gente fala que é perigoso, e de fato já foi difícil. Mas, quando a gente chegou, a sensação era outra. Era uma conquista. As ruas do novo bairro já estavam todas asfaltadas, coisa que nem tinham completamente no bairro Jardim Planalto, mais antigo, e as casas eram todas novas, lindas. Foi esplêndido. Eu morava num pedaço alto do bairro e, quando olhava da minha casa, enxergava uma vista linda — até hoje não sei se é uma fazenda lá no fundo — mas o que eu sei é que é lindo demais.

Como as casas não tinham muros, a vista era livre lá da minha casa. E logo cedo, quando eu acordava, via tucanos e outros pássaros livres na natureza. A Floresta (referência feita várias vezes à mata atrás do bairro, que originou o nome do mesmo) ficava quase de frente com a minha casa. Parecia mágica, parecia sonho. Mesmo com pouco — só um colchão e uma cama — a gente chegou com muita força de vontade. E pouco a pouco, fui conquistando tudo aqui. Cada conquista teve gosto de suor, mas também de vitória.

Com o passar dos anos, o bairro foi mudando, crescendo. No começo era longe de tudo — parecia que a gente estava no fim do mundo. Mas agora tem farmácia, mercado, açougue, e a escola melhorou muito. Quando recebi a chave da casa, a escola estadual ainda nem existia. Aliás, a entrega das casas foi feita no terreno onde futuramente ela seria construída.

Na época, o posto de saúde ainda estava sendo finalizado, e a escola municipal, onde meu filho Eduardo — o Dudu, meu caçula — estudou, era novinha também. Dudu hoje tem 18 anos. Tenho três filhos: o Maicon, que tem 29, o Fabiano, com 25, e o Dudu. Mas a verdade é que o Maicon, meu mais velho, foi muito mais que filho. Ele foi meu braço direito. Me ajudou a cuidar dos irmãos, caminhou comigo em todos os passos dessa jornada.

E hoje sou também avó. A minha neta se chama Maria Eduarda. Olha que coisa linda — a vida se multiplicando, onde antes só havia incerteza.

O que eu mais gosto aqui é a tranquilidade. Porque, apesar de tudo, hoje o bairro é tranquilo. No começo, era agitado, tinha muita movimentação, briga, confusão, um vai e vem que não deixava a gente sossegada. Mas nunca vi como um bairro violento, não da forma como as pessoas de fora falam. Existe, sim, a ociosidade, a falta de perspectiva, principalmente entre os jovens, entre algumas mulheres e homens também — e isso abre espaço para certas escolhas erradas e comodismo para alguns. Mas, mesmo assim, eu não concordo com a taxação do bairro baseada em preconceitos. Eu gosto daqui.

Sempre trabalhei fora. Meus salões nunca foram dentro do bairro, embora tenha tido clientes por aqui e, em uma época, cheguei a trabalhar na região. Ainda assim, passava mais tempo longe. E olha, em outros lugares, quando eu estava esperando no ponto de ônibus, eu sentia até mais medo, um aperto no peito, uma apreensão que só passava

quando eu voltava pro bairro. Aqui, mesmo tendo que caminhar um bom trecho até a minha casa, eu já me sentia em paz, segura. Era como respirar de novo.

Agora até tem ônibus que passa perto da minha casa, lá no Floresta. Isso facilitou muito. O bairro cresceu, mudou, e foi criando raízes dentro de mim também.

E se tem uma coisa que me marcou nos primeiros anos por aqui, foi a boa vizinhança. Antes de construirmos os muros, tudo era aberto. E tinha um sentimento bonito de cooperação. Minhas vizinhas de cima, de baixo, do fundo — a gente se ajudava. Os filhos eram pequenos, eu trabalhava fora, quase não parava em casa, mas sabia que podia contar com elas. E isso faz toda a diferença quando se está recomeçando.

A construção do muro da minha casa foi um marco. Cada pedaço levantado era como afirmar: *aqui é meu lugar.* Foi difícil, mas eu fui comprando móvel por móvel, escolhendo do meu jeito, colocando tudo novo dentro de casa, do jeito que eu sonhei lá atrás quando disse à minha mãe.

Consegui dar base para os meus filhos mesmo aqui, mesmo quando diziam que eu era louca, que era perigoso, que esse lugar não tinha futuro. Sempre conversamos muito. Sempre fui firme com eles. E esse diálogo, esse amor com firmeza, transformou nossa rua, os filhos das minhas vizinhas. Meus filhos influenciaram os amigos, e a frente da minha casa virou um ponto de encontro — os meninos vinham conversar com eles, buscar conselho, acolhimento.

Minha rua era agitada. Tinha briga quase todo dia. Mas, aos poucos, foi se transformando também. Hoje, acho que é uma das ruas mais tranquilas do bairro. E isso, pra mim, é motivo de orgulho. Porque a gente não só morou aqui. A gente transformou e moldou o bairro.

Ah, menina... no começo, o fim de semana aqui era um espetáculo à parte. Mas não no sentido bonito da coisa. Era aquele duelo de caixas de som: de um lado, o funk no último volume, do outro, alguém respondendo com pisadinha — também no último volume. Um tentando calar o outro. E a gente ali no meio, só tentando estender a roupa no varal... mas, daqui a pouco, o varal já estava tomado pela fumaça do churrasco do vizinho.

Não era violência, não. Era o povo tentando se ajeitar pra viver junto, aprender a conviver. A gente via que era mais um choque de convivência comunitária do que qualquer outra coisa. Barulho, bagunça, fumaça… era isso que mais pegava.

Violência de verdade? Eu nunca vi. Contudo, todo mundo diz isso: existe um estigma, uma ideia feita de que aqui é perigoso, mas não é a realidade que a gente vive.

Aqui é gente trabalhadora, lutadora, que respeita os outros. Até os moleques que andam "mais na deles" sempre me respeitaram. Nunca levei uma palavra atravessada, nunca vi arma na mão de ninguém.

Na Vila Dias, onde eu morava antes, era diferente. Lá, sim, eu fui assaltada duas vezes à mão armada. Aqui, nunca. Então, pra mim, o bairro é tranquilo.

Quanto às festas e tradições, eu mesma não participei muito, porque quase sempre estava trabalhando. Mas teve, sim. Tinha a festa das crianças organizada pela Cláudia, com bolo, cachorro-quente, brincadeira. Eu ajudava quando dava — comprava uma coisa, — contribuía como podia. Mas meus filhos já eram um pouco maiores, dois já adolescentes, e o Dudu estava sempre comigo, me acompanhando no salão ou ficando na casa da minha mãe. Como as festas eram de sábado, o dia mais cheio de trabalho pra mim, a gente não participava tanto.

Também lembro de um bazar de roupas que faziam na pracinha, tipo um brechó, uma tentativa de movimentar a comunidade. O povo sempre dava um jeito de fazer alguma coisa.

Teve também um tempo que aqui virou posto do CRAS e havia um serviço de voluntariado e assistência. Nesse período, cortei cabelo voluntariamente por aqui. E teve uma ação comunitária que passou por aqui também. Na Escola Maria Teresa, eu dei uma oficina de tranças, mostrei pras meninas um pouco da história dos cabelos afro, da cultura preta, da importância de conhecer nossas raízes. Mostrei livros, levei conhecimento, levei cuidado.

A verdade é que, aos poucos, o bairro foi se moldando, se entendendo, se organizando. E a gente, cada um com o que tinha, foi costurando essa convivência. E isso também é memória — memória de quem fez o bairro com as próprias mãos.

Ah, se tem uma história engraçada? Tenho sim, dessas que só acontecem quando o bairro vira extensão da sua sala, e os vizinhos já são quase família.

Um dia, meu portão quebrou, e minhas galinhas fugiram. Sim, eu crio galinha em casa. E não era só galinha mansa, não. Eu tinha um galo feroz, que o povo até dizia que era abusado. Pois bem, esse galo rebelde escapou pelo portão e começou a tocar o terror na rua.

Ele saiu invadindo os terrenos vizinhos — na época, muita casa ainda não tinha muro — e acabou entrando no quintal da vizinha da frente. Lá, tinha outro galo, e o meu foi direto pro ataque. Brigaram feio, mas a vizinha conseguiu separar. Só que o danado do meu galo não parou por aí.

Desceu mais umas três casas, invadiu outro quintal — onde também tinha galinheiro — e lá o galo da vizinha não teve a mesma sorte. O meu matou o outro. Foi uma rinha de galo acidental, promovida por mim sem querer. Imagina o alvoroço.

Começou a pipocar mensagem no meu WhatsApp:

— *Flávia, seu galo tá possuído!*

— *Olha, o galo tá matando os outros!*

— *Cadê as galinhas? Tão tudo na rua!*

Virou o terror da rua, o galo. Galinha pra todo lado, gente correndo e tentando catar bicho pelo quarteirão. Depois, claro, virou piada no bairro inteiro. Diziam:

"Esse seu galo aí é abusivo com suas galinhas, violento demais!" — e riam.

O povo ficou me chamando de "a moça da rinha de galo", e até hoje, quando passam em frente de casa e escutam um cocoricó, já olham com desconfiança.

Foi uma confusão boa, dessas que só acontecem quando a gente já está enraizada num lugar, onde até a fuga das galinhas vira história compartilhada.

Minha casa sempre foi muito aberta, tanto no coração quanto no portão. Desprotegida, como dizem por aí. Mas nunca tive do que reclamar, meus vizinhos são maravilhosos. Um exemplo foi a Alessandra, que morava aqui perto. Uma mulher de fibra, que infelizmente faleceu no ano passado. Tenho uma gratidão imensa por ela. Cuidava do meu filho Eduardo, quando eu trabalhava até tarde. E quando a coisa apertava, ela já sabia de tudo. Cuidava da minha casa, dos meus filhos, e do meu sossego.

No dia da fuga das galinhas, ela foi a primeira a me ajudar. Naquele dia, a rua inteira virou uma operação de resgate. Parecia um mutirão: todo mundo correndo atrás do galo bravo, espantando as galinhas, tentando empurrar de volta pro quintal. No fim, deu certo. O próprio galo entrou sozinho, todo cheio de si, e voltou para suas companheiras. Quando cheguei, estava tudo lá — galinhas, galo, risada e cheiro de amizade no ar e até o portão arrumado. Claro que também para não haver mais perigo de novos ataques do galo… e pra me ajudar com isso é claro!

Essas galinhas vieram da minha mãe. Ou melhor, do ex da minha mãe. Quando ela finalmente conseguiu se separar de um relacionamento tóxico — graças a Deus —, não tinha como levar as galinhas pro novo lar. E como ela queria reformar o fundo da casa, mandou as galinhas pra mim. A segunda geração já nasceu aqui, é o que temos hoje: galinhas que botam, galinhas que cantam, e até galo que briga.

Esse galo bravo, o famoso "galo bandido", já faleceu. Mas ficou conhecido na rua. Era tão bravo que só não avançava em mim. Era um senhor galo — já chegou velho e viveu muitos anos. Quando ele morreu, foi quase uma crônica.

Tínhamos galinhas demais — teve uma que deu 11 pintinhos de uma vez. Pedi pro meu marido vender algumas. Na hora de vender, o comprador também queria levar o galo. E queria cozinhá-lo! Só que ele não deu moleza: correu tanto para não ser vendido que, depois de ser pego e levado para o novo dono, enfartou no caminho, antes mesmo de chegar à casa do comprador.

O homem que ia matar o bicho chegou a dizer: *"Já veio morto. Veio com a panela pronta."* Contudo, nem sei se o galo virou ensopado no fim das contas.

No bairro, as amizades são raízes que se espalham. Além da Alessandra, tem a Lurdinha, que morava mais acima e também me ajudava quando precisava. Tinha

a Noemi, que "Pegava a mangueira emprestada" no meu quintal, usava até furar, como se fosse dela. Mas tudo bem. É como dizem: família é família, e vizinhança de verdade é praticamente isso.

E mesmo com os muros que hoje cercam as casas, o que constrói a vida aqui ainda é o laço invisível entre as pessoas. Gente que cuida do filho da outra, que corre atrás de galinha, que empresta mangueira, devolve furada e divide a vida — sem precisar de convites formais.

Hoje eu tenho carro, mas essa semana ele quebrou. E olha... voltar a andar de ônibus me fez ver o bairro com outros olhos, de novo. Porque, quando a gente entra na rotina, saindo às seis e meia da manhã e voltando só às dez da noite, a gente deixa de ver as pessoas. Vai perdendo os rostos conhecidos, os "bom dia" da calçada, os acenos rápidos do ponto de ônibus.

Agora, sem o carro, reencontrei muita gente. Gente nova, gente que nem sabia que eu morava aqui, gente que veio depois. E é isso que me faz sentir parte dessa comunidade: as pessoas. O contato, o carinho, essa teia invisível que nos une mesmo quando o tempo corre demais.

Ano passado, fui convidada para dar uma aula de tranças aqui no bairro. Foi especial demais. Reencontrei algumas conhecidas e conheci outras meninas, que me reconheceram como referência, como alguém do bairro, como alguém delas. E isso me tocou. Por isso, tudo que eu puder participar aqui, tudo que for pelo bairro, eu me organizo pra estar presente.

Tem lugares que me marcaram. Um deles foi a escola estadual, que começou a ser construída justamente no terreno onde a gente recebeu a chave da casa. Eu vi a escola nascer do barro, vi as fundações subirem, vi o sonho se erguer junto com aquelas paredes.

Na época, me preocupava muito com a educação do Dudu. Não queria que ele tivesse que estudar longe, como era o costume de ir lá para o centro da cidade. E deu tempo. Ele estudou aqui. Saiu do Adib, a escola municipal, foi para a escola nova, ficou até o nono ano, depois fez o primeiro colegial aqui também. Foi até presidente do Grêmio. E depois ele foi estudar na ETEC. Mas aí apareceu uma oportunidade que brilhou nos olhos dele: voltar ao projeto ICA, onde ele havia sido aluno com apenas seis anos — agora como professor.

Olha que coisa linda. De aluno a educador. De criança sonhadora a referência para outras gerações.

Hoje, sou voluntária no projeto ICA com muito orgulho. Tenho uma gratidão imensa. O Dudu é um filho maravilhoso — todos os meus filhos são — mas ele tem um jeito muito parecido comigo nesse desejo de ajudar os outros a crescerem também, de não querer subir sozinho, sabe? Ele sofreu muito no começo. Sofreu

bullying por ser inteligente, por aprender rápido demais. Enquanto os colegas ainda engatinhavam nas lições, ele já estava lá na frente. E isso gerava incômodo.

Foi difícil. Ele tinha apenas seis ou sete anos e já carregava o peso de não se encaixar. Mas uma professora enxergou isso. Teve sabedoria. Colocou ele pra ajudar os colegas. E foi assim que, aos poucos, ele foi encontrando seu lugar. E aí, quando o projeto ICA chegou na escola, tudo fez sentido.

Foi ali que ele se descobriu. Que ele entendeu seu caminho. E foi ali que eu vi, mais uma vez, como esse bairro, com todas as suas lutas, suas belezas e suas imperfeições, pode ser um lugar de transformação real.

Teve sim um espaço que deixou de ser o que era, mas que marcou minha vida — e a de muita gente aqui.

A quadra de futebol de salão e a pista de skate, ali embaixo, sempre foram espaços importantes. A quadra passou por mudanças, teve ajuda do Seu Baiano, que se movimentou bastante para melhorar as coisas, buscar apoio, reformular o espaço. Já o Seu Rubens, ah, esse foi visionário — fez o primeiro campo do bairro, deu lugar pra criançada se reunir, brincar, disputar ali o tempo com alegria.

A pista de skate, então, ali era ponto de encontro. No começo, as crianças frequentavam muito lá. Meu filho do meio, o Fabiano, vivia por lá soltando pipa com os amigos. O Eduardo passou uma fase de andar com o pessoal do skate, lá na parte de baixo. Era um grupo meio sinistro, sabe? Nem todos os meninos se sentiram seguros de continuar frequentando. Mas o Dudu, ainda assim, fez capoeira ali nesta quadra, com o Valtinho, à noite mesmo. Foi uma época boa.

Mas o tempo passou, o espaço foi se perdendo, e hoje já não é mais como antes. E isso faz falta, porque era um lugar de encontro, de convivência, de formação. Lugar onde os meninos se soltavam, as meninas se encontravam, onde se respirava um pouco de liberdade dentro do concreto do bairro.

Gostaria que esses espaços fossem preservados. Que voltassem a ser um espaço bacana de convivência e esportes. Porque, quando a gente perde um lugar assim, a gente perde também uma parte da infância dos nossos filhos, uma parte da história da comunidade. E aqui, onde cada tijolo foi conquistado, preservar é também uma maneira de resistência.

Se eu tivesse que resumir o que esse bairro representa na minha vida, seria com uma única palavra: realização.

Aqui, nessa casa, eu construí o que muitos achavam impossível. Eu morei anos de aluguel, trabalhando muito, sempre pagando em dia, mas sempre com o medo constante de ser retirada, de ter que desocupar um lugar que não era realmente meu. E isso… isso mexia comigo. Era uma sensação de insegurança, que jurei não viver mais. E cumpri!

Hoje, essa casa é minha. E isso não tem preço. Mesmo sem ainda ter construído meu próprio salão aqui — que é um sonho em andamento —, esse pedaço de chão é meu lar, minha base, minha vitória.

Eu me sinto uma pessoa extremamente realizada. Cada tijolo aqui tem minha história. Cada canto tem meu suor, meus filhos, minhas galinhas, meus sonhos. Aqui é onde minha vida tomou corpo. Onde a dor virou força e a força virou lar.

Para o futuro dessa comunidade, eu desejo que esse bairro seja reconhecido como referência na cidade. Que esse estigma de lugar perigoso, marginalizado, fique para trás. Que as pessoas vejam o que ele realmente é: um território de luta, de beleza, de vida real. Tenho fé que esse livro — esse projeto lindo — vai ajudar a mudar essa visão. Porque a gente sabe quem a gente é. E agora todo mundo vai saber também.

E para os jovens que estão crescendo aqui, a minha mensagem é uma herança da minha vó, que me disse algo quando eu era bem pequena, brincando de salão no meio do milharal do quintal dela:

"Sonha grande. Independente de qualquer coisa, sonha grande. Tenha um objetivo claro e acredite em você. Porque quem sonha, luta. E quem tem objetivo encontrará o caminho."

É isso que eu deixo: Sonhem alto. Tenham propósito. Não deixem ninguém diminuir seus sonhos. Porque o impossível só existe até a gente fazer acontecer.

Capítulo 5

A História do Sr. José: Pedalando Sonhos e Ganhando Batalhas

Meu nome é **José Waldomiro Vieira**. Mas pode me chamar só de José mesmo — não sou aquele de Arimateia, nem o do Egito. Waldomiro, mas não é Santiago. Vieira, mas não sou parente da Suzana. Sou José daqui mesmo, do Brasil, com orgulho e com história. Nasci no dia 4 de novembro de 1963, e de lá pra cá, muita coisa mudou, menos o jeito de olhar a vida com humor, mesmo quando ela pesa.

Hoje eu moro no Residencial Floresta, um bairro vizinho do Planalto, colado nele, quase como se fossem irmãos de muro. Já faz 12 anos que estou aqui. Comprei minha casinha assim que o bairro começou a se erguer, com as primeiras construções brotando do chão. Na semana seguinte à compra, já estava de mudança, porque não sou de esperar muito quando o destino me chama.

Antes disso, minha vida era no bairro Nossa Senhora Aparecida, ali naquela região onde funcionava o Carrefour, perto do antigo supermercado Lavapés. Quem conhece sabe: é um pedaço de chão de muitas histórias, ruas que levam e trazem memórias, bairros altos, vida simples.

Já fiz de tudo um pouco nessa vida. Hoje em dia, sou ajudante de pedreiro — mas olha, isso é só o que estou fazendo agora. Antes disso, já fui marteleteiro, profissão que pouca gente conhece, mas que exige força e coragem. Marteleteiro é aquele que trabalha com o martelete, furando (tiro) pedra, abrindo caminho, tirando minério com precisão. Era eu que segurava a máquina pesada, com o braço firme, e fazia a pedra obedecer.

Eu costumo dizer que nasci no Paraná, me criei na Bahia, hoje vivo em Mogi Mirim, mas também já fui mineiro — não desses que nascem em Minas, mas daqueles que conhecem o ofício. Porque, para ser mineiro de verdade, não precisa ter

nascido em Minas Gerais: basta trabalhar em mina. Já fui garimpeiro, sim senhor. Bati muita pedra, procurei brilho embaixo de muita terra.

E se Minas tem esse nome, não é por acaso — tem mina pra todo lado, e eu conheci algumas no braço e na fé.

Vim parar aqui por necessidade e esperança. A Bahia é linda, é minha raiz, mas a vida lá não estava fácil. O custo de vida era pesado, o ganho era leve. Lá nos garimpos, eu chegava a tirar uns 30 reais por semana. Isso mesmo: por semana. Não dava pra sonhar, não dava pra crescer. E foi assim, com coragem e pouca coisa na mala, que deixei o sertão.

Morei por um tempo na região de Senhor do Bonfim, numa cidade chamada Campo Formoso. Fica mais pro lado de Salvador, quase na divisa com Juazeiro, na Bahia. De lá, já é um pulo para Petrolina, em Pernambuco. Foi ali, naquele pedaço de chão quente e batido, que eu aprendi o valor do suor — e também onde percebi que precisava buscar um novo rumo para minha vida.

Quando eu cheguei aqui no Residencial Floresta, vou te dizer uma coisa: o negócio era puxado. Difícil mesmo. Eu olhava ao redor e a imagem que me vinha à cabeça era daquela do filme Cidade de Deus. Era aquilo ali, ó: criança correndo pra tudo quanto é lado, pulando muro, gritando, brincando — uma bagunça viva, cheia de energia, cheia de perigo também.

Hoje, graças a Deus, o bairro está cem por cento diferente. Melhorou, viu? Melhorou muito.

Naquele tempo, o asfalto até já tinha chegado aqui em cima, então não era lama, mas as casas… as casas não tinham muro nenhum. Tudo aberto. A minha, por exemplo, fui cercando o terreno aos poucos. No começo, fiz uma cerca de bambu, só pra marcar o espaço, para tentar dar um pouco de privacidade. Mas em volta estava tudo no aberto — os quintais do lado de trás, tudo sem divisão.

E a criançada? Pulava de um quintal para o outro, entrava e saía como se tudo fosse uma grande casa sem paredes. Um pula-pula de gente. A gente tinha que ficar "curiando", de olho, porque era fácil dar confusão. Tinha briga, tinha gritaria, mas tinha também aquele jeito de vida solta, aquela liberdade que hoje em dia quase não se vê mais.

Era diferente. Era bagunçado, era improvisado, era duro — mas tinha um charme de começo, sabe? Aquela coisa de estar desbravando, construindo junto com os outros. E por incrível que pareça, era bom também. Era o começo de tudo.

De lá pra cá, o bairro virou outro. Tudo melhorou — transporte, escola, o postinho, o próprio ambiente. Quando o ICA veio pra cá, então, foi outra vida.

Melhorou 100%, sem exagero. Antes era tudo improvisado, mas hoje, quase todas as casas têm muro, as ruas estão mais organizadas, e a gente se sente mais seguro.

A minha rotina é puxada, mas já me acostumei. Eu ando pra cima e pra baixo de bicicleta. Eu resolvo tudo com ela. Não é por esporte não, é por necessidade mesmo — não tenho condição de manter outro transporte. E também gosto, viu? Já é parte de mim. Eu brinco que sou quase ciclista profissional, de tanto que ando. Tem semana que pedalo tanto que parece que a bicicleta é uma extensão do meu corpo.

Outro dia mesmo, fui lá no centro fazer exame, saí de casa às 9 da manhã, fui de bicicleta até o posto. Fiz o que tinha que fazer, ainda resolvi umas coisas no caminho. Voltei rapidinho, mas já tive que ir buscar minha filha Josiane lá no ICA do Centro, com medo dela ficar sozinha no ponto. Ela só tem 12 anos, e eu não confio muito naquele trânsito, não.

Tenho três bicicletas em casa. A mulher vive dizendo pra eu vender as três para comprar uma nova. Mas como? Não dá nem pra comprar uma usada, quanto mais uma nova! Essas que eu tenho, vou ajeitando, remendando, adaptando. Com uma delas, coloco uma caixa de feira, dessas de laranja, e vou até o mercado fazer compra.

Vou no Big Bom, no Atacadão, às vezes no São Vicente, cada um tem uma oferta diferente. Compro o que dá em um, o resto no outro. Farinha de trigo, por exemplo, no Big Bom sai por uns dois reais e pouco, aqui perto já tá quase cinco. Tudo na base da economia, porque sou só eu que trabalho em casa. Tenho que me virar nos trinta.

Faço isso toda semana, cedo, às sete da manhã. Quando é uma hora da tarde, já tô voltando com tudo feito. É longe? É. Cansa? Cansa. Mas economiza. E no final, dá certo.

Lá em casa somos sete pessoas: eu, minha esposa e nossos cinco filhos. A mais nova é a Josiane, a única menina. Depois vêm os meninos: Kauã, Kaíque, Gabriel e o caçulinha, Kleudson. Todos com nome que começa com K — um jeito nosso de organizar o caos.

O nome da Josiane tem história. Quando minha esposa estava grávida dela, achou que ia perder a criança. Estava difícil. Queria colocar o nome de Vitória, mas eu disse: "Já escolheu o nome de todos os outros. Agora é minha vez." Aí juntei meu nome, José, com o dela, Adriana, e saiu Josiane. Ela ainda colocou um charme a mais: virou Josiane Anne, com esse "Anne" em inglês mesmo, porque diz que é bonito. E é.

Ah, e o bolo? Esse é por nossa conta também. Toda semana eu faço bolo lá em casa. É o nosso pão com leite, porque comprar pão para sete pessoas todo dia não dá. Faço com gosto. E enquanto tiver farinha barata no Big Bom, vai ter bolo quente no café da manhã.

No fim das contas, deu certo sim. A vida aqui no Residencial Floresta não é perfeita, mas tem seu valor. Gosto de quase tudo por aqui. Tem gente boa, tem vizinhança animada, tem criança na rua e sorriso fácil. Estão até surgindo mercadinhos novos, uns com ofertas boas, que ajudam bastante na luta do dia a dia.

Só que, como tudo na vida, também tem coisa que desagrada.

Uma das coisas que me deixa mais incomodado é a falta de educação com o lixo. O caminhão passa direitinho, cedo, faz a parte dele. Mas muita gente não sabe onde colocar o lixo, ou então coloca fora de hora, de qualquer jeito. Tem rua que parece que não tem ninguém cuidando. E isso prejudica todo mundo.

Na rua onde eu moro, por exemplo, tem uma vielinha do lado. Ela vive cheia de lixo. Mesmo com o caminhão passando, a sujeira fica. E não é só feio, não. É perigoso.

Meu filho, que faz taekwondo, não pode mais ir sozinho. Tá doente, com febre toda noite. A gente desconfia que pode ser dengue, por causa dos focos de água parada. E ele já tem bronquite, então qualquer coisa a mais já o derruba. Agora tá assim, de cama, e a gente sem saber se é gripe, dengue, ou outra coisa.

Já entrou até mesmo escorpião e cobra em casa. Isso mesmo. Escorpião. Cobra. A sujeira atrai o bicho, e o bicho não escolhe onde vai entrar.

E eu sei que o problema não é só do outro, não. Tem vezes que eu mesmo tenho lixo em casa que não dá pra pôr no caminhão, tipo papelão de cimento, entulho de construção. Essas coisas não são coletadas no dia a dia. O que eu faço? Carrego na carriola e levo lá pra cima, num canto mais afastado, quase na divisa com Itapira. Lá tem um lugar que a prefeitura passa com a máquina e limpa de tempos em tempos.

Tem hora que a gente precisa dar o destino certo, mesmo sem ter estrutura. Porque se cada um cuidar do seu pedaço, já ajuda muito.

Então o que eu mais gosto aqui é a gente, a vida comunitária, o jeito simples. Mas o que me incomoda é a falta de cuidado com o bairro, com o ambiente. Se o povo tivesse mais consciência de preservação, tudo seria diferente. A saúde melhoraria, os bichos que surgem do lixo desapareceriam, e o bairro continuaria esse lugar bom de viver.

Se tem uma lembrança que me marcou nesse bairro, foi uma que ainda hoje dói lembrar, embora tenha terminado em milagre.

Logo que a gente se mudou pro Residencial Floresta, eu trabalhava com um pedreiro — prefiro nem dizer o nome, por respeito, não por raiva. Ele me pediu para guardar o material de trabalho dele lá em casa: tábuas, andaimes, vigas, ferros. Ele não tinha onde pôr, e como meu quintal era grande, ainda não tinha construído, deixei. Não sei dizer não, sabe? Falei: "Pode deixar aí, não atrapalha nada."

Mas não foi bem assim… Quase que muda uma vida inteira por causa de alguns minutos.

Eu lembro que organizei direitinho, montei um canto ali no quintal, empilhei tudo. Era muita coisa. Devia ter uns dois mil quilos de madeira e ferro ali. Tinha até uma árvore bonita, que dava sombra, e eu gostava de sentar ali embaixo, depois do banho, pra jantar tranquilo.

Minha filha Josiane, na época com cinco anos, era muito apegada a mim. Só jantava comigo. Nesse dia, chamei: "Vem, minha filha, vem jantar com o papai." Mas ela não quis. Ficou brincando de boneca, bem debaixo da árvore, perto daquele monte de material empilhado.

E aí, não sei o que aconteceu. Talvez tenha chovido antes, o chão ficou fofo, ou Deus sabe o quê — o material todo desabou. Em cima dela.

Foram segundos. O peso era tanto… Eu só pensei: "Minha filha morreu." Minha mulher gritou, saiu correndo, desesperada. Eu travei. Parecia que o mundo tinha desabado comigo junto.

Mas aí começou o milagre. O pessoal do bairro veio correndo ajudar. Tinha um homem que eu chamo de Feijão. Não sei se ele sabe o tanto que eu respeito ele. Talvez ele nem saiba que eu considero ele um amigo de verdade, apesar das diferenças, apesar dos jeitos. Mas se não fosse ele, minha filha não estaria aqui hoje. Ele chegou, chamou gente, juntou um grupo que eu nem sei de onde saiu. Todo mundo ergueu junto aquele peso.

Foi só o tempo de levantar. A mãe puxou a Josiane por baixo, rasgou tudo, saiu com a menina no colo. As duas perninhas quebradas. Mas viva. Viva.

O dono do material levou a gente direto pra Santa Casa. Bateram raio-X, confirmaram: duas fraturas nas pernas. Ela ficou lá oito dias internada. Eu lembro do médico falando: "Olha, eu não garanto, mas talvez ela fique com sequela." E eu disse: "Deus é mais."

Hoje você olha pra ela e nem parece que aquilo aconteceu. Anda, corre, sorri. Um milagre.

Então, sim — é uma lembrança triste, muito triste. Mas que teve um final feliz. Um daqueles que a gente não gosta de lembrar, mas que nunca vai esquecer. Porque mostra que mesmo nos dias mais escuros, Deus ainda estende a mão.

Hoje em dia, minha vida é uma roda que gira no pedal da minha bicicleta. Vou e volto de bicicleta todo dia, saio aqui do Residencial Floresta e vou trabalhar onde me chamarem — construção civil é assim: hoje tem obra num canto, amanhã já é noutro.

Semana passada, por exemplo, eu estava levantando casa perto do mercado São Vicente, lá perto do centro cultural. Agora, a obra terminou, e a próxima já vai ser no bairro Maria Beatriz. Então eu acordo cedo, vou pedalando pela pista, passo de bicicleta pelas firmas (Parque Industrial) para cortar caminho. Chego na obra, faço meu serviço e volto. Não tem rotina certa, só tem que fazer. Vou onde as obras estão contratando, trabalho em diversos bairros, depende do serviço que eu consigo.

Mas nem sempre tem trabalho. Às vezes fico uns dias parado, esperando um novo bico (emprego eventual), uma nova parede pra subir. E sou só eu que trabalho em casa, então tem que segurar o tranco. A mulher até queria trabalhar, com os filhos maiores. Contudo, quando os meninos eram pequenos, isso era bem complicado. Antes, ela tinha que levar um na escola de manhã, e outro de tarde. E também tem meu filho Kaíque, que precisa muito dela. Agora até pensa em arrumar alguma coisa, mas com o Kaíque doente, com bronquite, e ainda por cima pegou essa gripe forte que tá dando, ela não consegue sair pra trabalhar. A gente até tenta, mas tem hora que a vida não deixa.

Lá em casa somos muitos. Cada filho é de um jeito. A Josiane ainda sai, se mistura. Já o Kauã, que é o mais velho, vive fechado no quarto. Fiz até um cantinho pra ele, arrumei do jeito dele, mas ele não sai, não é que eu o impeça, isso é dele mesmo. Ele é mais na dele, fica no computador, entra e passa o dia inteiro lá dentro. Quando sai, é só pra fazer a comidinha dele, janta, e volta pro quarto. Não sei se é vergonha, se é jeito... mas é o jeito dele, e a gente respeita.

O Kleudson, o caçula, o nome dele era pra ser Kléudson, com acento, mas na hora de registrar, como eu não tenho leitura boa, saiu Kleudson mesmo, K-L-E-U-D--S-O-N. E ficou assim mesmo.

Aqui no bairro, já teve festa junina, bolo das crianças, apresentação. O pessoal participava, ia para o ICA, os meninos faziam taekwondo, as mães se juntavam.

O Sr. Rubens mesmo fazia uns eventos, reunia gente. Agora, com o tempo, essas coisas foram diminuindo.

Hoje, alguns filhos ainda saem — o Kleudson e o Kaíque que participam do taekwondo. Já o Kauã quase não sai de casa, e os outros vão se ajeitando. A Josiane estuda longe, e eu saio daqui de bicicleta pra esperar ela sair do ICA lá do centro da cidade, levo ela para o ponto de ônibus. Espero o ônibus com ela e volto de bicicleta quando ela entra no circular.

Então o dia a dia aqui é esse: trabalho, bicicleta, cuidar dos filhos, economizar onde dá e agradecer como pode. A vida é simples e difícil, porém tem seus pedaços de alegria. E mesmo sem muita festa como antes, a gente ainda encontra motivo pra sorrir.

Olha… história engraçada, engraçada mesmo, dessas de rir? Não tenho muitas, eu sou mais de viver as coisas do que de contar causo. Mas se tem uma que eu nunca esqueci foi uma lá da Bahia, quando eu ainda era menino.

Eu tinha uns dez anos e morava no meio do mato, naquele sertão quente e poeirento onde o que a gente mais via era terra. Lá, eu não sabia o que era carro, nem cimento, nem bloco, nem energia elétrica — essas coisas eram só palavras que vinham de longe. Minha casa era de barro, taipa pura, com parede feita na mão mesmo, mas meu pai tinha colocado telhado. Enquanto muitas outras eram só de palha.

A primeira vez que eu "vi" um carro… na verdade, eu nem vi o carro em si, o que vi mesmo foi a poeira que ele deixou, subindo lá longe na estrada. A gente morava num lugar onde tudo era pé no chão e olho no céu. Quando os guardas da malária foram lá pra aplicar vacina, menina do céu, foi um corre-corre! Todo mundo se enfiando nos buracos, nas moitas, com medo de agulha. Até hoje tenho um certo pavor de eletricidade porque meu irmão inventava umas histórias de fio que matava só de olhar, e eu acreditei nele mesmo. Então sou ajudante de pedreiro, mas eletricista, isso nunca vou ser!

Mas a história mais maluca, mais inacreditável — e verdadeira — é a do tal do Mané Raimundo. Isso aí quem é da Bahia conhece. Um cabra que, dizem, corria mais do que carro, mais do que vento, ele tinha redemoinhos nos pés.

A história é assim:

Tinha um caminhoneiro chamado Café Quente. Era conhecido por correr demais nas estradas de terra. Um dia ele foi levar um povo para um casamento num sertão distante. O povo ia tudo empoleirado na carroceria do caminhão, como era costume. Só que, enquanto ia para o casório, foi descendo uma ribanceira perigosa,

o caminhão caiu. Todo mundo morreu. Só um homem sobreviveu: foi justamente o Mané Raimundo.

Como o povo não chegava para o casamento, foram voltando na estrada pra ver o que aconteceu. Encontraram o caminhão tombado e apenas o Mané Raimundo com vida.

Levaram ele, desacordado, para Juazeiro na Bahia, e lá cuidaram dele. Depois de uns dois ou três meses, o cabra voltou pra casa andando, como se nada tivesse acontecido. Mas a partir daí, ninguém mais segurava ele. Corria por tudo, mais rápido que qualquer carro.

Minha sogra chegou a ver ele. Disse que um dia estava varrendo a porta de casa, que ficava beirando a estrada, e de repente o sujeito apareceu, do nada. Pediu água. Ela foi buscar. Deu água pra ele e, quando ele acabou de tomar, ela nem viu quando ele saiu em disparada. Ela piscou e ele tinha sumido. Dizem que sapateava no chão, e um redemoinho levantava debaixo de seu pé. Ele sumia, correndo feito vento.

Teve até uma vez que apostaram com ele:

Um dos caminhoneiros foi buscar um caminhão novo em São Paulo, pois disse que o Mané Raimundo ganhava só de caminhão caindo aos pedaços. Queriam dar 15 minutos de vantagem pro Mané e ele não aceitou. Disse que o caminhão que precisava sair antes dele. E, pra aumentar a dificuldade, ele colocou um saco de feijão na cabeça. Depois que deu o tempo de vantagem para o caminhão novo, ele saiu em disparada, com feijão na cabeça e tudo. Ultrapassou o caminhão no caminho, subiu na escada da boleia e ficou batendo papo. Depois disse ao caminhoneiro que estava muito lento pra ele, desceu do caminhão e continuou correndo em disparada. Em cada parada que o caminhão fazia, descobria que o Mané já tinha deixado aquele lugar há algum tempo. E, quando o caminhão chegou no lugar marcado para finalizar a corrida, lá estava ele já descansando numa rede, deitado e rindo da lerdeza do caminhoneiro.

Dizem que ele corria até em cima do muro do curral, de tão leve, flutuando no vento do seu redemoinho. E nunca ninguém entendeu como ele fazia aquilo.

É coisa que só quem viveu no sertão acredita. Quem escuta hoje pode até dizer que é invenção. Eu conto isso aqui no bairro, conto para os amigos, e tem uns que acreditam mesmo. E outros que acham que é conversa fiada. Mas eu falo agora… minha história do Mané Raimundo vai entrar no livro do bairro!

Porque isso também faz parte de quem eu sou, de onde eu vim, da forma como a vida me ensinou a rir, a espantar o medo com palavra e a dar valor pra toda história que faz a gente lembrar de onde veio.

Amizade aqui no bairro? Tenho muitas. Sou um homem simples, mas gosto de gente boa, de conversa na calçada, de saber que posso contar com alguém. Tem o Baiano, por exemplo, gente de palavra. A gente se encontra, trocamos umas ideias, dá risada. Tem o Zico bicicleteiro, e o Canarinho, que mora ali embaixo — o Thiago, esse moço eu considero demais. É um cabra direito, coração grande. Gosto muito daquele rapaz.

Aqui no Floresta, mesmo com as correrias da vida, tem esse calor entre vizinhos. Gente que ajuda, que escuta, que aparece quando precisa. Quando minha filha sofreu o acidente, foi um monte de vizinho que correu para levantar as vigas. Foi a solidariedade que salvou a vida dela.

Agora, se tem uma coisa que não me pega mais, é o futebol de várzea. Já me convidaram para esses jogos dos casados contra os solteiros — dizem que o Baiano organizou um desses aqui no bairro — mas se eu tivesse sido chamado, não teria ido não.

Fiz uma promessa lá na Bahia.

Teve uma vez que a igreja católica organizou um jogo desses, num evento da comunidade. Eu estava casado — com outra pessoa naquela época — e acabei indo pro time dos casados. Aí, lá vai eu todo animado, querendo mostrar serviço, né?

Mas o que aconteceu... rapaz, até hoje eu rio — e choro um pouco por dentro.

A bola veio voando do escanteio, parecia uma bola de boliche, pesada e cheia de força. Eu estava em frente à trave, certinho pra receber e chutar bonito. Quando a bola quicou no chão, fui levantar a perna... ela passou por baixo da minha perna. Corri atrás, peguei embalo, fui de novo: a bola passou por baixo da perna outra vez. E, na terceira vez, igualzinho. Três vezes a bola me humilhou.

Saí correndo do campo, parecendo que alguém tinha me expulsado. Prometi que nunca mais colocaria o pé num jogo. E cumpri.

Hoje em dia, só assisto pela televisão. De vez em quando. Torço um pouco pelo Corinthians, porque moro em São Paulo, mas no fundo mesmo, meu time do coração é o Flamengo. Desde os tempos da Bahia. Quando tem jogo do Corinthians contra o Flamengo, não tem jeito: sou Flamengo de coração.

E assim eu vou, cercado de amigos, lembranças, histórias e um bocado de fé. O bairro me ensinou muito, mas a amizade e o humor foram os que mais me sustentaram nos dias difíceis.

Cada dia que passa, eu me sinto mais parte desse lugar. Não foi fácil chegar até aqui, mas a esperança sempre me acompanhou. A gente luta muito, luta todo dia,

mas eu tenho fé. Fé de que as coisas vão melhorar ainda mais. E, olha, se for pra dizer com sinceridade: acho que já venci muito.

Tenho minha esposa, meus filhos, minha casinha — pode não parecer muito para uns, mas pra mim é um mundo inteiro conquistado com esforço. Só que, mesmo assim, ainda guardo um sonho comigo. Um sonho velho, mas vivo: queria um pedacinho de terra. Um cantinho só meu, pra plantar. Não precisava ser grande, não. Só o suficiente pra meter a enxada, plantar um milhinho, feijão, melancia... colher com as próprias mãos. Comer do que plantei. Chamar um amigo para dividir o fruto. Isso, pra mim, é riqueza.

Lá na Bahia, a gente trabalhava assim, por conta própria. Meu pai nunca trabalhou de empregado — sempre foi da roça. E vivia dizendo que nunca encontrou uma melancia que enchesse a barriga dele de verdade. Ele contava cada história… dizia que um dia foi visitar um homem que se gabava de ter plantação de melancia. Chegando lá, comeram oito melancias num instante só, sem encher barriga nenhuma. Mas depois, acharam uma plantação inteira, daquelas de perder de vista. E aí sim, ele disse que passou o dia chupando melancia, de sete da manhã até duas da tarde. No fim, o dono da roça pediu que deixassem umas para os filhos. Meu pai ria, mas guardava aquela lembrança como um tesouro.

Eu herdei isso dele: esse desejo de ter a terra da gente. De ver a planta crescer. De construir algo que é nosso desde a raiz.

E talvez seja isso que me faz sentir parte dessa comunidade. Essa luta contínua, esse não desistir, esse amor pela família, pelos vizinhos, pela terra. Eu olho para os meus filhos, olho pra minha casa, e penso: "tô fincando raízes aqui". E quero que essas raízes sigam crescendo, firmes, fundas, para deixar um legado de pé para as futuras gerações.

Pra mim, o lugar mais especial é minha casa mesmo. É onde tudo acontece, onde a vida pulsa. Mas se eu fosse escolher hoje, iria querer morar mais pra cima, lá perto da casa de uma vizinha, onde tem um terreno baldio. Aquilo ali, pra mim, é ouro esquecido. Já pensou abrir um portãozinho nos fundos, fazer um cercado e ali plantar umas coisinhas? Milho, mandioca, feijão... aproveitar a terra ao invés de deixar só mato crescendo.

Tem gente que mora ali perto e nem repara no valor daquele espaço. E se um dia a prefeitura viesse reclamar? Duvido muito. E mesmo que reclamasse, até lá, a gente já teria tirado um sustento dali. E, quando alguém comprasse e fosse colocar muro, paciência, a gente entregava a terra. Mas enquanto isso... por que não plantar? Por que não usar o espaço com sabedoria?

Quando eu cheguei aqui no bairro, tinha uma casa antiga aqui, acho que era onde hoje é o prédio do CRAS. Com uns 15 dias depois que me mudei, derrubaram tudo. Ficou um tempo meio esquisito, sem muita estrutura. O postinho de saúde sumiu, não sabiam para onde tinha ido, o prédio foi ao chão. O povo ficou sem saber onde procurar ajuda.

Depois de um tempo, construíram de novo. Veio o postinho novo, e depois, se não me engano, virou CRAS. Era um casarão grande, onde muita gente já tinha sido atendida. Tinha história ali. Mudou tudo. E hoje é outro espaço, outro tempo.

Mas é assim mesmo: o bairro vai se transformando. O que importa é que siga crescendo, que os espaços ganhem sentido, que a gente continue encontrando lugar para plantar, cuidar, conviver.

Porque no fim das contas, o lugar mais especial é aquele que a gente olha com vontade de fazer florescer.

Tem lugar aqui no bairro que eu acho que deveria ser preservado pro futuro sim. Um deles é a mata que tem lá na Floresta, a Mata Ciliar, como alguns chamam. Aquilo ali é um tesouro escondido, um espaço que podia ser melhor cuidado, aproveitado como área de lazer, mas sem destruir o que mora ali.

Lembro que o Baiano, meu amigo, teve uma boa ideia: queria limpar tudo por baixo da mata, abrir caminho, fazer um espaço para as pessoas andarem, passearem. Mas o projeto não foi pra frente, faltou apoio, gente pra ajudar. E a mata ficou lá, do jeito que estava. Meio esquecida, meio viva.

Mas não é simples, não. Eu já andei por ali e sei bem o que tem naquela mata. Tem tatu, tem cobra, e cobra das grandes. Já vi jiboia ali com mais de um metro de comprimento. E se tem uma dessas, pode ter a mãe por perto, né? E a mãe, meu amigo, essa sim é capaz de engolir gente.

Então não é lugar pra entrar de qualquer jeito. Não é lugar para andar distraído. Tem que respeitar a mata, respeitar os bichos. Eu falo para o pessoal: "Esse espaço é precioso, mas tem que saber usar. Se for pra criar um pedacinho de trilha, um cantinho só, tudo bem. Mas sem expulsar os animais que vivem ali."

A gente tem que preservar, porque esses lugares são o pulmão do bairro, são a memória da terra. E porque o dia que a gente esquecer disso, vai fazer falta. Vai faltar sombra, vai faltar ar, vai faltar até história pra contar.

E olha que nessa mata tem muita história escondida também.

Esse bairro, pra mim, é tudo. É aqui que eu criei minha família, que parei de andar de casa em casa, sempre com medo de alguém bater na porta e dizer: "Você

tem que sair." Já perdi até guarda-roupa por conta da mudança, tive que cortar o guarda-roupa pra caber no quarto, morando em canto apertado, fogão encostado na cama, com cachorro invadindo o quarto e carrapato andando por debaixo da cama. Teve um tempo que a cobertura era de brasilit, e o calor era tanto que dava tontura. Aquele tempo, olha… melhor nem lembrar.

Mas quando cheguei aqui, nesse bairro, tudo mudou. Foi como se a vida dissesse: "Agora é seu." Essa casa aqui é meu canto. É a primeira casa que comprei. Não tem luxo, mas tem sossego. Não tem varanda grande, mas tem travesseiro de paz.

Dei sorte também. O Magalhães da Potencial, que conheço desde antes dele entrar pra política, me ajudou muito. Quando precisei sair da casa onde estávamos, ele nos conseguiu um abrigo na Cojamba, lá no campo do Maria Beatriz. E depois, pagou o aluguel por uns dias até a gente conseguir entrar nessas casinhas populares. Fiz inscrição três vezes, até conseguir. Madruguei em fila. Rezei. Aguentei a espera.

E quando o nome saiu, era o da minha esposa. Mas isso não me incomoda. Sei que essa casa é dela, minha e dos nossos filhos. E entendo que o governo faz isso para proteger as crianças, para garantir que, se algo acontecer, elas tenham um teto. É justo. E no fim, a casa é da família.

Passei por muita coisa. Já fui para o Mato Grosso do Sul, levado por promessa de ajuda. Fui com meu irmão, trabalhar para pagar a passagem. Lá ele se juntou com uma moça e ficou. Eu não tive sorte no amor naquela época, e acabei trabalhando sozinho, dormindo em um depósito de algodão, me desgostei e voltei pra Bahia.

Mas tudo isso me trouxe até aqui. Hoje tenho minha mulher, meus filhos, meu cantinho. Ainda sonho com um pedaço de terra, como já disse — um chão "meu" para plantar. Mas mesmo sem isso, o que conquistei aqui já vale a pena.

Esse bairro é mais do que um lugar. É meu porto seguro. É onde a luta virou história, onde a esperança criou raiz. É onde sei que, se baterem na porta, não é pra pedir a casa que antes era de aluguel — é pra pedir só um cafezinho. E esse sossego não tem preço.

Olha, o que eu mais desejo para o futuro desse bairro é que ele melhore mais ainda. Já melhorou bastante, não posso negar, mas ainda tem coisa que pode crescer, se ajeitar, se ajustar de vez.

Queria ver um mercado maior, pra gente não precisar sair de bicicleta lá pro outro lado da cidade só para comprar um pacote de farinha. Queria que abrissem uma rotatória ali pra cima, perto da Mata Ciliar, que facilitasse o trânsito, deixasse o bairro mais conectado com o resto da cidade. E se pudesse, uma pista nova, saindo lá da estradinha de terra, lá pro hospital, passando direto pro centro… ajudaria demais.

São coisas pequenas, sabe? Coisas que parecem simples, mas que para gente faz diferença todo dia. Menos tempo de estrada, mais segurança, mais acesso. Estrutura. Não é luxo, não. É dignidade.

Eu fico pensando no que esse bairro já foi, do tempo em que as casas não tinham muro, em que criança pulava de quintal em quintal, até hoje — com escola, postinho, asfalto e casinha pra chamar de sua. E sei que, com um pouco mais de cuidado, ele pode ser ainda melhor pra quem já mora e pra quem ainda vai chegar.

Porque o que a gente planta hoje — com esperança, com esforço, com verdade — é o que a próxima geração vai colher. E eu quero deixar um bairro mais justo, mais acessível e mais forte para os meus filhos e para as crianças que ainda vão correr por essas ruas.

Se eu pudesse deixar uma mensagem para os jovens que estão crescendo aqui, nesse bairro que me acolheu, seria essa:

"Faça o bem, sem olhar a quem."

Procure ter amizade, calma, paciência e dignidade. Trabalhe. Porque com bom trabalho, a gente vence.

Eu mesmo, que sofri bastante nessa vida, posso dizer hoje, com o coração tranquilo: sou um vencedor. E não foi porque ganhei dinheiro ou fiquei famoso. Foi porque construí uma família, uma casa, e uma história que posso contar de cabeça erguida.

A vida esfrega a gente, lixa, lapida, igual a um pedaço de ouro bruto. Quando sai da terra, o ouro parece pedra qualquer. Só brilha depois de muito esforço. Tem que derreter, purificar, moldar. E aí vira aliança, adquire valor. Vira símbolo.

A gente também é assim. Deus vai trabalhando no nosso coração, às vezes com dor, às vezes com silêncio, pra transformar ele em diamante. Não um bruto. Mas um diamante lapidado, que brilha de verdade. Que ilumina os outros.

Se perguntasse para o ouro se ele gostaria de passar por tudo isso, ele diria que não. Mas depois, quando todo mundo admira, entende que o sofrimento faz parte da beleza.

E olha... posso te fazer uma pergunta?

O que é que você tem, é seu, mas você quase nunca usa, e quem mais usa são os outros?

Quer saber?

É o seu nome.

É isso. Meu nome é José Waldomiro Vieira, e foi um prazer dividir um pouco da minha vida com vocês.

Capítulo 6

A História da Sra. Conceição: Cuidado com as crianças, com a vizinhança, com a comunidade.

Meu nome é Conceição Aparecida de Oliveira. Nasci no dia 6 de abril de 1975, em Mogi Mirim mesmo. Completei 50 anos agora em abril e, pela primeira vez, me dei conta de quantas histórias carrego comigo. Nem todas fáceis, mas todas vividas com o pé firme no chão — ou, como eu gosto de dizer, no meu chão.

Hoje moro na Rua João Rampazio, que antes era conhecida como Rua 17, aqui no Residencial Floresta. Me mudei para cá em julho de 2012, quando aconteceu a entrega das casas do programa Minha Casa Minha Vida. Foi um divisor de águas. Até então, eu morava de aluguel no bairro do Aterrado, que era bem mais perto do centro. Estava acostumada com certas facilidades: mercado ali, ônibus fácil, tudo a poucos passos de casa. Mas vir pra cá foi um outro ritmo. E foi aqui que eu realmente entendi as dificuldades que muitos moradores enfrentam diariamente. Coisas que, quando se está mais perto do centro, a gente nem percebe.

Mas também foi aqui que eu pisei, pela primeira vez, no que era verdadeiramente meu. Uma casa minha, meu canto, meu abrigo. E isso, pra quem passou anos de aluguel, sendo tirada de casa às vezes sem aviso, tem um valor que não dá pra medir. Ali no Aterrado, eu aluguei por muito tempo. Antes disso, já tinha morado na Zona Leste, no bairro Vila Dias, por uns quatro anos. Depois voltei pro Aterrado e só saí quando fui sorteada no projeto habitacional. Lembro-me até hoje do nome antigo: "Esse Chão é Seu", que depois virou Jd. Planalto. Então veio o Residencial Floresta, e pra mim, foi isso mesmo: o meu chão.

Sou agente de saúde, e atualmente integro a equipe da Vigilância Sanitária, trabalhando com o pessoal do CEM — Centro de Especialidades. Já fui daquelas agentes de saúde que trabalham nas ruas, atendendo pessoas, ouvindo histórias,

anotando tudo. Hoje estou mais na sede, que fica ali no bairro da Vila São José, mas a missão continua: cuidar da saúde pública, orientar, acolher.

Quando eu fiz minha inscrição no projeto habitacional, não sabia ainda que seria aqui. A proposta era simples: qualquer lugar que abrisse, eu toparia. Na época, eu já era viúva, e com 2 filhos pequenos, casei novamente e morava de aluguel.

Muita gente, quando soube que as casas seriam no Residencial Floresta, desistiu. Disseram que era longe, que não tinha nada por perto, que seria difícil. Mas eu pensei: "Longe por longe, mais longe é não ter um lugar pra chamar de meu." E eu decidi que fosse onde fosse, eu iria. Porque o importante era sair da fogueira, sair da instabilidade do aluguel. Quantas vezes tive que mudar, com criança pequena, só porque o dono pediu a casa de volta? Era esse o medo que eu queria deixar pra trás.

Aqui era meu chão. E, se Deus mandou, então era pra cá que eu viria.

Curiosamente, eu já conhecia essa região. Antes de ser agente de saúde, eu fui agente comunitária da UBS do Aterrado, e parte do meu trabalho era justamente vir até o Jd. Planalto para acompanhar casos específicos. Um deles me marcou muito: um paciente com tuberculose, que precisava tomar o remédio todos os dias, no horário certo. E lá vinha eu, de manhã cedo, trazendo o medicamento, garantindo que ele tomasse. Nem tinha infraestrutura direito por aqui naquela época. Era barro puro, quase não tinha asfalto. Mas eu já circulava entre essas ruas — ou melhor, entre as promessas do que viriam a ser ruas. Olhando agora, parece que a vida já estava me apresentando o lugar antes da hora certa.

Quando as casas foram entregues, em 2012, o Residencial Floresta era lindo. Simples, mas bonito. Tudo novo. Tinha lixeiras ecológicas espalhadas pelo bairro, imagine só. A impressão que dava era que poderia, com o tempo e cuidado, se tornar até um condomínio fechado. Dava orgulho de entrar, sabe? Ruas limpas, casas alinhadas, tudo ainda cheirando a tinta nova e esperança.

Mas, infelizmente, a realidade veio batendo à porta com o tempo. Em menos de um mês, aquelas lixeiras ecológicas tinham desaparecido. Furtadas, quebradas, arrancadas. Faltava — e ainda falta — consciência coletiva, um senso de preservação do espaço comum. Parece que algumas pessoas, por terem passado tanto tempo sem nada, quando recebem algo não sabem bem como cuidar. Não por maldade, mas por falta de vivência mesmo, por trauma, por carência de pertencimento. E isso se reflete nas ruas, nas calçadas, na maneira como o lixo é tratado, como o coletivo é visto.

Outro caso curioso foi o dos aquecedores solares. Quando as casas foram entregues, muitas não tinham. Mas, cerca de um ano depois, apareceu uma empresa colocando os aquecedores em algumas casas. A promessa era que todas teriam — fazia parte do projeto. Só que, de repente, essa empresa sumiu. Dizem que houve problemas legais, que ela teria vendido os aquecedores que seriam gratuitos para

moradores do Planalto. Resultado: algumas casas têm, outras não. Faltou fiscalização, respeito e, de novo, informação.

A história desse bairro é feita desses detalhes, dessas memórias pequenas que, juntas, formam o todo. E mesmo com as dificuldades, eu fico feliz por ter vindo. Porque a minha casa, ainda que pequena, ainda que com problemas como qualquer outra, é minha. E isso muda tudo. É aqui que os meus filhos cresceram. É daqui que eu saio todo dia pra trabalhar com dignidade. É nesse chão que eu plantei minhas raízes.

Com o passar dos anos, o bairro mudou bastante. Algumas mudanças me marcaram profundamente, tanto pelas melhoras quanto pelos desafios que continuaram. Logo de cara, uma das coisas que mais pesava era a questão do transporte público. Quando cheguei, não havia linha de ônibus específica para o Residencial Floresta. Era uma luta. Muita gente aqui não tem carro, e para acessar uma UPA, um hospital ou até um mercado maior, era um sufoco. Mas, aos poucos, as coisas foram se ajeitando. Criaram uma linha de ônibus nova, específica do bairro, e mais horários começaram a circular. Ainda não é o ideal — poderia ter mais frequência — mas foi um avanço.

Outra mudança importante foi na estrutura de serviços públicos. A chegada do Residencial Floresta trouxe demandas e, com elas, algumas melhorias: uma UBS ampliada, uma creche nova e maior, e até uma escola estadual — que antes não tinha. As crianças daqui precisavam se deslocar pro centro ou para a região do Martim Francisco para estudar. Agora, podem estudar mais perto de casa. Também surgiram açougues, farmácias, padarias. Antes, era só um mini-mercado. Hoje, tem mais opções. O bairro se movimentou.

Só que tudo isso assustou muita gente no começo. O pessoal mais antigo do Planalto estava acostumado com o bairro quase como uma vila isolada — todo mundo se conhecia desde a fundação. E aí, com a chegada do Floresta, veio gente de tudo quanto é canto da cidade. Teve quem olhou com desconfiança, quem achou que ia virar bagunça. Mas, aos poucos, perceberam que, junto com a muvuca, vieram também benefícios: mais gente significava mais comércio, mais atenção do poder público, mais oportunidade de mudança.

Eu mesma participei de muita coisa por aqui. Quando me mudei, havia um grupo de assistentes sociais que acompanhava o projeto Minha Casa Minha Vida. Foi por meio delas que nós fundamos a Associação de Bairro do Floresta. A ideia era juntar o Floresta e o Planalto — daí veio o nome Floralto (Floresta + Planalto). A fundação da associação foi lá no quintal da minha casa, acredita? Escolheram minha casa por causa do meu envolvimento com a comunidade, pelo meu trabalho. No começo, eu não quis assumir a presidência, mas ajudei

em tudo. Depois de uns anos, acabei assumindo o cargo, porque ninguém mais queria pegar a responsabilidade.

E isso é uma pena. Muita gente reclama, mas não quer se envolver. E, como era trabalho voluntário, sem remuneração, ficava difícil achar quem quisesse dedicar tempo e esforço.

Foi nessa época, mais ou menos entre 2016 e 2017, que tive meu primeiro contato com o pessoal do ICA. Eles ajudaram muito, trocávamos ideias, fazíamos articulações. Eu já era mãe de três filhos: o Renato, nascido em 1999, o Ricardo, de 2002, e o caçula, Hugo, que hoje tem 16 anos. Fui casada de novo por treze anos, mas me separei. Então eu segui mais uma vez, sozinha com os meninos. E segui fazendo o que podia pela comunidade.

Uma coisa que me marcou profundamente foi uma noite em que cheguei do serviço e vi muita criança na rua. Era tarde, devia ser quase dez da noite. E aquilo me incomodou. Porque criança ociosa na rua, à noite, sem ter o que fazer... a gente sabe o risco. Sabe o que o tráfico pode representar quando não há opções melhores. Então chamei o pessoal da associação e falei: "A gente precisa fazer alguma coisa. Agora."

A escola municipal estava sendo usada, pelo projeto da prefeitura e à noite, estava ociosa. Conversamos com a diretora, conseguimos a chave da escola. E aí nasceu o Projeto Floralto Noturno. Eu fui atrás de professores voluntários, gente de Mogi Mirim, de Mogi Guaçu, que viesse dar aula de dança, hip hop, zumba, futebol, teatro. Chegamos a ter 120 crianças e adolescentes por noite participando. Foi lindo. Era escola de manhã e projeto comunitário à noite. A molecada ganhou um novo sentido, uma nova energia.

Mas aí, veio uma troca de diretoria na escola, e o novo gestor não quis mais parceria. Fechou as portas pra gente. Eu, que estava novamente à frente da associação, não desisti. Peguei o que sobrou do projeto e levei pro quintal da minha casa. Ali, continuei com o que dava. Ficou só a capoeira, mas com força: quarenta crianças e adolescentes, três vezes por semana. Eu saía do trabalho, corria pra casa, preparava lanche, montava espaço. Tudo na raça. Recebia doações, comprava o que podia, mas me mantinha firme. Porque ali era um espaço de proteção e esperança.

Fiquei na associação por mais quatro anos depois disso, até não dar mais. A diretoria que existia acabou não assumindo responsabilidades. Tudo caía em cima de mim. E uma hora, cansa. Me afastei. Hoje, nem sei ao certo como está a associação. Não sei quem está cuidando, se está ativa, se tem algum projeto em pé. Mas o que eu fiz, eu fiz com amor. E fiz do meu jeito, como dava.

Tinha documentação, tinha vontade, mas não tinha apoio. E sem apoio, a gente cansa. A verdade é essa. É como remar contra a correnteza com o barco furado.

Acabei deixando de lado a associação, com dor no coração, mas sabendo que tinha feito o que pude, com os recursos que tinha.

Mesmo assim, eu gosto demais desse bairro. E se você me perguntar o que eu mais gosto, eu digo sem pestanejar: eu acho meu bairro lindo. Pode até parecer estranho pra quem só passa pela entrada e acaba tirando conclusões rápidas, mas quem mora aqui sabe. O Residencial Floresta é bem arborizado, tem ruas bem feitas, iluminação de LED, um traçado planejado. Quando foi entregue, parecia um bairro-modelo. E pra mim ainda é, apesar das dificuldades. Ele só precisava — ainda precisa — de uma consciência ambiental coletiva. De um senso de zelo, de cuidado. Porque, às vezes, o que estraga não é o bairro em si, mas o lixo jogado na esquina, a falta de cuidado com o que é de todos.

É como eu digo: o bairro é pequeno, mas a sensação que dá, pra quem não conhece, é que o tráfico ocupa mais espaço que a população honesta. Porque assim que você entra, logo ali na esquina, já tem uma molecada parada. E pra quem vem de fora, o primeiro impacto é esse: "Nossa, o tráfico corre solto aqui." Mas não é verdade. Eu sei, porque percorro a cidade inteira com o meu trabalho. E olha, tem lugar muito pior.

Lembro de uma fala do Seu Baiano, que uma vez veio aqui fazer uma pesquisa. Ele falou: "Já que todo mundo fala que no Planalto e no bairro Floresta tem muito traficante, vamos ver se é verdade. Vamos supor que 10% da população esteja envolvida com tráfico. Se o bairro tivesse 4.000 pessoas, seriam 400. Não tem 400 traficantes aqui. Nem 40. Então essa fama é injusta."

A maioria aqui é trabalhadora, honesta, gente que luta. Gente que pega ônibus de madrugada, que sai de bicicleta, que corre atrás. Só que, infelizmente, a fama ruim pegou. E isso mexe com tudo, principalmente com os jovens.

Teve um episódio que me doeu como mãe. Meu filho mais velho, o Renato, que hoje tem 26 anos, estudava na Escola Monsenhor Nora. Ele adorava uma das assistentes, que o tratava com carinho, acompanhava ele nos intervalos. Um dia, no meio de uma conversa na sala, ela perguntou onde ele morava. Quando ele respondeu que era aqui, no Residencial Floresta, o olhar dela mudou. Ela simplesmente passou a evitá-lo. Parou de andar junto, ficou fria, distante. Ele chegou em casa e me contou. Eu fiquei com o coração apertado. Porque ele era o mesmo menino. Só o endereço é que incomodava.

Tive a chance de falar sobre isso com o prefeito, numa visita da Tarcísia, quando vieram para uma reunião com a comunidade. Falei com todas as letras: "A gente precisa mudar a visão que têm do nosso bairro. Não é justo." Falei também sobre o CEBE — a antiga "Guardinha" passou a se chamar CEBE – Centro de Especialização e Base Educacional — que não chamava nossos jovens por eles morarem nesse bairro. Os ônibus daqui seguiam lotados de estudantes de Martim Francisco,

mas ninguém daqui era aceito. As mães me procuravam: "Conceição, escrevi meu filho, mas não foi chamado." Era como se o bairro todo fosse invisível.

Eu disse: "É um absurdo não darem oportunidade para nossa juventude. Isso passa a ideia de que nosso bairro não presta, que nossos filhos não têm futuro. E eles crescem com isso na cabeça." Mostrei os dados: "Pega um ônibus às seis da manhã. Tá cheio de trabalhador. Pega às sete. Lotado também. É bicicleta subindo, é carro saindo. É gente que acorda cedo pra batalhar."

E mais: Uber não quer entrar aqui. Criaram a ideia de que aqui se assalta Uber. Mas pergunto: cadê os boletins de ocorrência? Cadê os dados reais? Eu pego Uber direto. Converso com os motoristas. A maioria nunca teve problema. Mas o que falaram, o que disseram, foi criando uma fama injusta, que respinga em tudo — no transporte, no emprego, na autoestima.

Uma vez, uma equipe de campanha eleitoral parou na entrada do bairro. Um deles disse: "A gente vai até ali e depois já volta." Eu perguntei: "Por quê?" Ele ficou sem graça. Aí eu disse: "Sabia que eu moro aqui?" Ele ficou todo sem jeito. Eu falei: "Vocês querem voto, mas não querem entrar no bairro. Que tipo de compromisso é esse?"

Os jovens têm vergonha de dizer onde moram. Para procurar emprego, usam o endereço de outros parentes. Como se a gente morasse num lugar maldito. Mas tem bairros com situações muito mais graves, e ninguém fala nada. Lá na Terras de Mogi, por exemplo, muita gente também evita dar o endereço por medo de não ser chamado.

E os apelidos, então? Já ouvi falar que o condomínio lá do Terras era o Carandiru de Mogi Mirim. Olha o peso disso! É desumano. Porque a maioria das pessoas nesses bairros é trabalhadora. Mães que limpam casas, que vivem de faxina e que trabalham arduamente. A pandemia mostrou isso com clareza.

Durante a crise do COVID, a associação Floralto e o ICA trabalharam muito. Recebemos doações de cestas básicas, kits para crianças. Muitas mães, que são o arrimo da casa, ficaram sem trabalho, porque as patroas dispensaram por medo do vírus. Elas ganham por dia, por semana. De repente, ficaram sem nada. Algumas tinham Bolsa Família, outras não. A gente fez o que pôde. Corria atrás, batia de porta em porta, buscava parceria. Até sair o auxílio emergencial, foi uma luta diária para segurar as pontas de quem mais precisava.

Acho que foi ali, nos primeiros anos, que a gente realmente se uniu como comunidade. Antes de ter sede, antes de ter nome, antes de virar papel assinado, a associação já era um sentimento. Era vontade de fazer algo pelo outro, de ver alegria no rosto das crianças, de trazer dignidade para quem estava começando uma vida nova num bairro ainda sem tudo.

Tem muita lembrança que me emociona, mas tem uma que ficou gravada no meu coração como se tivesse acontecido ontem. Foi um dos Natais mais especiais da minha vida — e, com certeza, da vida de dezenas de crianças daqui do Residencial Floresta.

Na época, eu ainda estava à frente da associação. Um amigo muito querido, já falecido, que trabalhava com eventos. Ele tinha dois filhos que faziam parte do nosso projeto, e que era animador de festas, palhaço, mágico, tudo o que pudesse arrancar sorriso de criança. E, através dos contatos dele, conseguimos algo que parecia impossível: ingressos para o Natal Iluminado em Holambra.

Era um sonho. Conseguimos cerca de 40 ingressos para os alunos da capoeira, aqueles mesmos que treinavam no quintal da minha casa, com tanto esforço, tanto suor e tanto amor. E, quando eu digo conseguimos, foi na raça. Fui lá, falei com um, com outro, pedi, insisti — e conseguimos.

Só que não bastava o ingresso. Tinha o transporte. Então fui atrás da prefeitura, briguei, chorei, insisti de novo. E conseguimos o ônibus. O dia chegou e foi uma emoção sem tamanho. Preparamos lanches simples, sucos, frutas. A maioria das crianças nunca tinha saído da cidade, nunca tinha visto uma decoração natalina daquele tamanho. E lá fomos nós, com os olhos brilhando mais do que as luzes de Holambra.

Quando chegamos, o que era apenas o ingresso da entrada virou magia. Conversamos com o pessoal de lá, explicamos a situação, e conseguimos mais três ingressos de brinquedos pagos para cada criança. Elas puderam brincar, andar nos brinquedos iluminados, correr, sorrir. E ainda ganharam lanche lá dentro: refrigerante, batata frita, cachorro-quente. Aquilo foi um luxo para quem vivia de batalhas do dia a dia. Foi um sonho vivido acordado.

Eu olhava para eles e via um brilho que não se apaga. Era mais que uma excursão. Era um ato de dignidade, de dizer pra cada criança: "Você também pode. Você também merece." Porque aqui no bairro a gente aprende cedo que ninguém vai dar nada fácil. Mas, quando a gente se junta, quando acredita de verdade, a gente faz acontecer.

E, nesse dia, eu tive certeza de que vale a pena. Que mesmo com tudo — com a fama injusta, com a falta de estrutura, com o preconceito, com a luta diária — vale a pena resistir, plantar, cuidar. Porque esse bairro é meu chão. E, mesmo com as pedras do caminho, ele floresce.

O dia a dia aqui no bairro mudou muito desde que eu cheguei. Na época, o transporte era um dos maiores desafios. E olha, ainda é — mas já foi bem pior. Antigamente, o ônibus passava em horários absurdos, que não atendiam à necessidade da população. Tinha um que passava por volta das 6h da manhã, depois só aparecia outro às 10h. Quer dizer, ou você pegava o das seis, ou perdia tudo. E pra voltar?

Era a mesma coisa: um ônibus agora, outro só lá perto do meio-dia. Quem tinha que trabalhar cedo ou estudar fora, ficava refém desses horários escassos.

Com o tempo, as coisas melhoraram um pouco. Criaram uma linha específica para o Residencial Floresta, o que foi um avanço importante. Passaram a ter mais ônibus, ônibus melhores — porque antes era só carro velho, que vivia quebrando, caindo aos pedaços. Mas, mesmo assim, os horários continuam ruins. Por exemplo, tinha um ônibus que passava às 6h20 da manhã, que era o que meu filho caçula pegava pra estudar no centro. Tiraram esse horário. Agora, ele tem que pegar o das 5h50, chega na escola às 6h15 e fica esperando no portão até às 7h. É desumano.

Na época da pandemia, foi pior ainda. Cortaram vários horários, dizendo que não valia a pena manter as linhas porque não tinha gente suficiente usando. Mas aí, o que aconteceu? Todo mundo precisava sair ao mesmo tempo, e só tinha um ônibus. Era um empurra-empurra, gente saindo pela porta, lotado de uma forma que mal dava pra respirar. E esses horários não voltaram. Hoje, a gente tem ônibus às 5h50, depois às 7h15, depois às 8h20, depois só às 11h, 12h30 e às 15h. É muito intervalo, muito tempo sem ter opção. E, para quem depende do ônibus, isso ainda é um problema grave.

Mas também teve coisa boa. Com o tempo, o bairro foi ganhando mercado, padaria, açougue, escola, creche. Antes, pra comprar qualquer coisa, a gente tinha que ir até o centro ou até o Martim Francisco. E, com criança pequena, isso não era simples.

A escola estadual, por exemplo, não existia no começo. As crianças daqui eram mandadas para longe. Era um problema, principalmente porque deslocar aluno envolve passe escolar, gasto público. A solução que encontraram foi construir a escola às pressas. Tão às pressas que, no começo, ela nem tinha nome. Não tinha laboratório de informática, materiais básicos, nem mesmo estrutura pronta. Os professores compravam lápis com o próprio dinheiro, tentavam fazer o que podiam. E o bairro tem muita criança. Foi um impacto enorme, mas, no fim das contas, melhorou muito a vida dos pais, que não precisavam mais acordar de madrugada para levar os filhos para o outro lado da cidade.

A creche do Floresta, inclusive, foi a última a ser construída. E é muito boa. Eu cheguei a fazer uma vistoria lá, por conta do meu trabalho na vigilância sanitária, e posso dizer com certeza: é bem estruturada, com salas amplas, arejadas, tudo muito bem feito. Melhor que muitas outras que vieram antes. Foi uma conquista importante pro bairro.

E outra coisa que fez muita diferença foi a chegada do ICA aqui. Quando o Núcleo do ICA foi inaugurado no bairro, foi como se um portal tivesse se aberto para as crianças e adolescentes daqui. Porque muita gente sonhava em participar dos projetos, mas a sede antes era longe, difícil de acessar. Com a vinda do núcleo

pra cá, ficou muito mais fácil, mais próximo, mais real. E isso mudou muita coisa. A presença do ICA aqui é transformadora.

No fim das contas, o bairro ainda tem muito pra crescer, muita coisa pra melhorar, mas também tem muita história de conquista. A gente veio pra cá com o básico — e, com luta, com união e com fé, a gente foi conquistando o resto. E segue conquistando.

Se tem uma coisa que me marcou nesse bairro foi a solidariedade durante a pandemia. Foi quando eu vi, com os próprios olhos, o coração verdadeiro dos moradores daqui. Era um tempo duro, de incerteza, de medo, de escassez. Muitas famílias ficaram sem renda de um dia pro outro. Mães que trabalhavam como diaristas, pais que faziam bicos, jovens que ajudavam nas feiras... todo mundo parado.

Mas, mesmo com as prateleiras vazias e o bolso seco, ninguém aqui deixou o outro passar fome.

O ICA ajudou muito, distribuindo cestas básicas para os alunos que participavam dos projetos. Mas não parou por aí. Eu também recebia doações de colegas de trabalho, bancos, gente que sabia do nosso trabalho na associação. E aí a mágica acontecia: moradores que tinham recebido mais do que precisavam apareciam na porta da associação com sacolas nas mãos, dizendo:

— "Dona Conceição, recebi três cestas. Uma eu já comecei, outra vou guardar... mas essa aqui, essa aqui pode ir pra quem tá precisando mais."

Tinha gente que nem era tão próxima, mas conhecia outra família em situação difícil e levava direto pra elas. A gente montava kits de emergência, separava o que dava, e com isso conseguimos ajudar até famílias de outros bairros, da zona norte, do Vergel. Tudo com alimento que sobrou no coração de alguém daqui. Isso não tem preço. Foi ali que eu entendi de verdade que, apesar das dificuldades, essa comunidade tem um espírito de união que brilha nos momentos mais escuros.

Claro que a gente também teve momentos de festa e alegria, que uniram ainda mais os moradores. Fizemos muitos eventos na escola: festas das crianças, festas de Natal, encontros dos idosos... Ah, os encontros dos idosos eram lindos! Uma energia boa, todo mundo animado, dançando, rindo. Era como se a gente criasse, por algumas horas, uma bolha de felicidade e pertencimento, onde não existia problema, só convivência.

E teve outras histórias, mais engraçadas, do tempo em que o bairro ainda era mais mato do que casa. Quando eu comecei a trabalhar por aqui, antes mesmo de morar, a região onde hoje é o Floresta era cheia de criação solta: galinha, vaca, cavalo, cachorro. Um dia, eu estava vindo entregar um medicamento e, passando ali no meio da terra, com bicho pra tudo quanto é lado, me deu vontade de rir. Eu cheguei em casa e falei:

— “Hoje eu me senti na novela Caminho das Índias. Só faltou o elefante.”

Era vaca cruzando a rua, galinha correndo atrás de criança, cavalo parado na porta da casa da agente de saúde. Um caos, e uma delícia.

Mas se tem algo que nunca mudou nesse bairro foi o acolhimento das pessoas. Desde o início, fui muito bem recebida, mesmo antes de morar aqui. E olha que, sinceramente, nunca pensei que moraria aqui. As casas sempre saíam pra Zona Leste, pro Vila Dias, pro Aterrado. Quando descobri que minha sorte foi conseguir no Jd. Floresta, achei estranho no começo. Mas foi só chegar que me apaixonei.

Lembro do meu filho caçula, pequenininho, quando subimos o bairro pela primeira vez. Ele olhou em volta, viu aquele cenário com mato, árvores, casinhas, e falou:

— “Mãe, isso aqui parece uma fazendinha! Que lugar bonito!”

Até hoje eu brinco com ele: “E aí, vai querer mudar da sua fazendinha?” Porque, sinceramente, eu também acho esse lugar lindo.

Já me disseram pra vender a casa, mudar, procurar um bairro “melhor”. Mas eu olho em volta e penso: “Melhor pra quem?” Aqui tem gente honesta, batalhadora, que se ajuda. Tem árvore, tem criança brincando, tem lembrança boa. É aqui que eu criei meus filhos. É aqui que eu vou ficar.

Mas se eu parar pra pensar... talvez, de alguma forma, eu mesma tenha me tornado uma dessas figuras conhecidas no bairro. Não por querer aparecer, mas por estar presente. Pela porta sempre aberta. Pelo quintal que virou sede improvisada. Pela capoeira. Pelo lanche.

Teve um dia que me marcou profundamente. Eu nunca vi aquele menino antes, era aluno novo. Devia ter uns oito ou nove anos, apareceu no portão da minha casa perguntando se teria lanche na aula da capoeira. Eu disse que sim, que primeiro a gente fazia a aula e depois comia — como sempre. Ele entrou, participou da aula, parecia até alegre. Mas antes que o lanche fosse servido ele desmaiou. Foi uma correria. Todo mundo assustado. Coloquei ele na minha sala, dei água, acalmei, respirei junto. Quando ele acordou, perguntei se estava doente, o que tinha acontecido. E ele disse, com uma voz “murchinha”:

— “Tia... é fome. A última coisa que eu comi foi às nove da manhã.”

E já eram sete da noite. Ele desmaiou de fome. Que tristeza isso! Ali, o mundo parou pra mim.

Porque até então eu achava que as crianças vinham pela capoeira — e vinham mesmo. Mas algumas vinham pelo lanche também. E não porque eram malandras, ou folgadas. Era porque tinham fome de verdade. Fome que não avisa, que adormece o corpo, que arranca a força. E a gente, no corre do dia a dia, não percebe. Mas, quando essa fome bate dentro da tua casa, aí você enxerga.

Depois disso, comecei a observar mais. Criança que segurava o pão e olhava desconfiada pro colega do lado, como quem pensa: será que ele vai querer o meu? Criança que pedia "pra levar" — e eu entendia, na hora. Às vezes aquele era o jantar da casa inteira.

Passei a montar kits de lanche com o que sobrava, e entregava pra levarem. Pão com margarina, às vezes com frios. Suco de pacote. Quando dava, uma fruta. E isso, no começo, tudo com meu próprio dinheiro. Depois, gente boa começou a se aproximar. Colegas de trabalho, vizinhos, gente que ficou sabendo. Um ajudava com margarina, outro com suco, outro com um trocado.

Teve um momento especial em que a coisa deslanchou mesmo: um conhecido conseguiu contato com o Capone, o jogador. E ele, sem querer aparecer, passou a doar caixas e caixas de pão de hambúrguer, daqueles próprios pro Burger King, ainda embalados, direto da fábrica. Aquilo salvou muita noite de criança por aqui. Eu só fazia o recheio com o que dava: salsicha, maionese, frios quando conseguia. E servia com a dignidade que o momento pedia.

Às vezes eu me sentia sozinha, carregando tudo nas costas. Mas a verdade é que o bem puxa o bem. E logo percebi que não estava só. Que tinha muita gente boa no mundo, e que tem gente que acredita nos nossos meninos e meninas. Acredita que quem nasce na periferia pode ter outra história.

Eu acredito. Porque eu também vim de família humilde. Fui criada só pela minha mãe e pela minha avó. Fiquei viúva, criei meus filhos sozinha. E deu certo. Então eu mostro isso para outras mães, para outros jovens. Digo pra eles:

— "Você pode. Não é porque nasceu aqui que seu caminho já está escrito. Você pode escrever sua própria história."

E muitos dos meninos que passaram pela capoeira no meu quintal hoje estão com 18, 19 anos. Já terminaram o colegial, estão trabalhando. Cresceram. Às vezes cruzo com eles pela rua, altos, fortes, me chamando de "tia". Alguns ainda têm aquele brilho nos olhos da infância. Outros já endureceram um pouco com a vida. Mas todos eles carregam algo daquele tempo. Um lanche simples, uma roda de capoeira, um abraço depois da aula.

Isso ninguém te tira.

Ah, se tem uma coisa que eu posso dizer com certeza, é que eu sou a pessoa mais sortuda do mundo com os meus vizinhos. Sabe quando a gente ouve história de vizinho que dá problema, briga por som alto, por causa de cachorro, por tudo? Aqui não. Meu quarteirão é um presente de Deus.

A casa do lado da minha, por exemplo, é de aluguel. Muda gente com frequência, entra um, sai outro. Mas nunca tive um problema sequer. Já a vizinha da frente morava no Aterrado, pertinho de onde eu também morei. Quando nos encon-

tramos aqui, foi como reencontrar um pedaço do passado. A gente já tinha laço antigo, e esse laço só se fortaleceu.

Eu sempre brinco: meu quarteirão é o melhor do bairro, sem sombra de dúvida. Aqui são poucas casas — do meu lado só tem a minha e mais uma, e do outro lado da rua são umas cinco casas só. A gente se conhece pelo nome, pela risada, pelo cheiro do almoço. É uma vila dentro do bairro.

E a vizinha dos fundos… ah, essa virou comadre. Ela guardava a chave da minha casa quando eu ainda nem tinha me mudado. A casa estava em obras, sem muro, e eu ia colocando aos poucos: um piso, depois os móveis, uma cortina… Ela recebia tudo, conferia, cuidava como se fosse dela. E foi tanto carinho, tanta confiança, que eu batizei a filha dela. Até hoje, somos unidas.

E como se não bastasse, minha melhor amiga de infância veio morar na mesma rua. Aquela amiga que a gente achava que nunca mais ia encontrar na vida. Um dia, ela estava lá, batendo palma no portão da minha comadre. E eu: "Você aqui?". Pronto. Estava feito. O quarteirão virou lar.

Eu me sinto parte dessa comunidade por muitas razões, mas acho que o que mais me marcou foi a simplicidade das pessoas. Aqui ninguém te mede pela roupa, pelo carro, pelo que você tem. Te medem pelo olhar, pelo jeito de falar, pela presença. Eu nunca fui tratada com frieza. Desde que cheguei, fui acolhida com respeito e afeto. E isso não se compra.

Minha casa, até hoje, tem as portas abertas. E isso diz muito. É aquele tipo de lar onde as pessoas batem e entram, onde o café está sempre quente, e onde a comida no fogão é pretexto para uma prosa boa. Me lembra da casa da minha avó, onde fui criada. Portão aberto, vizinho entrando com liberdade, cheiro de pão, vozes baixas. O mundo era mais gentil. E aqui, às vezes, ainda é.

As mães do bairro também me emocionam muito. Muitas criam os filhos sozinhas, como eu criei os meus. Quando vejo uma mulher cansada, lutando, mas tentando sorrir, me enxergo nela. E às vezes, mesmo sem dizer, tento ser um espelho: "Olha, eu também estive aí. E você vai passar por isso. Você consegue."

Não é só empatia. É reconhecimento. Eu sei a dor do abandono, da falta de apoio, do medo de não dar conta. Mas também sei da força que a gente descobre dentro de si. E sei que, com acolhimento, tudo muda. Às vezes, tudo que alguém precisa é de um conselho sincero, um café quente, um lanche que vira jantar.

É por tudo isso — pelos vizinhos que viraram família, pelas crianças que cresceram com meu olhar, pelas mães que dividiram suas dores comigo — que eu digo com firmeza:

— "Eu sou do Residencial Floresta. E aqui é o meu lugar."

Tem lugares aqui no bairro que são verdadeiros cartões-postais pra mim, mesmo que não estejam em revista nenhuma. Um dos pedaços que eu mais amo é aquele que meu filho chamava de "a fazendinha". Era uma subida, cercada de mato, com uma vista linda — ele olhava e dizia:

— "Mãe, isso aqui é tão bonito, parece uma fazenda!"

E eu sorria, porque ele tinha razão. Era puro verde, céu aberto, silêncio. Uma paz difícil de explicar, e que me corta o coração saber que um dia vão construir ali, vão tirar aquele sossego. Toda vez que passo por ali, ainda respiro fundo e tento guardar a paisagem com os olhos.

Outro lugar especial é a casa da minha mãe, que agora mora aqui pertinho, na Rua Três, ao lado da mata. Comprei uma casa pra ela vir de Itapira e ficar perto de mim. O quintal dela é um encanto. Tem uma trepadeira linda, que floresce de um jeito que emociona. De manhã, o canto dos pássaros se mistura com o cheiro do mato molhado. À noite, o céu estrelado parece mais próximo, mais puro. É um refúgio, é poesia. A casa da minha mãe é o lugar mais bonito do mundo.

Mas, ao mesmo tempo que temos belezas, temos ausências sentidas. Faltam espaços de lazer. Quando entregaram o bairro, fizeram uma pista de skate, que era a única área de lazer para crianças. Mas hoje já está toda quebrada, meio abandonada. E mesmo assim, os meninos ainda vão lá. Porque não tem outro lugar. Aqui não tem playground, não tem trepa-trepa, não tem uma pracinha de verdade com balanço, escorregador, com espaço pros pequenos.

E isso não é só lazer — é estratégia de cuidado. Porque quando a praça está cheia de crianças, o tráfico recua. O espaço ocupado pela vida afasta o que vem pra destruir. O problema é que hoje, muitas dessas áreas viraram ponto de uso porque estão ociosas. Se fossem bem cuidadas, bem iluminadas, bem frequentadas, seriam um antídoto.

Outro espaço que marcou e deixou saudade foi o campinho de futebol lá do Planalto. Era onde tudo acontecia. Depois que derrubaram para construir a quadra, muita coisa se perdeu. Era ali que os meninos cresciam no grito e na bola, suavam a camisa, faziam amizade. Aquele chão ali tinha história.

Eu também vejo que há muita área verde que poderia ser melhor aproveitada. Às vezes me pergunto por que a prefeitura monta academia ao ar livre em bairros onde ninguém usa — só pra dizer que colocou — e aqui, onde as mulheres tanto pedem, não tem nada. Nem uma barra, nem uma prancha de abdominal. Eu já falei disso até com o prefeito. Disse pra ele:

— "Aqui no Floresta as mulheres caminham, lutam, querem se cuidar. Por que não trazem isso pra cá?"

No bairro do Linda Chaib tem. No Sol Nascente tem. No nosso, nada.

Tem muito terreno vazio que a construtora prometeu ser para comércios. Se for mesmo, esse bairro tem tudo pra virar auto-suficiente. Já pensou? Uma padaria, uma farmácia, um mercadinho em cada quadra. Um bairro que se sustenta, que não precisa sair de si para resolver a vida.

Porque tem potencial. Tem beleza. Tem gente. E tudo o que a gente precisa é de olho atento e investimento justo. Porque, como eu sempre digo: o Floresta ainda vai ser muito mais do que é hoje. E eu quero estar viva pra ver.

Se eu pudesse guardar um pedacinho desse bairro dentro de uma caixinha, como quem guarda uma joia rara, com certeza seria a mata que fica atrás da casa da minha mãe. Aquela mata é mais que vegetação — é memória, é identidade, é poesia viva.

Antes, ela era toda fechada, densa, um verdadeiro muro verde, cheio de pássaros, flores, trepadeiras. Agora, abriram um acesso por ali. E eu entendo, até acho que se for pra facilitar a vida dos moradores do fim da rua, tudo bem. Mas já começaram a cortar árvores, a abrir clareiras... e o medo é que, aos poucos, essa mata desapareça. Porque é assim que começa: um corte aqui, outro ali, um cimento acolá... e, quando vê, acabou-se o que era verde.

E olha que essa mata deu nome ao nosso bairro. O "Floresta" é por causa dela. Tirar essa floresta seria como tirar a alma do lugar. Por isso, se eu pudesse preservar um único espaço daqui, seria esse. Porque ele respira beleza, sossego e carrega a essência de tudo que nos rodeia.

Mas a verdade é que o bairro inteiro é bonito. Tem um quê de charme rústico, de canto escondido com valor. Até o trem que passa, que tem gente reclamando do barulho, eu gosto. Tem dia que ele para ali na curva e o cheiro de pão quente da padaria invade o ar. É o tipo de privilégio que só quem tem olho doce percebe. E eu sou dessas — de enxergar o lado bom das coisas, de agradecer por ainda existir beleza em meio à dureza.

Sim, tem dificuldade. Sempre teve. Mas a gente já passou por piores. E tem bairros em situação muito mais precária. Aqui, o bairro está crescendo, se transformando, ampliando. Estão construindo mais casas no bairro do Ipê, aqui pra cima do nosso bairro. E isso vai trazer novas possibilidades. Mais gente, mais comércio, mais movimento. O bairro caminha para se tornar auto-suficiente, como eu falei.

E com esse crescimento, o que eu percebi foi uma mudança também na autoimagem dos moradores. Quando o bairro Jd. Floresta foi entregue, muita gente chegou com um pouco mais de estrutura — gente com carro, gente que já vinha de outros bairros com outra visão. Isso acabou contagiando os antigos moradores, que passaram a cuidar mais da fachada da casa, a pintar, a organizar, a deixar o lugar mais bonito. Porque começaram a se enxergar com mais valor.

Antigamente, você passava por algumas casas e dava dó. Eram construídas há 30, 40 anos, sem reforma, sem pintura. Mas hoje, você passa e vê as casas arrumadinhas, pintadas, com flor na frente. Mudou a visão do bairro — e também a visão que o bairro tem de si mesmo.

Então, se for para crescer, que cresça com respeito. Que o mato não vire entulho, que a praça não vire ponto de abandono, que as novas casas venham com dignidade. Porque o Residencial Floresta é um bairro de lutas, de histórias e de afetos. E tudo isso merece ser cuidado com o mesmo carinho com que foi conquistado.

O Residencial Floresta representa muita coisa na minha vida. Muita coisa mesmo! Foi aqui que eu mudei meu olhar sobre o mundo, sobre as pessoas, sobre o que é criar e cuidar de uma comunidade.

Eu vim de uma família humilde, mas com estudo. Minha mãe sempre pegou no meu pé pra eu estudar, pra buscar um caminho. E, quando cheguei aqui, vi que a realidade era outra. Muitas das mulheres do bairro não tinham concluído os estudos, muitas trabalhavam como domésticas, sem uma formação, sem apoio. E aquilo mexeu comigo.

Porque antes eu pensava: "Ah, quem não faz é porque não quer." Mas aqui eu aprendi que não é bem assim. Tem gente que não teve escolha, que a vida empurrou, que cresceu sem chance nenhuma de respirar. E aí a gente percebe que cada história é única, que cada realidade é um universo. Mesmo que pareça parecida com a sua, nunca é igual.

Foi morando aqui que eu aprendi isso. Que eu vi mulheres como eu, mas que não tinham tempo de olhar para filho como eu olhava para os meus. E eu me perguntava: "Por que eu consigo e elas não?" E aí, convivendo, escutando, entendendo, percebi que eu também estava aprendendo a ser uma pessoa melhor. Mais humana. Mais atenta. Mais parecida com a minha mãe — aquela mesma que vivia com a casa cheia de gente, estendendo a mão. Eu dizia que nunca seria assim. Mas fui. E fui com amor.

Por tudo isso, o Floresta me transformou. Me ensinou a ver além do que o olho alcança. E talvez por isso, eu não queira sair daqui. Porque ainda acredito que esse bairro pode se tornar tão lindo quanto o que eu vejo com meus olhos do coração.

Para o futuro da comunidade, o que eu desejo é dignidade, respeito e investimento. Que as praças sejam cuidadas. Que as crianças tenham onde brincar, onde sonhar. Que as mulheres tenham onde se exercitar, onde conversar, onde se fortalecer. Que o poder público olhe com carinho e não com descaso. Que vejam aqui gente de valor, gente que quer crescer junto, e não só estatística de vulnerabilidade.

E se eu pudesse deixar uma mensagem pros jovens que estão crescendo aqui, seria essa:

— “Acreditem em vocês. Vocês são inteligentes, são fortes, são capazes. Vocês podem ser o que quiserem.”

Morar no Jd. Floresta não define o que você vai ser. E não permitam que ninguém use isso contra vocês. Nunca deixe que um olhar de desdém, um preconceito, tire de vocês a fé no próprio valor. Vocês são a prova viva de que daqui sai muita coisa boa.

Quer um exemplo? O Diego. Um menino que começou com a gente nos projetos comunitários. Participava da capoeira, depois entrou no projeto do Águias de Aço, um grupo que fazia treinamento de braço de ferro. Quando a gente perdeu o espaço da escola, eles continuaram no salão do Vila Dias, e o Diego seguiu com eles.

Hoje, o Diego é campeão Sulamericano de braço de ferro. Já viajou pro Mundial na Romênia e levou o nome do Jd. Floresta pro mundo. E começou aqui. Num projeto simples, com a gente, com pão, suco e amor.

Então eu digo: vocês também podem. Se quiserem ser atletas, sejam. Se quiserem ser advogados, professores, artistas — sejam o que quiserem. O bairro é só o chão. O céu é de vocês.

Capítulo 7

A História da Claudinha: Coração de Bairro, Coração de Mãe.

Me chamo Cláudia Ramos Galvão, tenho 50 anos e moro na Rua Sebastião Vaz, no Jardim Planalto. Vim pra cá em 1982, ainda menina, devia ter uns 9 pra 10 anos. Lembro como se fosse ontem. Foi meu pai quem pegou o terreno, junto com a minha mãe, e começamos do zero.

Naquela época, aqui não tinha água, não tinha força, só terra batida e muito mato. A rua era quase toda de terrenos baldios, só existiam umas quatro casas construídas. A casa dos meus pais era um barraquinho de tábuas, porque a gente não tinha condição de levantar a casa de alvenaria logo de cara. Então, fizeram o que dava.

Lembro das casas que já existiam quando chegamos. Tinha a casa do seu João Nestor, que foi o primeiro morador daqui do bairro, pelo que eu me lembro. Depois tinha a casa da dona Aparecida, que já faleceu — lembro dela com carinho. Tinha também o seu José, que todo mundo chamava de "José Piolhento". A gente, como criança, achava que era por causa de piolho, mas não era isso, não. O apelido vinha do jeito dele: ele era "cricri", meio ranzinza, bravo mesmo. Mas era uma pessoa muito bonita, tinha um barzinho aqui no bairro. Era lá que a gente comprava aquelas balas antigas, redondas, que faziam a gente engasgar caso a engolisse de uma só vez. Tinham uns doces de batata, pé-de-moleque, e umas balinhas com recheio no meio.

Além deles, tinha a casa do seu Magalhães, que também era conhecido como Mané Pé-de-Cabra. Tinha o seu João Mineirinho, uma pessoa muito querida, que também já faleceu.

A dona Antônia — a dona Antônia Mafei — chegou bem depois. Quando meus pais vieram, essas casas e essas famílias já estavam aqui. Foi tudo muito no começo, tudo sendo formado.

Mas, apesar disso — de o bairro ser muito afastado e sem infraestrutura —, o bairro era um lugar bom para crescermos. Simples, difícil no começo, mas cheio de vida, cheio de história.

Antes de vir morar aqui no Planalto, eu morava na Rua Sebastião Milano. A casa era dos meus pais, a dona Lourdinha e o seu Aparecido. A rua já era a principal do Planalto, mas naquela época tudo era muito diferente. A gente tá falando de mais de quarenta anos atrás, né? Eu mesma tô aqui no bairro faz mais de quarenta anos. Cresci por aqui.

Mas, antes de tudo isso, a gente morava na Vila Pichatelli, mais exatamente no Aterrado. Lá, a casa era alugada, um barraco de tábua, como sempre foi no começo. Era uma vida muito simples. Meus pais nunca tiveram muito, mas sempre deram o que podiam. A casa era humilde, mas nunca faltou amor. E nunca faltou comida — o que, pra gente, já era tudo.

A gente morava nos fundos de um lugar onde passava a linha do trem. Bem ali onde hoje tem a avenida que liga com o CEBE – Centro de Especialização e Base Educacional –, naquele tempo era só o trilho, e o barulho do trem passando era assustador. Nossa casa ficava no fundo, limite com a linha do trem — era só sair pelo quintal e já pisava nos trilhos. Um perigo, né? Mas a gente era criança e achava tudo uma aventura.

Foi de lá que viemos pra cá. Meu pai, o Sr. Aparecido, fez uma inscrição na prefeitura e conseguiu um terreno aqui, no programa que o prefeito Ricardo Brandão tinha na época. Ele não ganhou, não, viu? A gente pagou — com muito sacrifício, mas pagou. Foi assim que começou nossa vida aqui. Meu pai construiu a casinha de tábuas, simples, mas era nossa. E a gente veio todo mundo pra cá, eu com meus irmãos — somos quatro ao todo. O mais novo ainda era criança de colo quando veio. Hoje ele tem 43 anos. Eu era a mais velha, já ajudava a cuidar deles, ajudava minha mãe com tudo.

Hoje, minha profissão é cozinheira escolar. Sou aquela que o povo chama de "tia da merenda". Trabalho na E. E. Maria Teresa de Jesus Paiva. Também já trabalhei em outras: na Escola Adib, fiquei lá, trabalhei na creche aqui do bairro, trabalhei no Sinhazinha.

E mesmo sem muito dinheiro, a gente veio com coragem. Era nosso chão. Foi aí que começamos a formar nossa vida de verdade.

No começo, era tudo muito difícil. Aqui não tinha acesso pra carro, não. Tudo era barro, buraco, mato e morro. Pra estudar, então, era uma aventura. A gente tinha que descer o morro a pé, muitas vezes na chuva, escorregando, se sujando toda. E lá embaixo, na avenida Francisco Franco Montoro, passava apenas um ônibus, que a gente pegava pra ir estudar. Na época, eu estudava na Escola Professora Cleusa Marilene Vieira de Mello, mas não tinha quase nada por aqui. Só mesmo o barzinho do seu "Zé Piolhento".

Tinha uma escolinha do outro lado da linha do trem, num sítio. Era bem simples, só com uma sala e apenas um cômodo, como diziam. A Fátima, filha do seu João, estudava lá também. A gente ia tudo a pé, atravessando os trilhos. E não tinha merenda, não, viu? Era só a aula e pronto. Depois, construíram o que a gente chamava de "escola de isopor" — não porque fosse de isopor mesmo, mas porque as paredes pareciam; era um material leve, tipo gesso. A gente falava que era escola de isopor e pronto.

Era só uma sala, e nela se dava aula para duas ou três séries ao mesmo tempo. Eu lembro que eu estava na terceira série, e na mesma sala tinha turma da segunda e da primeira também. Tinha aula de manhã e à tarde, tudo junto. Era um cômodo só de sala de aula para todas as turmas. Tinha a salinha da merenda e a cozinha. Era tudo muito simples.

Essa escolinha depois virou o que hoje é a UBS aqui do bairro. Aos poucos, ela foi crescendo um pouco. Passou a ter quatro salas, e tinha um posto de saúde dentro da escola, provisório, até que construíssem o posto aqui onde ele fica hoje.

Lembro que, antes do posto, também tinha um trailer de saúde, antes do posto ser construído. O trailer ficava em frente à casa da dona Idalina (falecida), que era vizinha nossa, e ali tinha atendimento médico e dentário. Era o que a gente tinha. A gente passava no dentista ali mesmo. Era só entrar no trailer, que era bem equipado pra época.

E na casa da dona Idalina acontecia uma coisa mágica: o cineminha para as crianças. Ah, o cineminha… Ela estendia um lençol na parede e a gente assistia a filmes ali. Era uma festa! Tinha pipoca e tudo. E os filmes? Sempre começava com "Os Três Porquinhos", que era o preferido das crianças. A gente amava. Também passavam histórias da Bíblia, de Jesus — era tudo educativo. Não tinha nada de errado, era tudo puro. Era o nosso programa de fim de semana.

E a vizinha do lado da dona Idalina era a dona Rita, uma senhora maravilhosa, que também já faleceu. Ela era pura doação: fazia bonecas de pano para vender, mas também ensinava a gente a costurar, brincar, criar. A gente escolhia o modelo, e ela fazia do jeitinho que a gente queria. Eu lembro que pedia uma boneca morena,

com bochechinhas rosadas e vestidinho rosa. E ela fazia. Às vezes, a gente até ajudava a encher, costurar, aprender. Tudo isso acontecia no barracão da igreja, que era nosso lugar de encontro e de brincadeiras.

Tínhamos também o carro da Sopa do Sr. Vicentim, delícia de sopa e que lembrança gostosa também. Contamos com a ajuda de muitos! E o "leitinho de soja" que era distribuído nas quartas à tarde. Lembro também do carro do frango, que distribuía frango pra vizinhança. também tínhamos várias ajudas com cestas básicas.

E as festas juninas, então? Nossa, como eram boas! A rua enchia de gente. Tinha quermesse, corrida, brincadeiras. Era coisa de comunidade mesmo, todo mundo se juntava. E quem puxava tudo isso era o seu Rubens. Ele é uma alma alegre, organizava as festas, fazia fogueira, bolo gigante, dança de quadrilha, pau de sebo com dinheiro lá em cima e brincadeira de criança. E ele não fazia por dinheiro, não. Ele fazia pelo bairro, por amor. Conseguia envolver todo mundo: criança, jovem, adulto, idoso. Era todo mundo dançando junto, sorrindo, vivendo.

Outro dia mesmo, no sábado passado, eu estava lembrando disso. Pensei: "Nossa, se fizessem isso de novo…" Porque aquilo era alegria verdadeira, coisa de família, de vizinhança, de pertencimento. O seu Rubens era o coração do bairro naquela época. Fazia questão de celebrar o Dia das Mães, o Dia das Crianças — tudo com bolo, festa, carinho. Era sagrado.

Contudo, o cenário aqui no começo era estranho, até meio triste. Não era só por não ter nada no bairro — que era só terra, mato e umas "plaquinhas". Era assim que a gente chamava as sinalizações de madeira dos terrenos. Menina, isso aqui parecia um cemitério de plaquinhas! Uma do lado da outra, com o nosso nome escrito, qual lote era dela e os dados do lote. Por exemplo, no meu tinha: "Cláudia Ramos, quadra 1, lote 3." Era assim que a gente identificava qual era o lugar de cada um.

Não tinha estrutura nenhuma. Tinha só um abacateiro enorme onde hoje é um condomínio. E o que hoje é o Jardim Floresta, naquela época, era um canavial imenso, que ia até perder de vista. O bairro era só terra vermelha, chuva, poeira. Não tinha iluminação, não tinha calçamento, não tinha ônibus, não tinha nada.

Pra ir trabalhar, pra estudar, pra tudo, a gente tinha que descer o morro a pé. Tinha gente que andava quilômetros. Não tinha carro que subisse aqui. Era barro puro. E chovia, viu? Chovia mesmo. A gente descia o morro todo escorregando. Teve muito tombo.

Tinha uma coisa que marcou muito essa época: a mina d'água. Lá embaixo, tinha uma biquinha d'água, como a gente chamava. E lavava roupa ali, tomava banho ali, pegava água para beber e para cozinhar. Não tinha encanamento, então era aquilo ou nada. A gente achava que era uma cachoeira de verdade. Lá a gente ria,

se refrescava e brincava. Só depois de muitos anos é que a gente descobriu que aquilo era um cano gigante, daqueles de concreto, que vinha sabe-se lá de onde. E a água? Vinha das chuvas! Era água fluvial de Mogi Mirim. A gente não sabia disso, claro. Na nossa cabeça, era água de rio, de mina, dessas naturais.

Tinha um moinho por perto também. Lembro de uma vez, a gente brincando por ali, e o trem passava tremendo tudo. A gente sentia o chão balançar. Mas era o que tinha. A gente tomava banho naquela água com gosto de ferrugem, e achava que estava num paraíso. Hoje eu olho pros meus filhos e falo: "Vocês são Nutella demais! Não podem pisar na chuva, na terra, que já reclamam." E eu fui criada no meio da lama, da enxurrada, do chão batido. E sobrevivi. E sou feliz.

Hoje em dia, quando olho esse bairro todo cheio de casa boa, condomínio, rua asfaltada, UBS, escola, ônibus passando… eu penso: "Nossa, quanta coisa mudou." E mudou pra melhor. Mas aquelas memórias antigas, daquele tempo de plaquinha e mina d'água, são as que mais aquecem meu coração.

Do bairro, a coisa que mais me marcou foi a escola. Quando chegou, só tinha aquela salinha, uma só, e a gente dividia tudo. Mas depois, quando começou a crescer, ganhar estrutura… nossa, aquilo pra mim foi uma vitória. Porque eu só estudei até a quarta série. Hoje, eu trabalho na escola, sou cozinheira escolar, terceirizada, não concursada — mas pra mim é como se fosse um sonho, sabe? Poder estar num lugar onde as crianças têm o que eu não tive.

Eu casei com 12 anos. Eu estava grávida já, da minha primeira filha, a Márcia, que hoje tem 36 anos. Eu conheci o Carlos, meu marido, muito cedo. Ele tinha 14, eu 12. E os dois, crianças, cheios de feridas no coração. Vivíamos em lares difíceis. Meu pai… ele foi um homem que não deixou faltar comida, mas batia muito, era agressivo, duro demais. Batiam na gente por qualquer coisa. Em mim, na minha mãe… e em mim era mais ainda.

Meu pai espancava. Era quase todo dia. E minha mãe, coitada, apanhava e chorava em silêncio. Ela ainda é viva, mas carrega as dores daquela vida até hoje. A gente vivia com medo. Medo de falar, medo de errar, medo de tudo. Meu pai faleceu, mas as marcas ficaram. Então, quando o Carlos apareceu, eu vi ali uma chance de fugir daquilo.

O Carlos também vinha de uma vida difícil. Até os 14 anos, ele esteve na Fundação Casa, que na época era chamada de Febem. A mãe dele era uma mulher boa, mas lutava contra o alcoolismo. Ele perdeu o pai cedo, foi criado pelo seu Zé, mas acabou se envolvendo em coisas erradas. Mesmo assim, quando a gente se conheceu, ele me falou: "Cláudia, eu vou tirar você daí. Eu não aguento mais ver você apanhando." E tirou mesmo. A gente casou às escondidas, com juiz,

advogado, tudo legalizado, porque minha mãe tinha medo do que meu pai podia fazer. Foi um casamento de urgência, de proteção.

E assim começou minha vida adulta, com 12 anos, grávida, e uma barriga crescendo. Eu tive a Márcia com 13, de cesárea, porque ainda era uma criança. Eu morei num cômodo, na casa da sogra, com o Carlos. Ela tinha só filhos homens, então quando a Márcia nasceu, ela se apegou muito. Tanto que não me deixou criar minha filha. Ela falava que meu leite não prestava, que eu não sabia dar banho, que era muito nova… e eu, criança, acreditava.

Hoje, a Márcia me cobra: "Mãe, a senhora não deixou eu mamar..." E eu choro. Porque ela mamou sim, mas foi pouco. E não foi por maldade minha. Foi que me tiraram o direito de ser mãe. Me tiraram a infância. E a maternidade também.

Quanto aos meus filhos… depois da Márcia, vieram os outros. O Diego, que eu tive com uns 14 anos — esse eu já consegui cuidar melhor. Depois veio a Mayara, o Danilo, Nayara e o mais novo, o Nicolas, que nasceu em 2008. Todos criados com muito esforço, com muito amor. O Carlos mudou. De menino perdido, virou um pai presente, trabalhador, companheiro. Tem vergonha do passado dele, mas nunca deixou faltar nada pros nossos filhos. Ele é meu porto seguro.

E eu fui me criando sozinha. Aprendi tudo com a vida. Eu não sabia o que era menstruação, o que era direito, o que era infância. Nunca tive uma boneca que fosse só minha. Brincava com boneca de pano, quando dava. Às quatro da manhã eu já estava de pé, acendendo fogão de lenha, fazendo café pro meu pai, cuidando dos meus irmãos. Estudar? Nunca foi prioridade em casa.

Mas Deus foi comigo. Deus me levantou. Porque com 12 anos, sair de casa grávida, sofrendo, e conseguir criar uma família, manter de pé, é milagre. E hoje eu olho pros meus filhos e falo com orgulho: "Vocês não sabem o que é chão de barro, mina d'água, fome de verdade. Mas saibam que a mãe de vocês deu tudo o que pôde."

E eu não tenho raiva, não. Tenho cicatriz. Mas também tenho gratidão. Porque no meio de tanto sofrimento, Deus me deu uma vida cheia de amor.

Eu nunca saí daqui. Sempre morei no Planalto. E não troco, não. Podem falar o que quiserem, mas eu não troco esse bairro por nada. Já ouvi muita gente falar mal, fazer piada, criar fama ruim — mas eu defendo com unhas e dentes, porque eu sei da história, eu sei o que a gente construiu aqui com suor, com dor, com dignidade.

A verdade é que quem faz o bairro é a gente. O que eu mais gosto daqui são as pessoas, o coração do povo, essa comunidade que, mesmo sofrida, é cheia de calor, de união. Claro que tem erro, tem coisa errada, mas isso tem em todo lugar. O

problema é que o Planalto foi estigmatizado, carregou nas costas uma fama por causa de alguns meninos do passado, que sim, se envolveram em coisa errada — mas isso existia em todo canto. O erro foi tratar aqui como se fosse o único lugar com problema.

Quando começou a vir a infraestrutura, a água, a luz, o asfalto, a gente sentiu orgulho. Mas, mais do que isso, quando eu vi a escola crescer, aquilo me emocionou. A escola onde eu trabalho hoje é o lugar que eu ajudei a construir com minha história, com minhas dores, com meu amor. É ali que eu vejo vitória. Porque criança como eu fui, sem carinho, sem estrutura, sem brinquedo, sem infância, ainda existe. E é ali que eu tento fazer a diferença.

Eu digo pra eles: "A tia também passou por isso. A tia sabe o que é chegar em casa e não ter um abraço, não ter quem escute." E por isso que eu me coloco no lugar deles. Quando uma criança se descontrola, fala alto, bate o pé, eu não vejo só um comportamento errado — eu vejo uma história por trás, uma falta, um grito de socorro.

O pessoal critica a escola. Dizem: "Ah, essa escola não presta." Mas não sabem o que falam. A escola é feita de gente que luta todo dia, com 23 alunos por sala, cada um com um mundo dentro de si. E ali não tem agressão como inventam. Inventam mentiras, espalham coisas que não aconteceram. Assim como falam do bairro. Criam boato, alimentam o preconceito. Mas eu vejo com meus olhos o quanto tudo isso evoluiu.

Quando eu vi no jornal que iam construir mais 160 casas aqui, eu chorei. Porque eu vi que o bairro está crescendo, que a gente está no centro das mudanças. O Planalto é o coração. O Jardim Floresta de um lado, os condomínios do outro, e a gente aqui, no meio, pulsando a vida. E essa descida maravilhosa, esse pedaço de chão que foi só barro e sofrimento, hoje tem vida, tem história, tem futuro.

E é isso que eu mais amo: fazer parte disso. Saber que, mesmo com tudo que passei, eu ainda estou aqui. Firme. No meu bairro. No meu lugar.

Ah… tem sim. Tem muita lembrança forte. Umas boas, outras doloridas. Mas todas fazem parte da história desse chão. Uma das coisas que mais me marca até hoje é lembrar.

Ali, naquela descida onde hoje passa carro com facilidade, morreram pelo menos três pessoas que eu lembro. Acidentes mesmo, porque os carros não viam nada. Era ladeira, curva e escuridão. Era um tempo difícil, de tristeza e descaso. Então, quando eu vejo aquela descida pavimentada, iluminada, com asfalto lisinho, me dá um aperto no peito, mas também uma alegria danada. Porque eu penso: "Quantos sofreram aqui, e hoje isso virou conquista."

E agora, a farmácia, que muita gente pode achar pouco, mas pra nós foi um sonho realizado. Porque no começo, se precisava de um remédio à noite, ou corria o risco de não achar, ou então ninguém entregava aqui. Quando você falava "é no Planalto", muitos cancelavam. Motorista de aplicativo cancelava, entrega de farmácia cancelava. Por causa da fama injusta do bairro, por causa de dois ou três que fizeram besteira no passado, a gente carregava o peso. Mas hoje, a farmácia vem, entrega sim. Algumas vêm, outras ainda não. Tem preconceito ainda, mas melhorou muito.

E outra coisa: esses bairros novos chegando aqui por perto, tipo Pousada do Sol, Floresta, condomínio novo… pra mim, isso é crescimento. É vida nova chegando. Porque mostra que o bairro tá no caminho. Mostra que aquele pedaço de terra batida virou comunidade, virou morada digna.

Então, quando eu vejo tudo isso, sabe o que eu penso? Eu penso que o Planalto pode até ter começado como um amontoado de plaquinhas, como um "cemitério de madeira", como diziam… Mas hoje ele é coração. Coração que pulsa. Que sofreu, que resistiu, que cresceu.

E eu tô aqui. De pé. Com meu coração enraizado nesse chão.

Ah, falar do cotidiano aqui no Planalto é falar de luta, de batalha diária, mas também de união e de muito amor pela vida simples. Tem gente que fala que o Planalto é violento, perigoso. Mas eu digo com todas as letras: isso é por causa de dois ou três que fizeram coisa errada. A maioria aqui é gente honesta, trabalhadora. Gente que acorda cedo, sobe e desce o bairro com bicicleta, com mochila nas costas, que vai a pé mesmo, debaixo de sol e chuva, pra ganhar o pão.

O que me dói é que muita gente só vê o defeito, só enxerga a falta, mas não vê as qualidades do nosso povo. Ninguém comenta quando a mãe "solo" sobe o morro com a criança no colo e ainda vai trabalhar. Ninguém fala dos avós que cuidam dos netos com todo amor. Agora, se sumir um fio lá embaixo, o bairro inteiro vira assunto. Mas e o sacrifício de quem corre o dia todo? Isso ninguém vê.

E muitas vezes, o preconceito parte da própria comunidade, sabe? A gente ouve coisas tipo: "Ah, essa escola não presta" ou "esse bairro é largado." Mas a verdade é que tem muita gente boa aqui dentro. E eu sei, porque vejo com meus olhos todos os dias.

Antes de trabalhar na escola, eu trabalhei com flores, lá na região que o pessoal chama de Holambra, que na verdade era pra frente de Martim Francisco, na Usina da Esmeralda. Era trabalho pesado nas estufas de rosas, cinco anos de suor, calor, veneno. Trabalhei também na UBS, fui agente comunitária de saúde por sete anos aqui no bairro. Conheci casa por casa, gente por gente. Aí veio o concurso... e

eu não tinha estudo suficiente. Perdi o cargo. Sofri demais. Quase entrei em depressão. Mas Deus me levantou de novo.

Voltei a trabalhar na roça, debaixo de chuva e de sol, com veneno, sol rachando na cabeça. Enquanto isso, meus filhos me ajudavam em casa. A Márcia, minha mais velha, cuidava dos irmãos, estudava, dava conta de tudo. Cresceram comigo, na luta, na base do esforço. E hoje estão todos encaminhados, todos casados, todos batalhadores.

Perdi um neto, filho da Nayara, o Azaf que eu considerava como se fosse um filho. Ele faleceu aos 4 anos, em novembro/24. Foi uma dor imensa perder esse neto, que eu ajudei a criar. Mas Deus sabe o que faz. Ainda tenho os meus seis filhos, e o caçula tem 17 anos, que é meu xodó. E com ele, continuo criando, orientando, educando. E sobretudo, mesmo na dor, houve superação e união na família, e eu ainda me apego na felicidade de ser avó de mais 6 netos e o oitavo está a caminho. O Asaf, com certeza, está olhando por nós com os Anjos do Todo-Poderoso.

Meu marido, o Carlos, é um companheiro verdadeiro. Foi menino rebelde no passado, mas hoje é técnico do time do Planalto. Aquele time que coleciona troféus, tudo guardado no bar do Maestro. A gente briga por esse bairro, com orgulho. A gente vive por ele, porque é nossa raiz.

E é por isso que eu falo com firmeza: não troco o Planalto por lugar nenhum. Aqui tem história, tem memória, tem gente com garra. Aqui tem vida de verdade.

Contudo, existe uma coisa que une o povo do Planalto: isso é o futebol. Temos muitos troféus do nosso time. O futebol aqui no bairro vem de lá de trás, quando tudo ainda era barro e mato — o time já era motivo de orgulho. Começou com os mais antigos — seu João Nestor e o Gaiola; eram eles que cuidavam. A esposa do Gaiola foi a coordenadora da creche, uma mulher incrível! E uma curiosidade triste foi que ela faleceu dentro da creche onde trabalhava, cuidando das crianças. Então, a escola onde eu trabalho atualmente chama-se Maria Teresa de Jesus Paiva, em homenagem a ela. Eles moravam em frente a casa do Sr. Rubens, ali na parte antiga do bairro, onde tudo começou.

Naquela época, o campo era de terra, as camisas eram costuradas na mão, mas o amor pelo futebol era o que mais importava. Com o tempo, o time foi passando de geração para geração. E hoje, quem toma conta dele é meu marido, o Carlos — e antes ele jogava no time. E o futebol aqui vai passando de geração em geração.

E olha, ele é motivo de muito orgulho pra gente. Já fomos campeões em 2005, 2015, temos troféus guardados no bar do Maestro, que é quase um museu do time. Todo mundo sabe que ali tem história. E agora, dia primeiro de junho,

começa o campeonato amador da cidade. É disputa de bairro, e o Planalto vai com tudo!

Tem camisa, tem torcida, tem gente do bairro inteiro reunido. É a "Vai Planalto!" O futebol aqui não é só esporte — é tradição, é família, é memória viva. Meus filhos cresceram vendo isso, todos eles gostam, todos torcem. E eu, claro, sou a primeira a estar lá, gritando na arquibancada, batendo palma, vibrando. Porque esse time é nossa bandeira.

E sabe… pode falar o que quiser do Planalto. Mas se quiser ser meu amigo, não fale mal do meu bairro e nem do meu time. Porque aqui tem gente de verdade, tem história, tem honra.

Ah, se eu fosse contar tudo o que já aconteceu nesse bairro... ninguém acreditava! O Planalto sempre teve um lado sério, de luta, de suor, mas também teve muita história engraçada, curiosa, doida mesmo — daquelas que viram folclore local, sabe?

Uma das mais famosas era sobre o seu Cícero. Todo mundo aqui falava que ele virava lobisomem. Eu juro! Era só chegar sexta-feira que ninguém queria passar lá perto da casa dele, que era de frente para o que hoje é a quadra. Antigamente, ali era só plantação de mandioca e mato. As crianças morriam de medo, porque diziam que depois da meia-noite ele se transformava. Eu nunca vi não, mas conhecia bem ele, viu? Era um senhorzinho todo cheio de problema físico, andava com dificuldade, tinha as mãozinhas tortas, a sobrancelha grande, os pelos da orelha — parecia mesmo uma figura de história. E como o povo tem imaginação… criaram isso. E as crianças, então? Quando ele passava com a muletinha dele e carregando a sacolinha do mercado, já saíam correndo dele. Eu brigava: "Gente, para com isso! Ele é só um homem doente, ele não é lobisomem coisa nenhuma!" Eu não tinha medo dele não — mesmo na lua cheia eu passava na frente da casa dele, sem problema nenhum. Coitado dele! O homem morreu com esse estigma de lobisomem.

Brincávamos de esconder debaixo do pé de abacate e as minhas amigas não queriam ir para perto da casa do seu Cícero. Tinha uma árvore lá embaixo que diziam ser do tempo dos escravos, e durante a noite ela fazia barulho de fantasma, de corrente arrastando. Eu nunca vi nada disso, vivia sentada debaixo dessa árvore. Tenho certeza de que isso era apenas história de conto, folclore desse povo. Os meus amigos falavam que viam um fantasma sentado no fio atrás de mim. Eu olhava e nunca vi nada mesmo!

Tinha também as histórias da camisa branca flutuante. Olha só: diziam que nas noites de Carnaval, depois da quaresma, lá por volta da meia noite, uma camisa branca saía andando sozinha lá no morro. E a gente, criança, morria de medo.

Ninguém queria sair de casa depois de certa hora. Se ouvia um barulho, pronto: "É a camisa branca!" E o povo jurava de pé junto que via. Diziam que se você olhasse pro abacateiro na descida do morro, a moita balançava sozinha, que não podia olhar, que era assombração. E o pior é que balançava mesmo, né? Mas era o vento, óbvio!

Minha filha mais velha, a Márcia, jura que já viu o Curupira. Disse que foi subindo a escada, lá na casa da minha sogra, que ficava de frente com a quadra. E não foi só ela, não — os amiguinhos também diziam que viram. Tudo criança com imaginação fértil!

E olha, não parava por aí. Já falaram que aqui sapateava mula sem cabeça, que tinha alma penada, corrente arrastando, que aparecia bola de fogo no céu… gente, era tanta coisa que às vezes a gente chorava de tanto rir.

Porque o Planalto é isso: um bairro cheio de verdades e lendas, cheio de dor e de risos, cheio de gente que vive, que sente, que sonha. E eu tenho orgulho de ter vivido cada pedaço, cada história, cada capítulo dessa terra.

Ah, tem muita gente que deixou saudade nesse bairro. Gente que a gente fala o nome e o coração aperta. Um dos que mais marcou foi o seu João Mineirinho. Ah, era figura amada por todo mundo. Ele era um senhor baixinho, andava com muletinha, e tinha um coração que não cabia no peito. Ele fazia brincadeira com os motoristas de ônibus: parava o coletivo levantando a perninha, fazendo gesto, e os motoristas, já conhecendo ele, paravam rindo. Todo mundo em Mogi Mirim conhecia o seu Mineirinho. E a gente, criança, adorava ver aquela cena. Era leve, era humano, era o Planalto em pessoa.

Outra que deixou marca foi a dona Maria Preta. Ela morava aqui com a filha, a Lena, que era minha amigona. A gente sente falta dela demais, porque era uma daquelas mulheres que fazia o bairro ser comunidade, não só lugar. Era carinho, era abraço, era conselho. Se foi, mas ficou na memória.

Teve também o seu João, pai da Idê — esse aí, a gente lembra rindo e correndo. Ele não era fácil, não. Quando a gente ia chamar a filha dele pra brincar, ele tacava pedra, xingava, amaldiçoava a criançada. E veja se tem cabimento uma coisa dessas: jogávamos tudo quanto era coisa na criação dele, até pegávamos os ovos das galinhas e quebrávamos para nos vingar dele, por conta das maldades que ele fazia. E no dia seguinte, ele batia na gente. Hoje eu lembro e até dou risada, mas a criançada do meu tempo não era fácil, não! Veja quanta traquinagem fazíamos! Nós não éramos fáceis mesmo!

Tinha o roubo de laranja, subíamos nos abacateiros, fazíamos nossas casas na árvore — a minha casa na árvore era a maior, tinha até quarto! Brincava com a Kelly, e tenho muita saudade.

E quem lembra da Casa de Bloco? Antes do bairro ser como é hoje, existia a casa do seu Darcy, um ex-funcionário da prefeitura. Ali era onde a gente parava para beber água, descansava e assistia ao bairro sendo construído, com os tambores cheios de água trazidos pelo caminhão-pipa. Toda semana ele vinha, despejava nos tambores, e a gente se virava com aquilo. Era vida dura, mas era vida vivida com dignidade.

A Igreja Católica foi outra conquista linda. Feita em mutirão, com a força da comunidade. Quando começou a crescer, a igreja puxou junto o coração do bairro. Vieram mais moradores, mais ruas, mais estrutura.

E teve o primeiro mercadinho, o do seu Mário. Nossa, como eu me lembro disso! O mercadinho ficava onde hoje é uma igreja, em frente a casa do Sr. Rubens também. Era ali que minha mãe trocava o cheque do pagamento da roça, depois de uma semana inteira ralando. O caminhão deixava eles aqui na frente do mercado no final da tarde, e era um dia muito quente. Corríamos para encontrá-la e sentíamos o cheiro da poeira subir quando o caminhão ia embora. E a maior lembrança feliz era que sentíamos a euforia de fazer a compra da semana. Eu chamo essa lembrança de "dia ensolarado" lá em casa. Porque, pra mim, quando criança, aquilo era felicidade verdadeira e o sol parecia até mais brilhante: o calor dele no rosto, minha mãe chegando, cheiro de poeira e o mercadinho apinhado de gente; não tinha nada melhor.

O Planalto era um bairro bem gostoso para viver, sabe? Tinha dificuldades, tinha luta, mas tinha essa alegria enorme em fazermos coisas simples, essa vida cheia de gente de verdade, de histórias que a gente leva no coração e carrega por toda a vida.

Ah, aqui vizinho é família. Eu falo isso com toda a certeza do mundo. Faz 32 anos que eu moro na mesma rua, na mesma casa, e graças a Deus nunca tive problema com ninguém. É amizade, é parceria, é alegria na porta de casa. Eu costumo dizer: se eu gritar no meio da rua, todo mundo me responde. Porque aqui é assim: ninguém passa batido, todo mundo se conhece.

Na minha rua, tem a vizinha da frente, a Sônia; a dona Vera, uma vizinha de coração bom; do lado, tem a prima Neide. Tem o Edinho, tem a casa que era da falecida Flávia, que hoje abriga uma nova família. Tem a casa da Indianara, da Sophia, da dona Fátima... Nunca tive problema com ninguém. São tantas outras pessoas boas que fazem parte da minha história, da nossa rua.

As crianças brincam na porta de casa, jogam bola, correm, gritam — igualzinho a gente fazia antes. E eu amo isso. Fico sentada, vejo a rua viva, e penso: "É disso que é feito o bairro — de vizinhança alegre."

E se precisar, um ajuda o outro. Se faltar açúcar, se a criança se machucar, se alguém estiver triste, a gente se junta. É uma solidariedade verdadeira. E eu faço amizade com todos, não tenho frescura. Falo com gente nova, com gente antiga, com o povo do Planalto e até do Floresta. Falo com todo mundo. O bairro inteiro me conhece. Eu sou daquelas que sai gritando: "Bom dia, vizinhança!", e se ninguém responde, eu grito de novo.

Então, quando me perguntam se o Planalto é ruim, eu digo: não é, não. É o povo que faz o lugar. E aqui, meu povo é bom.

Uma das histórias que mais me marcou aqui no bairro — e que até hoje eu não consigo contar sem me emocionar — aconteceu numa época de Natal, muitos anos atrás, quando meu marido estava desempregado… e eu também. A gente não tinha nada, nada mesmo. Nem energia elétrica na casa, nem água encanada, nem comida suficiente. Era dezembro, e eu lembro que meus filhos pediam roupa, um sapatinho, qualquer coisa, porque Natal e Ano Novo tem isso, né? A criança quer sair, quer se arrumar. Mas a gente não podia dar nada.

Eu pegava baldinho d'água no vizinho e aquecia no fogão. Cuidava das crianças como podia. A Mayara era bem pequenininha, devia ter uns dois aninhos. E eu me perguntava o tempo todo: "O que eu vou dar de Natal pros meus filhos?" A ceia era inexistente, não tinha nem vela em casa. Naquela noite, eles queriam sair pra ver os fogos, mas eu disse que não, porque não tinha como mandar eles pra rua sem chinelo e sem roupa decente. E a gente ficou ali, sentado na escadinha da porta, vendo os fogos estourarem no céu enquanto eu chorava em silêncio. Eles também choraram. Foi uma noite de silêncio e tristeza.

Mas aí, no dia seguinte — sete da manhã — eu acordei ainda sem saber o que fazer. Rezei. Falei com Deus. Pedi uma saída. Pedi um alívio.

E por volta das onze horas da manhã, parou um caminhão na frente da minha casa. Grande, com o símbolo do Lavapés pintado na lateral. Eu lembro até hoje. O motorista desceu e começou a descarregar caixas, sacolas, alimentos, brinquedos, roupas, calçados, doces, leite, panetone, peru… tudo o que você pode imaginar numa mesa natalina de verdade. Aquilo parecia um sonho.

Eu, sem entender nada, perguntei: "Moço, quem mandou isso?" E ele respondeu: "Senhora, só me mandaram entregar neste endereço." Mais nada. Até hoje eu não sei quem foi.

Mas pra mim, foi Deus. Só pode ter sido. Foi Ele que tocou o coração de alguém e mandou aquela bênção inteira para minha família. Meus filhos se alegraram, sorriram, se vestiram, comeram, brincaram. E aquele Natal que parecia perdido virou memória de milagre.

Toda vez que o fim do ano chega, a gente lembra dessa história. A gente reza pela pessoa que fez aquilo, mesmo sem saber quem foi. Porque foi a mão de Deus, passando pelo bairro, batendo na minha porta, dizendo: "Você não está sozinha."

O que me faz sentir parte dessa comunidade?

É o amor que eu tenho pelas pessoas. É esse coração que Deus me deu e que transborda vontade de acolher. Se eu pudesse, eu abraçava todo mundo desse bairro. Principalmente as crianças — ah, as crianças, essas eu queria todas por perto, queria cuidar, proteger, ensinar.

É aqui que eu presenciei o certo e o errado, o bom e o ruim, as lágrimas e as vitórias. Foi aqui que nasceram meus filhos, que criei minha família, que plantei minhas raízes. E foi aqui também que eu me transformei. Porque eu já fui estourada, briguenta, impaciente — e Deus me pôs justamente onde eu mais precisava aprender: no meio do povo, como agente de saúde.

Nunca esqueço quando comecei no postinho. Me mandaram logo na casa da dona Tereza, que era brava demais, língua afiada. Eu contei até 10, 20, 30... 40, respirei fundo e insisti. Ela me xingou de tudo quanto é nome. Mas eu voltei. E voltei. E um dia, ela abriu a porta com um sorriso e me chamou pra tomar café. A mulher que ninguém conseguia atender virou minha amiga. Ali eu aprendi que nem todo grito é grosseria, que nem toda cara feia é maldade, e que, às vezes, a gente só precisa de paciência e respeito para tocar o coração do outro.

Depois saí do postinho, fui trabalhar com flor, com o povo da roça, com o povo do Planalto. No ônibus, tudo gente daqui. Fui criando vínculos, conhecendo gente de Santo Antônio de Posse, de Martim Francisco, de Holambra. Mas sempre voltava. Porque Deus me queria de volta aqui. E hoje tô na escola, e amo o que faço. Já vi criança nascer, vi mãe perder filho, já fui buscar criança para vacinar, já cuidei de bebê no colo, já fui mãe, vizinha, agente, cozinheira e amiga — tudo aqui.

O Planalto me ensinou que a gente não precisa ter muito pra ser muito. Que quem ama, transforma. Que as histórias difíceis viram lição. Sobre pertencer a um lugar acaba sendo muito mais do que morar — é construir junto, chorar junto, vencer junto.

Eu sou Claudinha, do Planalto. E isso aqui é a minha vida.

Se tem um lugar aqui no bairro que eu não queria que mexessem nunca, é a mata ali no fundo do Floresta — aquela que muita gente conhece, mas poucos entendem o valor que ela tem pra nós.

Aquela mata tem história, tem memória, tem coisa que só quem viveu aqui desde o começo entende. Ali era caminho nosso, era entrada para o bairro, quando o Planalto ainda era mato e silêncio, antes do asfalto, antes da estrutura. Entrávamos pelo canavial, que saía da Chácara das Uvas, passava por ali e chegava aqui. A Chácara das Uvas fazia parte da entrada do bairro e chegava até o bairro Pichatelli, onde eu morava quando era criança. Ali a gente brincava de correr, andava de bicicleta.

Aquela trilha entre a mata e a terra batida era o que ligava a gente ao mundo. Eu lembro das vezes em que passava ali, das histórias contadas pelos mais velhos, das crianças correndo, das lendas que moravam naquele pedaço de sombra e raiz.

Por isso eu digo: aquilo ali tem que ser preservado. Porque não é só árvore e mato — é memória viva. É parte do que a gente foi, do que a gente é. É a raiz do bairro. E raiz a gente não arranca, a gente cuida.

O que eu mais desejo pro futuro dessa comunidade?

Ah… que ela cresça muito mais. Que venham mais casas, mais estrutura, mais oportunidade. Mas, principalmente, que acabe o preconceito com o nosso bairro. Isso é o que mais machuca.

Porque todo mundo sabe, e eu não escondo: meu bairro é o Planalto. É meu orgulho. É onde eu cresci, onde formei minha família, onde fiz minha história. Eu tenho camiseta de torcida com o nome do bairro e uso com orgulho. Outro dia mesmo, eu tava com ela e mostrei pra um menino: "Tá vendo aqui? Jardim Planalto Querido. Tá escrito na minha camisa, tá escrito no meu coração." Meu Planalto Querido. Carrego no peito com a camiseta da torcida do time.

Mas é duro, sabe? Porque quando a gente fala que é do Planalto, muita gente já olha diferente. Já pensa besteira. Já liga a gente à violência, à marginalidade, ao que não presta. Só porque alguém, um dia, errou, e jogaram o peso em todos nós. Mas eu não sou bandida, eu não sou marginal. Eu sou trabalhadora, sou honesta, sou mãe de família, sou pessoa de fé.

E eu ensino isso para os meus filhos. Ensino isso para os alunos da escola. Digo: "Nunca abaixe a cabeça por causa de preconceito." Se te julgarem, diga de onde você veio com orgulho. Diga: "Sou do Planalto e tenho valor." O chão que eu moro não me define.

E para os jovens que estão crescendo aqui, eu deixo um recado do fundo do coração:

“Não desistam dos seus sonhos. Não aceitem que ninguém diga que vocês não são capazes. Estudem, lutem, trabalhem, batalhem pelo que vocês acreditam.”

Mesmo que a vida pareça difícil, mesmo que tudo diga que não dá, levantem a cabeça. Eu mesma já fui catadora de laranja, já perdi emprego por falta de estudo, já passei fome, chorei na escada da minha casa. Mas nunca desisti. E tô aqui, com os pés no chão do Planalto, dizendo pra vocês: vocês podem ser o que quiserem. Só não deixem o preconceito matar o sonho que mora dentro do peito.

O Planalto é gente. É história. É amor.

E eu sou Cláudia Ramos Galvão — mãe, cozinheira, vizinha, torcedora, filha da terra. E aqui é o meu lugar.

Capítulo 8

A História do Sr. Ronaldo: As mãos que constroem, as memórias que sustentam.

Me chamo Ronaldo Diniz Lemes, nasci no dia 24 de dezembro de 1973. Moro aqui na rua Sebastião Vasco, no Jardim Planalto. Vim pra cá quando eu tinha uns dez anos, foi por volta de meados da década de oitenta. Desde então, cresci aqui, vi esse lugar se transformar... e eu também me transformei com ele.

Antes disso, eu morava lá no Jardim Scomparim, na casa de uns tios meus. Meu pai tinha alugado lá. Aí, quando saiu o bairro aqui, a gente veio. Era tudo estrada de terra, sem luz, sem nada. Bem no comecinho mesmo. Eu fui um dos primeiros moradores, sim.

Lembro das festas do seu Rubens. Não participava muito, não, era criança ainda, mas lembro do bolo, que dizem que tem até hoje. Minha avó também morava aqui, meus pais também — Sebastião Borges Lemes e Vicentina das Dores Lemes. Eles ficaram aqui por muito tempo. Moraram aqui até uns dois anos atrás, acho que até 2023, mais ou menos. Agora estão morando fora, mas olha... já tão querendo voltar.

Hoje eu trabalho como encarregado de depósito em supermercado. Entrei nesse ramo cedo demais... comecei com 14 anos, já registrado, no antigo Lavapés — lembra do mercado lá do Zerão, pertinho daqui? Fiquei lá 30 anos. Depois o Lavapés foi vendido, e aí eu continuei com o novo empregador, já vai fazer seis anos que tô com eles. No total, são 36 anos de empresa. Primeiro emprego e, se Deus quiser, o último também.

Ainda não me aposentei. Vou ter que esperar aposentadoria por idade, porque tempo de contribuição eu até tenho, mas como comecei novo, talvez só consiga

alguma coisa mesmo lá pros 60 anos. Mas, por enquanto, sigo firme. Graças a Deus, sou de ferro, né?

Meus pais vieram pra cá quando saiu o programa "Esse Chão é Seu". A gente morava de aluguel lá no Jardim Scomparim e não tinha condição de nada. Aí meu pai conseguiu um terreno aqui. Eu não sei se ele pagou, se ganhou... nunca ficou muito claro pra mim, ninguém disse o contrário também. Só lembro que ele dizia que foi uma ajuda. A casa foi feita com tijolo doado, material que iam jogar fora. Como a gente não tinha como construir, foi assim, na força e na união. Meus pais tinham quatro filhos pequenos na época, um seguido do outro. E foi assim que eles conseguiram levantar a casa.

Morei com eles até meus 19 anos, quando me casei. Daí construí nos fundos da casa deles e fiquei lá por 12 anos. Depois disso, com 30 anos, eu comprei a minha própria casa, ainda aqui no bairro, claro. Porque eu não consigo me imaginar fora daqui.

Quando a gente chegou, o bairro era só estrada de terra. Não tinha luz, não tinha nada. Lembro que a rua era cheia de curva, e de noite era um breu só. A gente brincava no escuro mesmo, na rua, sem medo, até mais tarde. Às vezes o pessoal ligava rádio alto ou deixava a TV bem no volume pra ouvir as novelas. A energia elétrica demorou pra chegar, mas quando veio, foi aquela alegria.

Água e esgoto? Quase nada. O pessoal pegava água na bica, tinha que improvisar. E o esgoto... era aquela coisa jogada, tudo muito improvisado. A gente foi crescendo junto com o bairro, sabe? Vi tudo isso se transformando. E continuo aqui, firme.

Se eu fosse dizer qual foi a mudança que mais me marcou... olha, é difícil apontar uma só. Porque eu vim pra cá criança, né? E fui crescendo junto com o bairro. É como se a minha vida tivesse sido moldada aqui, passo a passo, junto com esse chão. O desenvolvimento foi bem lento, e ainda é — o bairro está longe de ter tudo que outros lugares têm. Mas, ao mesmo tempo, tudo o que sou foi formado aqui.

Minha família foi construída aqui. Minha esposa é do bairro, meus filhos nasceram aqui. Hoje meu filho mais velho já tem 31 anos. E aí você olha pra trás e vê que o bairro e a gente se misturam. Minha história e a história desse lugar viraram uma coisa só. Então, o que mais me marcou foi isso — a vida acontecendo aqui, aos poucos, com as dificuldades e também com os laços que foram se criando.

E olha que quando tive a chance de comprar uma casa, fui procurar fora, sim. Entrei em tudo quanto era programa da prefeitura. Na época era o Dr. Paulo que organizava esses projetos habitacionais. Até cheguei a ser contemplado num deles, lá pro lado do bairro da Linda Chaib. Contudo, o que saiu pra mim foi casa pronta. Estava só com cinco anos de trabalho, e fiquei com medo de não dar conta de pagar a prestação.

Aí meu pai falou: “Fica aqui mesmo, não sai não”. E foi o que eu fiz. Fiquei. Quando já estava mais firme no emprego, apareceu uma casa aqui no bairro mesmo. Fiz um financiamento, deu certo, e hoje tá tudo quitado, casa própria. E o bom é que eu já conhecia o lugar, conhecia o povo, era minha terra. Então foi natural ficar.

Tem coisa que marca a gente desde cedo. Nos primeiros anos, eu lembro das brincadeiras na rua. Minha mãe sempre deixava a gente brincar solto. A gente era do tipo que jogava bolinha de gude, fazia pega-bandeira. Nossa geração era diferente. A rua era nosso quintal, nossa praça, nossa diversão. Era bom demais.

Mas também teve acontecimentos tristes. Muita coisa aconteceu no bairro ao longo dos anos. Mortes que marcaram, crimes que assustavam, principalmente quando a gente era pequeno. Naquela época, era mais comum crime com faca, não tinha esse negócio de arma como hoje. Mas ainda assim, era coisa pesada.

Apesar disso, nunca tive problema aqui. Graças a Deus, em 40 anos de casa, ninguém nunca entrou na minha casa pra roubar ou fazer mal. Eu sempre fui mais de trabalho, casa, igreja. Não sou de balada, nem de ficar em bar. E acho que isso também ajudou. Porque quem se mistura com o que não presta, acaba se envolvendo em coisa errada.

Claro, como todo lugar, o bairro tem seus desafios, suas histórias boas e ruins. Mas o que fica mesmo é essa trajetória de vida que foi crescendo junto com o bairro. E é por isso que eu fico.

O dia a dia do bairro, quando eu era mais novo, era muito diferente. Eu comecei a trabalhar cedo, com 14 anos, direto no mercado Lavapés. Na verdade, foi o único lugar que trabalhei a vida toda — comecei como aprendiz e fiquei. Hoje estou no Cubatão, que é a continuação dele, depois da venda. Então, minha rotina sempre foi trabalho, casa, igreja.

Mas o bairro... ah, o bairro mudou muito. Lá no começo era só mato. Aqui embaixo era tudo canavial, e uma mata fechada. Era pouca casa. Depois foi chegando mais gente e, claro, muitos também foram embora. Hoje em dia, já tem comércio, mercado, farmácia, açougue, escola, creche... mas isso tudo é recente. Naquela época não tinha nada. A escola estadual mesmo demorou pra vir. O posto de saúde também foi depois. O bairro foi se formando devagar, sem pressa.

Festas e celebrações? Sempre “teve” aqui no bairro, mas eu não participava muito, pois trabalho desde muito novo. Tinha futebol, e nisso eu era envolvido, gostava bastante. Era o que mais unia o povo. Agora, nas festas juninas mesmo, eu não participava, por ser cristão (evangélico). Nunca me envolvi muito nessas coisas.

Mas lembro que o seu Rubens, ele fazia todo ano — fechava a rua, organizava tudo. O povo todo vinha.

Meu envolvimento era mais com as coisas evangélicas. Tínhamos cultos ao ar livre, reuniões cristãs, encontros que juntavam até gente de fora do bairro. Às vezes formávamos um grupo e íamos visitar outra igreja, ou recebíamos gente aqui. Até hoje a gente continua com isso.

Eu sou da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico. A sede é em Limeira, mas aqui no bairro temos uma congregação, e eu sou o responsável por ela. A gente tem culto às terças, quintas e domingos aqui, quarta-feira num sítio, que temos um trabalho. Então a semana está cheia. E é isso que me mantém firme. A fé é minha base.

Quanto a alguma história curiosa, engraçada... olha, de verdade, não lembro de nenhuma em especial que tenha acontecido comigo. Mas ouvia muita coisa por aí, daquelas histórias que o povo inventa, sabe? Tipo que tinha lobisomem no mato — falavam direto isso. Eu, como sou mais cético, nunca dei bola. Mas o pessoal jurava que via coisa. Às vezes era só um cachorro grande, um lobo-guará, sei lá... e já virava um lobisomem na boca do povo. Eu mesmo nunca vi, graças a Deus!

E era isso: o bairro com seus "causos", sua poeira, sua mata, e "uma gente" que, mesmo com pouco, sabia viver junto. Era mais simples. Mas era mais unido também.

Uma figura muito querida, que eu sempre lembro com saudade, é meu tio. Quando eu era criança, tinha muita afinidade com ele. Ele morava aqui no bairro, e eu me espelhava muito nele. Foi uma referência pra mim. Mas depois que ele se mudou, a gente acabou se afastando. Ele foi morar em outro bairro, não é nem tão longe, ele ainda mora aqui na cidade de Mogi, mas a vida vai seguindo, eu casei, ele também seguiu com a família dele... e o contato se perdeu. Sinto muita falta dele e daquele tempo.

Embora eu tenha nascido em Santa Rita do Sapucaí, fui criado aqui. Acho que até os meus cinco anos fiquei lá, depois a vida foi toda aqui mesmo, em Mogi Mirim, no Jardim Planalto.

A relação com os vizinhos sempre foi tranquila. Nunca tive problema com ninguém, e eu acho que sou mais conhecido do que conheço pessoas. Muita gente me conhece por conta do trabalho no supermercado, outros por causa dos cultos, do envolvimento com a igreja. Eu tento manter o respeito e a educação com todos, sempre. E o pessoal daqui é muito gente boa, todo mundo fala isso, e eu concordo. É um bairro com um coração grande.

Solidariedade? A gente vê bastante, sim. Aqui na congregação, às vezes a gente se organiza para ajudar alguém, mesmo que não seja muito, procuramos sempre estar

ajudando as pessoas. Durante a pandemia, não tivemos uma atuação grande aqui no bairro, porque a nossa congregação depende da sede, e a parte financeira é toda com eles. Mas acredito que a sede da nossa igreja fez alguns trabalhos, sim. Aqui, a gente não tinha tanta estrutura pra isso. Mesmo assim, eu já doei coisas aqui no bairro, fiz o que pude. Creio que mesmo as pequenas ações fazem a diferença no mundo ao nosso redor.

Sinto que sou parte dessa comunidade. Cresci aqui. Minha vida foi feita aqui. Quando surgiu o Residencial Floresta, acabou trazendo uma certa divisão, porque entrou bastante gente nova, e nem todos se misturaram com quem já morava aqui. Vieram também alguns problemas com polícia, segurança no bairro, mas tem muita gente boa lá também, disso eu tenho certeza.

Se eu tiver que ir no bairro Floresta pra fazer alguma coisa, eu vou. Conheço bastante gente de lá. Mas meu sentimento de pertencimento mesmo é com o Planalto. É o bairro que me viu crescer. Então, tudo o que acontece por aqui, seja no Planalto ou no Floresta, reflete na gente. No fim das contas, é tudo parte do mesmo bairro, da mesma história.

Se tem um lugar de esporte que ficou gravado na minha memória, foi o campo de futebol lá embaixo. Aquilo ali era o coração do bairro pra mim quando eu era mais novo. Não tinha quadra, não tinha nada: era só o campinho mesmo, de terra, com trave, com o pessoal se reunindo pra bater bola. A gente passava bastante tempo lá. Fazer esporte ali era alegria pura naquela época.

Depois, fizeram uma quadra no mesmo lugar do campo. Quem tomava conta do time naquela época era um senhor, não recordo o nome dele, mas era o pai do Everaldo, que infelizmente já faleceu. Foi ali que muitos de nós crescemos, no meio da bola, da amizade, do pó vermelho da terra e da gritaria dos jogos improvisados.

Aquele campo deixou de existir, e com ele, foi embora um pedaço da minha juventude. Quando eu casei, minha esposa já não gostava que eu jogasse bola. Então fui deixando de lado. Joguei mesmo dos 12 aos 15 anos, e depois parei. Fiquei mais em casa, no trabalho, envolvido com as coisas da igreja.

Hoje, até há uma pelada (jogo de futebol informal) ou outra entre o pessoal da igreja, mas é raro. A gente até jogou uns dois anos atrás, mas é difícil de acontecer. A vida vai mudando, e a gente muda junto.

Se tem um espaço que eu gostaria que fosse preservado, é a mata, que o pessoal chama de floresta, fica perto de onde era o campo. Era ali onde meu pai caçava tatu, de madrugada. Ele tinha um cachorrinho, e a gente ia atrás de tatu. Isso mesmo — de tatu! Eu era menino, e meu pai andava no escuro, com o cachorro farejando. Quando o bicho entrava no buraco, meu pai fazia uma espécie de gaiola

de madeira, com fundo largo, tampa em cima. Deixava lá e voltava mais tarde. Às vezes às quatro ou às cinco da manhã, ele voltava sozinho para ver se o tatu tinha ficado preso. E quase sempre dava certo.

A gente passou muita dureza naquela época. Era o que tinha. A caça era para pôr comida na mesa. Hoje em dia é proibido, e com razão. Mas naquela época era sobrevivência mesmo.

Essa mata, esse jeito de viver, esse tempo em que tudo era mais bruto e mais simples, isso precisava ser lembrado, sabe? Nem que fosse só como memória viva. Porque é parte do bairro, parte da história, e parte da minha infância também.

O Jardim Planalto, pra mim, é minha vida inteira. Tudo que eu sou, tudo que construí, está aqui. Foi aqui que cresci, que vi meus pais lutando, que comecei a trabalhar, que me envolvi com a igreja, que namorei, casei, criei meus filhos. Tudo isso aconteceu nesse pedaço de chão. Se algum dia eu tiver que sair daqui — o que eu duvido muito — vai ser difícil. Porque esse bairro carrega minha história inteira. Foi onde nasci como homem, como pai e como cristão. É aqui que está meu primeiro emprego, minha fé, minha família. É tudo.

Tenho três filhos. Dois são biológicos: um com trinta e um anos e uma com vinte e seis. E tem outro agora, que está com 12 anos, e que é meu filho do coração, e decidimos adotá-lo. Essa história dele é muito especial pra mim.

A gente nunca pensou em ter mais filhos depois dos dois. A minha esposa teve muitos problemas na gravidez, estourava varizes e corria risco de vida. A médica deu uma carta avisando que ela não podia engravidar mais. Ela chegou a fazer cirurgia nova, ainda com 20 anos, por causa disso. Então ficou decidido: ficaríamos com dois filhos. E estávamos bem assim.

Mas um dia, o irmão dela estava morando com uma mulher, e essa mulher engravidou. Diziam que o bebê era dele. A gente começou a ajudar a cuidar do neném. A casa era lotada. Tinham oito pessoas, não tinha condição nenhuma. Aos poucos, o menino foi ficando mais com a gente.

Então a gente pensou: "Esse menino já está com a gente, já é nosso. Entramos com o advogado." Conseguimos a guarda legal, não foi adoção completa porque o processo é mais demorado, mas a guarda levou dois anos. E desde então, é nosso filho. Ele nos chama de pai e mãe, nos reconhece como família. Quando era pequeno, minha esposa trabalhava, e às vezes a mãe biológica dele ajudava a olhar, mas ele sabia que a educação era nossa. E hoje, mesmo sabendo de tudo, ele escolheu ficar com a gente.

Eu tenho pra mim que filho é filho de Deus. E adoção é um gesto sagrado. É como se Deus colocasse uma criança no nosso caminho pra gente cuidar com amor, como se fosse gerado por nós. Minha esposa trata dele como tratou os dois mais velhos. O mesmo amor, o mesmo cuidado, o mesmo olhar.

E ele? Ah, ele é um caçula cheio de personalidade. Briga com a mãe, a mãe briga com ele. É família, né? Do jeitinho que é. Com suas alegrias, suas tensões, suas histórias.

Esse bairro me deu tudo isso. E eu só tenho a agradecer. Porque mesmo com todas as dificuldades, mesmo sem asfalto, sem luz no começo, foi aqui que a vida aconteceu de verdade. E é aqui que ela continua.

Se eu pudesse fazer um desejo pro futuro desse bairro, seria que ele crescesse mais, mas crescesse com estrutura. Porque o bairro está meio afastado da cidade, e por isso mesmo o povo sofre. Falta muita coisa aqui ainda. O que eu queria era ver o bairro sendo auto suficiente, com tudo o que o povo precisa dentro do próprio bairro.

Por exemplo, a gente precisa de um supermercado maior, uma oficina mecânica, outros açougues e farmácias... tudo que a gente precisa no dia a dia e que hoje tem que sair pra buscar longe daqui. Queria ver o bairro completo, forte, como tantos outros por aí que já têm tudo.

Outra coisa que precisa melhorar muito é o transporte. O funcionamento da linha de ônibus é muito difícil aqui. Passa a cada duas horas. Quem não tem carro sofre demais. De manhã ainda tem mais horários, mas se precisar de ônibus, por exemplo, às dez da manhã, não tem — só lá pro meio-dia. E se tiver que ir pro centro resolver alguma coisa, acaba perdendo o dia inteiro. Quem depende de carro por aplicativo também sofre, porque nem sempre eles vêm até nosso bairro por conta do preconceito e da suposta violência que tem fama de existir por aqui, e às vezes é caro demais.

Então, o que eu queria era isso: um bairro mais independente, com estrutura decente, que pudesse oferecer tudo aqui mesmo, sem depender de ir pro centro ou para outros bairros. Um lugar onde as próximas gerações possam viver bem, com dignidade, sem passar pelos apertos que a gente passou.

Porque o bairro é bom, tem gente boa, tem história. Só precisa ser olhado com mais carinho. Eu torço por isso.

Hoje, no mercado, está cada vez mais difícil encontrar mão de obra. A gente brinca, mas é sério: o pessoal quer ganhar, mas não quer trabalhar. Tem gente que quer o salário, mas não quer encarar o serviço. E aí eu sempre pergunto: o que é trabalho, de verdade? Trabalho é esforço. É compromisso. É dignidade. Mas tem muita gente que ainda não entendeu isso.

Se eu pudesse deixar uma mensagem para os jovens que estão crescendo aqui no bairro, seria essa: abram os olhos para o que o mundo está oferecendo hoje. Porque o mundo tem vendido valores muito baratos, muito rasos. E tem gente comprando essas ideias sem pensar duas vezes.

Meu conselho é que eles pensem no futuro, que pensem em crescimento de verdade — financeiro, pessoal, espiritual. Que construam uma vida com estrutura e maturidade. Hoje em dia, as oportunidades existem. Quando eu comecei, com 14 anos, você não precisava de currículo, era na conversa com o gerente. Hoje existe programa de aprendiz, curso técnico, faculdade, tudo mais acessível. Só depende deles quererem.

Eu mesmo estudei só até a quarta série, mas depois corri atrás. Fiz eliminação de matérias, terminei meus estudos, me formei em teologia, fiz seminário bíblico. Se eu quiser entrar numa faculdade hoje, eu consigo. Porque nunca é tarde para aprender.

Mas não é só de estudo que a vida se faz. É de valores. Os jovens precisam de fé, respeito, amar ao próximo. Cristo ensinou isso. Olhar para o outro com humanidade. Porque o mundo de hoje tá virando ao contrário: filho manda no pai, não pode mais corrigir, tudo vira caso de conselho tutelar... e com isso, estão crescendo sem limite, sem rumo.

O que eu vejo é que, se eles não mudarem a mentalidade, vão sofrer. Não só eles, mas também as empresas, o comércio, a cidade toda. Porque ninguém cresce sozinho. Já vejo isso acontecer: jovem passando por cima de um papel no chão, e não pega. Eu, se vejo, vou lá e recolho. Isso é mentalidade de cuidado, de respeito pelo lugar onde vive, pelo trabalho dos outros.

Então, minha palavra para os jovens é: cresçam com consciência, com fé, com respeito pelos pais, pelos mais velhos. Porque está lá na Palavra: *"Honra teu pai e tua mãe para que se prolonguem os teus dias."* E é verdade. Quem honra, cresce. Quem cuida do que é dos outros, um dia terá o próprio.

E mais do que tudo: que tenham esperança, mas tenham esforço também. Porque o futuro vem — e ele vai ser do tamanho do empenho que vocês tiverem hoje.

Se eu tivesse que dizer quem é o Ronaldo, eu diria que sou um homem em construção. Um homem que, aos 51 anos, ainda está aprendendo, crescendo, descobrindo. Às vezes eu penso: *"Se eu tivesse aprendido certas coisas antes, talvez teria vivido melhor ainda."* Mas eu não reclamo, não. Porque, mesmo com as dificuldades, eu não desisti.

Também sou encarregado de uma empresa e reconhecido por isso. Quando eu era mais novo, ninguém me dava nada. Era tímido, calado, não colocava minhas

opiniões. Não tinha "boca para nada". E hoje, eu sei me posicionar, sei quem eu sou, sei o que eu conquistei. E isso ninguém tira mais de mim.

Comecei a trabalhar cedo, com 14 anos, foi por necessidade. Tive que parar de estudar pra ajudar em casa. Naquela época não tinha isso de jovem estudar e trabalhar, não. Se fosse dizer que ia estudar, nem contratavam. Quando o gerente me perguntou se eu estudava, eu disse que não — mesmo que tivesse vontade de continuar. Era pegar ou deixar, e eu peguei.

Na época, o bairro também não ajudava. Não tinha escola por aqui, era longe. Tentei estudar em outro bairro, mas não deu certo. E meu pai arrumou um emprego. E lá fiquei. Até hoje.

Então, se você me perguntar quem é o Ronaldo, eu te digo: sou um moço que aprendeu na luta. Que caiu, que levantou, que amadureceu mais tarde, mas amadureceu com firmeza. Que descobriu que fé, trabalho e respeito são os pilares de uma vida digna. E que agora vê tudo isso refletido no que tem: uma casa, uma família, três filhos, uma igreja, um bairro inteiro de histórias.

E se isso virar um capítulo de um livro, como você disse, fico feliz. Porque a gente não precisa ser famoso pra ter história. Basta viver com verdade. E isso, eu vivi.

JARDIM PLANALTO
QUERIDO

NUNCA VOU
TE ABANDONAR
NOSSA UNIÃO
FAZ A DIFERENÇA
VÉIA

Minha Casa
Minha Vida
CAIXA

CRAS
CRAS JARDIM PLANALTO

É com profundo orgulho e emoção que apresentamos este livro, que nasce do encontro com histórias de vida que formam a verdadeira alma do Jardim Planalto e do Residencial Floresta. “Esse Chão é Nosso” é mais do que um registro: é o reflexo de trajetórias de pessoas que, com sua força, dedicação e sensibilidade, transformam o cotidiano em aprendizado, inspiração e esperança.

Viver o processo de construção deste livro foi um privilégio imensurável. Acompanhar cada história, ouvir cada memória e perceber a potência de moradores como Dona Antônia, Sr. José, Claudinha, Baiano, Pastor Ronaldo, Flávia, Sr. Rubens e Conceição trouxe uma riqueza de aprendizado que vai muito além de qualquer programa ou serviço. Aqui, cada relato demonstra a importância da presença, da escuta atenta e humanizada e do reconhecimento do protagonismo de quem habita e constrói o território. Atuamos e atuo nestes territórios há mais de 10 anos, e é incrível essa experiência profissional.

A iniciativa do ICA de oportunizar este projeto evidencia a força transformadora de ações que valorizam a comunidade. O livro mostra que investir em memória, em histórias locais e em lideranças comunitárias não é apenas registrar o passado: é fortalecer a identidade do bairro, inspirar novas gerações e consolidar o sentido de pertencimento. Cada página revela que o território fala por si e que suas riquezas estão nas pessoas que o vivem, lutam por ele e acreditam na coletividade.

As histórias aqui reunidas nos ensinam sobre resiliência, cuidado e compromisso com o bem comum. Elas mostram que cada morador é uma liderança, cada gesto cotidiano tem valor e que a potência da comunidade se manifesta na união, na solidariedade e no amor pelo lugar que se chama de lar. Este livro é, portanto, uma homenagem a essas trajetórias, à memória viva da comunidade e à capacidade de acreditar na transformação a partir da própria realidade.

Que “Esse Chão é Nosso” seja também um convite: para que possamos olhar com atenção, respeito e sensibilidade para as histórias de vida que existem ao nosso redor, reconhecendo o valor de cada pessoa, a força do coletivo e o papel fundamental de iniciativas que oportunizam a escuta, a valorização e o protagonismo comunitário. Que cada leitor possa se inspirar na coragem, na determinação e na potência de quem constrói seu bairro todos os dias, mostrando que, mesmo diante dos desafios, é possível acreditar na humanidade e no bem comum.

-Danilo Silva Alberti - Coordenador do Projeto Espaço Cultural ICA Planalto

ISBN: 978-65-988428-0-2

9 786598 842802

REALIZAÇÃO

Lei Rouanet Incentivo a Projetos Culturais

guaçu

TENNECO

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

OBRA DESENVOLVIDA COMO PARTE DO PROJETO ESPAÇO CULTURAL ICA PLANALTO.